

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS, MEMÓRIA E
PATRIMÔNIO

MESTRADO PROFISSIONAL

TÁTILA ROBERTA SOUSA SANTOS SILVA

FOLIA DE REIS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL EM ITAPURANGA-GO -
COMPARTILHAMENTO DE SABERES, MEMÓRIAS E SIGNIFICADOS

GOIÁS – GO
2023

TÁTILA ROBERTA SOUSA SANTOS SILVA

**FOLIA DE REIS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL EM ITAPURANGA-GO -
COMPARTILHAMENTO DE SABERES, MEMÓRIAS E SIGNIFICADOS**

Relatório técnico apresentado à banca do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio, Mestrado Profissional, da Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Cora Coralina (PROMEP/UEG), como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Raul Amaro de Oliveira Lanari

**GOIÁS – GO
2023**



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autora

Nome completo: Tátilla Roberta Sousa Santos Silva

Email: professoratatila@hotmail.com

Dados do trabalho

Título: FOLIA DE REIS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL EM ITAPURANGA-GO -
COMPARTILHAMENTO DE SABERES, MEMÓRIAS E SIGNIFICADOS

Tipo:

Tese Dissertação

Curso/Programa: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio
(PROMEP/UEG) - Mestrado Profissional.

Concorda com a liberação documento

SIM NÃO

¹Período de embargo é de até um ano a partir da data de defesa.

Goiás, 20 de dezembro de 2023

Assinatura autora

Assinatura do orientador

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

S586f Silva, Tátilla Roberta Sousa Santos.
Folia de Reis como patrimônio cultural em Itapuranga-GO :
compartilhamento de saberes, memórias e significados
[manuscrito] / Tátilla Roberta Sousa Santos Silva. – Goiás, GO,
2023.
164 f. ; il.

Orientador: Prof. Dr. Raul Amaro de Oliveira Lanari.
Relatório Técnico (Mestrado em Estudos Culturais, Memória
e Patrimônio) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de
Goiás, 2023.

1. Patrimônio cultural. 1.1. Folia de Reis - Itapuranga, GO.
1.1.1. Memória. 1.1.2. Identidade. I. Título. II. Universidade
Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU : 719(817.3)

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

TÁTILA ROBERTA SOUSA SANTOS SILVA

**FOLIA DE REIS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL EM ITAPURANGA-GO -
COMPARTILHAMENTO DE SABERES, MEMÓRIAS E SIGNIFICADOS**

Relatório Técnico submetido ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP/UEG), Mestrado Profissional, para fins de Exame de Defesa como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História. Aprovada em 12 de dezembro, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes docentes:

Prof. Dr. Raul Amaro de Oliveira Lanari – (UEG)
Orientador

Prof. Dr. Liszt Vianna Neto (PUC-Minas)
Membro Externo

Profa. Dra. Maria Dailza da Conceição Fagundes (UEG)
Membro Interno

Prof. Dr. Yuri Mello Mesquita (PUC-Minas)
Suplente Externo

Profa. Dra. Luana Nunes Martins da Lima (PROMEP/UEG)
Suplente Interno

Goiás, 12 de dezembro de 2023.

Os bens culturais tomados como “legado vivo” que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às gerações futuras, reúnem referenciais identitários, memórias e histórias – suportes preciosos para a formação do cidadão. As memórias e referências do passado fundamentam, por um lado, a coesão entre os indivíduos que compartilham afetos, sensibilidades, tradições e histórias. E, por outro, evidenciam diferenças culturais que podem favorecer a aceitação da diversidade como valor essencial para o convívio em sociedade (Pelegri, 2009, p.23-24).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela oportunidade aqui estar e por ter me sustentado e capacitado nesse caminhar. Agradeço por tudo que Ele fez e fará em minha vida.

Com amor, agradeço meu marido, Paulo Maurício, meu companheiro e incentivador. Obrigada por acreditar, por me escutar e entender minhas ausências. Agradeço aos meus filhos Pedro Henrique e Isah, por me apoiarem e entender que precisei me ausentar para dedicar-me aos estudos. Agradeço aos meus pais Valdir Ferreira e Maria Aparecida, e aos irmãos Diego Sousa e Rener Sousa, pois sei que sempre estive em suas orações. Aos meus cunhados Atelina e Ênio, que estiveram presentes nesse caminhar, o meu muito obrigada. Também agradeço a todos os meus familiares e amigos que entenderam minha ausência necessária na busca de conhecimento e aprimoramento profissional.

Agradeço ao professor Dr. Raul Amaro de Oliveira Lanari pelas orientações, indicações de leituras, pela parceria e incentivo. Só Deus sabe o quanto sou grata pelas conversas. Vou levar sempre comigo expressões suas como “Uai sô, seu trabalho é bão, confia!”, que me encorajam de maneira descontraída e repleta de sensibilidade.

Aos professores Drs. Liszt Vianna Neto e Maria Dailza da Conceição Fagundes, agradeço pelos olhares atentos durante a qualificação deste trabalho. Suas sugestões e apontamentos de ajustes foram fundamentais, o que possibilitou a apresentação desta dissertação em formato de relatório técnico nesta versão.

Minha gratidão a todos os docentes do PROMEP, que compartilharam seus tempos e conhecimentos. Acima de tudo, com sensibilidade e competência profissional, nos proporcionaram ricas discussões no campo patrimonial, compreendendo sua diversidade, bem como o secretariado e coordenação.

Externo meus agradecimentos aos foliões e folionas pela acolhida com a pesquisa e pesquisadora, ao compartilharem suas vivências e suas maneiras de fazer e ver a Folia de Reis. Agradeço de coração às pessoas que entrevistei, as que

generosamente compartilharam suas memórias, acervos documentais e fotográficos. Obrigada, Antônio Carrinho da Cruz, Antônio Ferreira dos Santos (Antônio Alípio), Edson Pessoa (In Memoriam), Geraldo Delfino de Borba (Seu Geraldinho), Igor Teixeira Pessoa, Jadir de Moraes Pessoa, João Batista Pires de Almeida, João Alberto Rabelo Costa, Joerme Rodrigues Coelho, Josué Vieira Machado, Jurandir Pires Camargo, Marina Leite Carvalho, Miguel Antônio Porfiro, Reinaldo Divino Pessoa, Silvia Luciane Corrêa, Vander Cardoso da Silva Neto, Valeriano Camilo do Nascimento, Wagner Antônio Pereira. Agradecendo-os, estendo assim minha gratidão a todas as pessoas que me proporcionaram momentos de boa prosa sobre esta celebração e suas vivências. Obrigada por terem me presenteado com seus tempos, conhecimentos e pela alegria contagiante que passam, sendo guardiões dessa tradição.

Agradeço ao professor Dr. e folião Jadir de Moraes Pessoa, que tive a honra de conhecer nessa caminhada. Obrigada pela parceria, pelas obras que muito contribuíram no aporte teórico e conhecimento dos sentidos da Folia de Reis, uma celebração analisada como um Patrimônio Cultural em Itapuranga-GO.

Ao gestor municipal Paulinho Imila, pela concessão da licença para aprimoramento, proporcionando-me a oportunidade de me dedicar à pesquisa.

Agradeço aos meus colegas de mestrado, que juntos caminhamos nessa busca de aperfeiçoamento profissional e muito contribuirá em meu ofício, enquanto professora na rede municipal de educação de Itapuranga-GO.

Aos amigos professores Mrs. Jonathas Rodrigues e Claudio Tavares pelo incentivo, pelas sugestões e mensagens motivacionais meu muito obrigada.

Aos amigos e confiantes, Profa. mestranda Giza Castro, Profa. mestra Naira Sousa e Prof. mestrando Fábio Pascoal, agradeço pelos momentos de descontração, risos, desespero e aprendizado que compartilhamos. São experiências que levarei sempre comigo.

Agradeço aos meus colegas de trabalho da rede municipal de educação de Itapuranga, em especial, aos colaboradores da Escola Municipal Coronel Virgílio José de Barros, que abraçaram o projeto de educação patrimonial desenvolvido em nossa escola.

Enfim, obrigada de coração a todos que direta ou indiretamente contribuíram nesse processo, que muito representa em minha vida.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação do chichazeiro onde fora realizada a primeira missa no povoado Xixá.....	19
Figura 2: Paróquia Nossa Senhora de Fátima em meados do séc. XX.....	20
Figura 3: Desfile em comemoração ao aniversário de Itapuranga, 1976.....	23
Figura 4: Construção da rede fluvial de Itapuranga, década de 1970.....	24
Figura 5: Itapuranga na década de 1960.....	25
Figuras 6 e 7: Antiga Pensão Maria Camilo.	26
Figura 8: Paróquia Nossa Senhora de Fátima.....	27
Figura 9: Grupo Escolar Coronel Virgílio José de Barros, meados do século XX.	28
Figura 10: Escola Municipal Coronel Virgílio José de Barros.....	29
Figura 11: Casarão Dr. Cunha Lima.	30
Mapa 1: Localização do município de Itapuranga-GO.	31
Figura 12: Visita noturna durante o giro da Folia de Reis de Lages.	61
Figuras 13 e 14: Saída da Folia de Reis de Lages, festeiros: Valnoir e Cláudia, 25/12/2022.....	66
Figuras 15 e 16: Saída da Folia de Reis Córrego da Onça, casa do Sr. Manoel Gonçalves, 01/01/2023.	66
Figura 17: Presépio e Altar da Folia de Reis de Lages, seguindo as instruções supracitadas. 05/01/2023.....	69
Figura 19: Tenda da Festa de Chegada da Folia de Reis de Lages: 05/01/2023.....	72
Figura 18: Construção do Rancho para a Festa de Chegada da Folia de Reis de Lages, s/d.....	72
Figura 20: Reunião da Folia de Reis de Lages, 03/12/2022.	74
Figura 21: Reunião da Folia de Reis de Lages, 11/11/2023.	74
Figuras 22 e 23: Retiro da Folia de Reis de Lages, 19 e 20/08/2023.	76
Figura 24: Entrega das imagens dos Três Reis à Capela de Lages.....	81
Figuras 25 e 26: Folia de Reis de Lages no giro, 2023.	84
Figura 28: Bandeira da Folia de Reis Córrego da Onça. Altar da Festa da Saída, 01/01/2023.....	90
Figura 27: Bandeira da Folia de Reis de Lages. Altar da Festa da Saída, 25/12/2022.	89
Figura 29: Folia Beija-Flor S. S. do Xixá no giro.....	91

Figura 30: Folia de Reis de Lages. Chegada na casa do festeiro Sr. Valderico de Borba.	94
Figura 31: Palhaço da Folia de Reis de Lages, 05/01/2023.	100
Figura 32: Palhaço diante o Presépio, na festa. Folia de Reis de Lages, 05/01/2012.	101
Figura 33: Festa da Saída da Folia de Reis Córrego da Onça 01/01/2023.	103
Figura 34: Preparativos para a Festa da Chegada – Folia de Reis de Lages.	105
Figura 35: Festa da Chegada - Folia de Lages.	108
Figura 37: Festa da Chegada - Folia de Lages.	110
Figura 36: Festa da Saída - Folia de Lages.	109
Figuras 38 e 39: “Bate-Papo” realizado dia 31/01/2023.	118
Figura 40: “Bate-Papo” realizado dia 31/01/2023.	119
Figura 41 e 42: Algumas das produções artísticas da etapa “Bate-Papo”	120
Figura 43 e 44: Algumas das produções artísticas da etapa “Roda de memórias e avaliação”.	121
Figuras 45 e 46: Roda de conversa realizada dia 08/02/2023.	122
Figuras 47 e 48: Roda de conversa realizada dia 08/02/2023.	123
Figuras 49 e 50: Roda de memórias e avaliação, realizada dia 16/02/2023.	124
Figuras 51: Capa do livro paradidático.	127

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Dados socioeconômicos de Itapuranga-GO.....	31
Quadro 2: Exemplos de versos que são entoados nas cantorias da Folia de Reis de Lages.....	62
Quadro 3: Orações realizadas nas Folias de Reis em Itapuranga-GO.....	63
Quadro 4: Segmentos nas Folias de Reis em Itapuranga-GO.....	64
Quadro 5: Calendário das festas das Folias de Reis analisadas.....	67
Quadro 6: Diretrizes a serem observadas pelos festeiros.....	67
Quadro 7: Diretrizes a serem observadas pelos festeiros no pós-festa.....	69
Quadro 8: Funções nas Folia de Reis analisadas.....	71
Quadro 9: Funções nas Folia de Reis analisadas.....	99
Quadro 10: Etapas da ação educativa.....	116

LISTA DE MAPA

Mapa 1: Localização do município de Itapuranga-GO.....	31
--	----

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEDUC - Coordenação de Educação Patrimonial do Departamento de Articulação e Fomento do IPHAN

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CNRC - Centro Nacional de Referências culturais

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

INRC - Inventário Nacional de Referências Culturais

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MEC - Ministério da Educação e do Desporto

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PIB - Produto Interno Bruto

PPP - Projeto Político Pedagógico

PROMEP - Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio

SECULT - Secretaria de cultura do Estado de Goiás

SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UEG - Universidade Estadual de Goiás

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar o atual cenário das Folias de Reis do município de Itapuranga-GO, no intuito de examinar a relevância da memória, da identidade e do patrimônio cultural na perspectiva da preservação dessa celebração. A investigação seguiu uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico, por meio de um levantamento da conceituação de memória e identidade a partir das reflexões de Joel Candau (2021), Pierre Nora (2012) e Ecléa Bosi (1994). Esses autores enfatizam que se lembramos é porque os outros e a situação presente nos lembram. Tendo em vista ações educativas que possibilitassem o registro, a interação e a visibilidade dos conhecimentos proveniente dos saberes, das práticas e experiências de indivíduos vivos através da memória, buscou-se, através de um projeto de Educação Patrimonial, oportunizar que alunos e professores tivessem contato com vivências, saberes e formas de expressões da manifestação cultural Folia de Reis como Patrimônio Cultural Imaterial. Essa prática cultural entrelaça e amplia conhecimentos de si e do outro, ao promover a empatia, o respeito em relação à cultura, às identidades e às diferenças entre as pessoas, sem preconceitos de qualquer natureza. Os resultados evidenciaram que através da tradição dos conhecimentos e saberes passados de geração a geração, a Folia de Reis no município de Itapuranga permanece viva e se refaz em espaços e lugares diversificados, nos quais homens e mulheres tecem suas histórias de vida e de sua comunidade. Embasado nos resultados da pesquisa, visando atender à necessidade didática de materiais que abordem a história local e patrimônio cultural, bem como contribuir para a disseminação dos sentidos e significados de uma manifestação do Patrimônio Cultural Imaterial do município de Itapuranga, foi elaborado como produto educacional um livro paradidático no formato de E-book. Esse material, como sugestão de apoio didático, apresenta propostas que podem ser desenvolvidas pela comunidade escolar que atendem à demanda tanto de professores quanto de alunos do ensino fundamental I.

Palavras-chave: Folia de Reis, Memória, Identidade, Patrimônio Cultural.

ABSTRACT

This work aimed to analyze the current scenario of “Folias de Reis” in the city of Itapuranga-GO, in order to examine the relevance of memory, identity and cultural heritage from the perspective of preserving this celebration. The investigation followed a qualitative approach of a bibliographic nature, through a survey of the conceptualization of memory and identity based on the reflections of Joel Candau (2021), Pierre Nora (2012) and Ecléa Bosi (1994). These authors emphasize that if we remember it is because others and the present situation remind us. With a view to educational actions that would enable the recording, interaction and visibility of knowledge arising from the knowledge, practices and experiences of living individuals through memory, through a Heritage Education project, we sought to provide opportunities for students and teachers to have contact with experiences. This work also analyze the knowledge and forms of expression of the Folia de Reis cultural manifestation as Intangible Cultural Heritage. This cultural practice intertwines and expands knowledge of oneself and others, by promoting empathy, respect for culture, identities and differences between people, without prejudice of any kind. The results demonstrated that through the tradition of knowledge passed from generation to generation, Folia de Reis in the municipality of Itapuranga remains alive and is being remade in diverse spaces and places, in which men and women weave their stories of life and their community. Based on the research results, aiming to meet the didactic need for materials that address local history and cultural heritage, as well as contributing to the dissemination of the meanings and meanings of a manifestation of the Intangible Cultural Heritage of the municipality of Itapuranga, An educational book in E-book format was created as an educational product. This material, as a suggestion for teaching support, presents proposals that can be developed by the school community that meet the demands of both teachers and elementary school students.

Keywords: Folia de Reis, Memory, Identity, Cultural Heritage.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. FOLIA DE REIS ENQUANTO PATRIMÔNIO CULTURAL EM ITAPURANGA-GO: APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	17
1.1 Raízes históricas: um retrato do município de Itapuranga-GO	17
1.2 Patrimônio Cultural Imaterial – “Redescoberta” e (Re)existência na Valorização da Tradição	37
1.3 Procedimentos metodológicos no estudo da Folia de Reis como Patrimônio Cultural em Itapuranga-GO	53
2. FOLIA DE REIS EM ITAPURANGA-GO – CELEBRAÇÃO QUE CANTA E ENCANTA	58
2.1 Organização: Compartilhamento de saberes e memórias – Folia de Reis um “legado vivo”	60
2.1.1 Caminhando com Fé: Folia de Reis e a Igreja Católica em Itapuranga-GO	
78	
2.1.2 Giro: o acontecer da Folia de Reis	83
2.1.3 Visualizando a Bandeira como Símbolo de União na Folia de Reis em Itapuranga-GO	88
2.2 Foliões e acompanhamento na Festa de Reis – Guardiões da Tradição em Itapuranga-GO	95
2.2.1 Viagem dos Reis Magos – Foliões de hoje	95
2.2.2 Unindo Sorrisos, Emoções e Proteção: O Palhaço na Folia de Reis em Itapuranga-GO	98
2.2.3 Abraçando a diversidade: participação feminina e infantojuvenil	104
2.3 Dois dedos de prosa – A Folia de Reis na perspectiva patrimonial.....	113
3. LIVRO PARADIDÁTICO: ESTRELA-GUIA: UMA JORNADA DE DESCOBERTAS	126
3.1 Apresentação e formato definido	128
3.2 Público-alvo	129
3.3 O impacto esperado	130
4. PROPOSTA DE APLICAÇÃO DO PRODUTO	132

4.1 Manual de uso do livro paradidático: Estrela-guia: uma jornada de descobertas	132
4.2 Proposta de aplicação na comunidade escolar	134
4.3 Devolutiva para a comunidade	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
REFERÊNCIAS.....	141
ANEXOS	149

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa objetivou investigar as particularidades, saberes, costumes¹ e formas de expressões da Folia de Reis no município com três companhias, a Folia de Reis de Lages, a Folia de Reis Beija-Flor São Sebastião do Xixá² e a Folia de Reis Córrego da Onça, no intuito de examinar como essa tradição cultural e religiosa se mantém viva, identificando, desse modo, a relevância da memória na preservação e construção identitária.

O município de Itapuranga está a 164 km de Goiânia (capital do Estado de Goiás), localizado na região Centro-Oeste do Estado, situado na região do Vale do São Patrício. Segundo Pinheiro (2015), a religiosidade exerceu grande influência no povoamento da região. Dessa forma, torna-se evidente a representatividade das manifestações populares de cunho religioso, tema abordado neste estudo com a Folia de Reis.

Dado que as identidades são construídas e os processos de preservação legitimados por contextos histórico-sociais, indaga-se sobre a representatividade de uma manifestação cultural, como a Folia de Reis, no contexto da formação histórica do município de Itapuranga.

Pensando no papel mobilizador da memória e seus desdobramentos nos processos identitários, respeito à diversidade cultural e regional, questiona-se qual a importância da memória na preservação de saberes e costumes na Folia de Reis?³

A partir da formação acadêmica em História e Pedagogia, com atuação profissional no ensino fundamental I – anos iniciais na rede municipal de educação de Itapuranga⁴, surgiu a inquietação de trabalho com a temática da Folia de Reis. Essa abordagem ganhou visibilidade devido aos questionamentos dos alunos sobre o tema. Por meio desses questionamentos houve uma sensibilização para a dimensão da distância entre uma cultura tradicional local e o interesse/conhecimento dos alunos, ou seja, foi no fazer em sala de aula que houve o contato com o objeto de estudo. No

¹ Compreendendo que “O ‘costume’, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto [...] O ‘costume’ não pode se dar ao luxo de ser invariável, porque a vida não é assim nem mesmo nas sociedades tradicionais” (Hobsbawn, 1984, p. 10).

² Popularmente conhecida como a Folia de Reis do Sr. Antônio Alípio.

³ Enxergando-a como descrita por Brandão (2003), uma persistência cultural popular, uma tradição muito antiga, um complexo rito coletivizado, em que há criações pessoais e formas peculiares de cada companhia de refazer e recriar.

⁴ Estando lotada na Escola Municipal Coronel Virgílio José de Barros.

espaço de sala de aula, questiona-se como professora-pesquisadora, qual o interesse/conhecimento das novas gerações⁵ sobre práticas culturais tradicionais sobre Patrimônio Cultural? Desse modo, no decorrer da pesquisa, realizou-se uma ação de educação patrimonial que objetivou visualizar as percepções que o público escolar⁶ traz dessa celebração como Patrimônio Cultural.

Diante do exposto, destaca-se que esta pesquisa foi conduzida por meio do Mestrado Profissional em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio, da Universidade Estadual de Goiás (PROMEP/UEG)⁷, inserido na área de Ensino proporcionando a construção do conhecimento vem atendendo as demandas pela busca de aperfeiçoamento, contribuindo na formação profissional.

Dentre os objetivos, procurou-se abordar aspectos da legislação nacional referente ao campo do Patrimônio Cultural, ao trazer um breve histórico do território selecionado para o estudo; analisar a importância da memória na preservação dos sentidos da Folia de Reis como uma tradição que vem sendo passada de geração a geração; visualizar a notoriedade dessa celebração, enquanto uma tradição reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial em Itapuranga; entender os significados e representatividade dessa manifestação cultural, o fortalecimento de vínculos e a representação do passado; e, enxergar as percepções dos alunos partícipes referente a essa manifestação cultural, a partir de diálogos sobre a temática patrimonial e interações entre integrantes das companhias de Folia de Reis e o referido público.

Nesse contexto, essa pesquisa sobre a Folia de Reis em Itapuranga proporcionará uma melhor compreensão dos sentidos e significados dessa celebração, uma das categorias do Patrimônio Cultural Imaterial. Compreendendo por exemplo, o processo de reconstrução e rememoração, percebendo como as atividades desenvolvidas e os ensinamentos produzidos, inerentes à Folia de Reis, sobrevivem, resistindo ao tempo e as mudanças sociais.

Destarte, pautado por referenciais teóricos, metodológicos e os desdobramentos obtidos com o projeto, os resultados poderão ser apropriados por

⁵ Aqui referindo-se ao público escolar.

⁶ Aqui, alunos dos 5º anos vespertinos da Escola Municipal Coronel Virgílio José de Barros. Alunos do referido ano/serie, que foram autorizados pelos responsáveis via preenchimento do TCLE, e aceitaram o convite em estar participando do estudo via preenchimento do TALE.

⁷ “gestado a partir da trajetória acadêmica e campo de atuação do corpo docente no Curso de História do Câmpus Cora Coralina da Universidade Estadual de Goiás”
https://www.ueg.br/iael/promep/conteudo/20104_conheca_o_promep

professores e agentes culturais nos mais diversos contextos. Com isto, se objetiva difundir subsídios para a realização de ações de Educação Patrimonial e, também, reforçar as ligações entre as políticas educacionais e as de Patrimônio Cultural.

Partiu-se de referenciais bibliográficos que orientasse a pesquisa no sentido de notar o potencial mobilizador da memória na preservação de saberes e construção identitária, no que tange à importância das manifestações culturais dessa tradição, nas singularidades da população local, como afirma Ecléa Bosi (1994, p. 53): “a lembrança é a sobrevivência do passado”. Assim, no exercício da investigação, o olhar, o ouvir e o escrever se complementam através de fontes diversificadas, tendo a pesquisa bibliográfica, análise documental e história oral atuando como o procedimento metodológico norteador desse trabalho.

Como pressupostos teóricos, alguns autores nortearam essa pesquisa, sobretudo Joel Candau (2021), Maurice Halbwachs (1990) e Ecléa Bosi (1994), que contemplam a memória como uma reconstrução do passado a qual permite-nos conhecer a riqueza e diversidade do mundo social; Pessoa (1993, 2005, 2007, 2018, 2021 e 2023), Canesin e Silva (1983), Moreyra (1983), Goulart (2018) cujas reflexões abordam os sentidos da Folia de Reis; recorreu-se às reflexões de autores como Gonçalves (2002), Fonseca (2001,2003), Meneses (1999, 2003 ,2012), dedicados à pesquisa do patrimônio, da legislação e da implementação de políticas públicas no âmbito do patrimônio cultural imaterial, e, autores que trabalham com Educação Patrimonial como Pelegrini (2008, 2009), Simoni Scifoni (2015, 2019), Tolentino (2012, 2016, 2022), dentre outros que tratam da discussão apresentada neste estudo referente ao campo do patrimônio.

Tendo as narrativas como ação e representação dos entrevistados, as fontes orais, juntamente com as iconográficas, possibilitam uma aproximação de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais, em que toda história é uma história de vida. Conforme entendem Kalina e Maciel (2021), as culturas estão sempre em interação e nenhuma cultura é isolada, uma vez que trocas culturais e influências mútuas existem em todas as sociedades.

Dessa forma, essa dissertação em formato de relatório técnico, se estrutura em quatro partes. No item 1, intitulado **Folia de Reis enquanto patrimônio cultural em Itapuranga-GO: apontamentos teórico-metodológicos** o foco é a apresentação do bem cultural. Aborda-se aspectos da legislação nacional referente ao campo do Patrimônio Cultural, trazendo um breve histórico do território selecionado para

pesquisa, visualizando a Folia de Reis como uma tradição que ainda hoje é destaque da cultura regional.

No item 2, **Folia de Reis em Itapuranga-GO – Celebração que canta e encanta**, apresenta-se os resultados alcançados pela pesquisa bibliográfica e de história oral. A partir do levantamento do cenário local referente às Folia de Reis entre seus detentores, este capítulo procurará discorrer de que maneira esta forma de expressão religiosa se dá em Itapuranga, a partir de três companhias, identificando seus principais elementos, momentos e práticas. Pensando a articulação da prática profissional e a pesquisa, demonstra-se, também, como se deu uma ação educativa sob uma perspectiva de educação como um processo constante de criação de conhecimentos, sensibilizando reflexões sobre os saberes locais, fortalecimento de laços e afetividade, oportunizando diálogos entre a comunidade escolar e os detentores de saberes de uma celebração reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial em Itapuranga.

No item 3, **Livro paradidático: Estrela-guia: uma jornada de descobertas**, as discussões concentram-se na apresentação do produto educacional⁸: um livro paradidático no formato de e-book, compreendendo o Patrimônio Cultural como um elemento social inserido nos espaços de vida das pessoas. Tendo sido construído embasado nos resultados da pesquisa, o material é proposto como uma sugestão de apoio didático, com uma linguagem simples e lúdica, visa atender à necessidade de materiais que abordem a história local e patrimônio cultural, bem como contribuir para a disseminação dos sentidos e significados da Folia de Reis enquanto Patrimônio Cultural no município de Itapuranga. E, conseqüentemente, contribuir com a salvaguarda desse Patrimônio local, fomentando discussões sobre a temática patrimonial no contexto escolar, consistindo-se numa fonte de pesquisa e informação.

Por fim, no item 4, **Proposta de aplicação do produto**, o foco centra-se na apresentação da aplicabilidade do produto educacional, contendo o manual de uso do livro paradidático: “Estrela-guia: uma jornada de descobertas”, apresentando-o como uma abordagem eficaz para servir como material didático complementar para professores da rede municipal em Itapuranga, bem como aos que se interessarem

⁸ A criação de um produto final é requisito no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP/UEG).

pela temática apresentada. Nesse item, apresenta-se também a proposta de devolutiva do produto educacional para a comunidade, ressaltando a relevância da realização de uma Prática Pedagógica que inclua, inclua gentes.

1. FOLIA DE REIS ENQUANTO PATRIMÔNIO CULTURAL EM ITAPURANGA-GO: APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A partir dos enfoques que tratam do patrimônio cultural, enfatiza-se que os elementos intangíveis desempenham um papel fundamental na identidade cultural de uma sociedade. Essas abordagens oferecem uma perspectiva que abrange compreensões históricas e conceituais que levaram à formulação da concepção atual de patrimônio cultural.

Desse modo, o aspecto introdutório inicia-se com o histórico do lugar onde se encontra o bem cultural apresentado. Entende-se que a história de um lugar está intrinsecamente ligada às tradições, aos costumes e às expressões culturais de seu povo que corroboram com a formação das raízes que nutrem sua identidade. Ao apresentar a Folia de Reis enquanto patrimônio cultural do município de Itapuranga-Go, serão abordados o referencial teórico e os procedimentos metodológicos dessa pesquisa, que enfatizam a importância de uma abordagem mais ampla e inclusiva na preservação do patrimônio cultural.

1.1 Raízes históricas: um retrato do município de Itapuranga-GO

Distante 164 km de Goiânia, capital do Estado de Goiás, a cidade de Itapuranga está localizada na região Centro-Oeste do Estado, mais especificamente na região do Vale do São Patrício, que integra a microrregião de Ceres e faz divisa com os municípios de Heitoraí, Cidade de Goiás, Guaraíta, Morro Agudo de Goiás, Uruana e Carmo do Rio Verde. Seu nome de origem tupi-guarani e significa “Pedra Vermelha” ou “Lugar de Pedras Bonitas” (IBGE, 2023).

A origem do município remonta à formação de fazendas na região do Ribeirão Canastra no final do século XIX e, posteriormente, à formação do arraial Xixá, comunidade que adotou o nome de uma árvore do cerrado existente na região. A dinâmica das fazendas e do povoado do Xixá se ligava à área de influência da então capital de Goiás, Vila Boa (atual cidade de Goiás), com comunicação por meio de estradas de terra pelas quais passavam tropas de bois (Santos; Lima, 2016).

Entende-se que a história de um lugar está intrinsecamente ligada às tradições, aos costumes e às expressões culturais de seu povo, que levam à formação

das raízes que sustentam sua identidade. Conforme Reis (2017, p. 21), ao abordar a origem do município de Itapuranga, podemos observar que

os assentamentos (fazendas) que deram origem ao povoado Xixá se registram desde fim do século XIX, mais precisamente na década de 1850. O povoado era formado inicialmente por poucas moradias, simples e rústicas construídas de pau a pique e poucas de adobes, neste caso moradores com melhores condições financeiras.

No contexto da fundação de Itapuranga, o Monsenhor Lincoln Monteiro Barbosa, Vigário Geral de Goiás, relata que a ideia de se formar um povoado na região às margens do Rio Canastra deu-se por iniciativa de alguns fazendeiros em 1912. Com esse objetivo em mente, eles buscaram a aprovação do Vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Fino⁹. Logo,

O Vigário não só aprovou o projeto, mas concedeu-lhes a licença de angariarem donativos para aquisição do terreno onde se fixaria o patrimônio. Saíram então duas folhas com a bandeira de São Sebastião. Naquele mesmo ano, a importância recolhida, foi entregue ao Vigário. Em 1914, o Vigário requereu e adquiriu do Estado de Goiás para a Igreja uma gleba de 105 Ha. de campo e mato, à margem esquerda do Ribeirão Canastra. (Livro do Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima de Itapuranga, 1961, p. 1)

Por iniciativa de fazendeiros da região, aprovação e incentivo do Vigário, consolidava-se a fundação do patrimônio. À época,

o Vigário Frei Benevenuto Calazans celebrou a missa no novo Patrimônio. O santo sacrifício foi oferecido a Deus, ao ar livre, à sombra de frondoso chichazeiro com a assistência da população vizinha. Daí a origem do nome primitivo que tomou a povoação e foi grafada XIXÁ. Iniciado com as bênçãos de Deus e da Santa Igreja Católica Apostólica, Romana, começaram os interessados a construir ranchos para habitação das famílias (Livro do Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima de Itapuranga, 1961, p. 1)

Referindo-se a esse período, a festa¹⁰ da Paróquia Nossa Senhora de Fátima¹¹ (2023) trouxe uma representação do chichazeiro que deu origem ao nome do povoado.

⁹ Município de Goiás.

¹⁰ Reis (2017, p. 47) ressalta a importância desse evento para a construção social e religiosa dos itapuranguense, “ainda que passe por transformações não perdem a simbologia e a representatividade de um povo e sua história”.

¹¹ Antiga capela de São Sebastião “fora escolhida pelo povo para ser o verdadeiro padroeiro da cidade de Itapuranga e Nossa Senhora de Fátima, a escolhida pela igreja” (Ribeiro; Lemos, 2005, p. 16), justifica-se assim essa ser referida como “Paróquia Nossa Senhora de Fátima e São Sebastião”.

Figura 1: Representação do chichazeiro onde fora realizada a primeira missa no povoado Xixá.



Fonte: Arquivo digital da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, 2023.

Com topônimo Xixá¹², o povoado surgiu, segundo afirma Lemos (1990), com base na religiosidade e no entrelaçamento aos domínios da Igreja Católica. A esse respeito, Pinheiro (2015, p. 76) discorre que

as primeiras décadas do século XX foram marcadas pelo aumento da população, surgindo a premência de se criar um vilarejo que pudesse dar uma resposta às necessidades dos homens e mulheres daquele tempo, principalmente para atender aos gêneros industrializados consumidos no meio rural. Como em quase todas as cidades do Estado, o vilarejo inicia-se ligado à religiosidade de seus habitantes, que procuraram se organizar e construíram um local fixo de encontros religiosos, fincando assim, a construção da primeira capela católica na região, tudo sendo fruto da fé e dedicação de várias famílias que já vivam na região.

¹² Relacionado a árvore Chichá, abundante na região. “Chichá - Árvore frondosa (*Sterculia apetala*), da família das esterculiáceas, nativa do Norte do Brasil, de madeira rija, folhas cordadas, flores vermelhas paniculadas e frutos capsulares, com sementes comestíveis; camajondura, panamá” ([Xixá | Michaelis On-line \(uol.com.br\)](#)). “O nome Xixá embora derivado da palavra Chichazeiro é escrito com x, devido a escrita nesse período ser associada conforme a pronúncia” (Reis, 2017, p. 19).

As primeiras moradias foram construídas nos arredores da capela de São Sebastião, “uma vez que as terras eram da própria Igreja, e os primeiros moradores edificaram suas casas nessas terras, apropriando-se da ‘bondade do Santo’, São Sebastião, eleito pela Igreja o padroeiro da cidade” (Pinheiro, 2015, p. 77).

Figura 2: Paróquia Nossa Senhora de Fátima em meados do séc. XX.



Fonte: Associação de Moradores do Xixazão - AMAX, 2023.

A fundação de Itapuranga teve uma influência significativa na religiosidade de seus habitantes, conforme evidenciado nos relatos acima. De acordo com Lemos (1990, p. 01), as terras férteis do povoado Xixá “atraíram para si o interesse de centenas e milhares de famílias colonizadoras, que promoveram a ocupação da zona rural e o desbravamento de suas florestas. Na sua maioria vieram do Estado de Minas Gerais”.

No mesmo sentido, Pinheiro (2015) relata que sua formação fora acentuada com o surto migratório para Goiás a partir da década de 1940, principalmente de povos mineiros advindos de várias regiões daquele Estado, bem como de nordestinos e de indivíduos oriundos dos estados da região Sul. De acordo com Reis (2017), esses migrantes trouxeram consigo costumes e tradições religiosas, desde a folia de reis às festas em homenagens aos santos.

Logo, a formação socioeconômica do município de Itapuranga, antigo Xixá, fora acentuada com o surto migratório para Goiás. Como descreve Silva (2001, p. 71) “a história da ocupação das terras em Itapuranga deu-se em meio ao desenvolvimento da Marcha para o Oeste, criado por Getúlio Vargas, com forte caracterização a partir dos anos 40”. Segundo o referido autor, esse processo se deu como parte da política de expansão da fronteira agrícola em Goiás e

com o aumento populacional, houve a necessidade de uma maior representatividade junto à sede do município ao qual o vilarejo estava jurisdicionado – Goiás. Pensando assim, pessoas se organizaram e notaram a necessidade de ter mais respaldo nas decisões políticas junto à cidade de Goiás, principalmente em relação às decisões tomadas para o vilarejo. Reivindicaram a elevação do povoado à categoria de Distrito, fato este acontecido em 1944 (Pinheiro, 2015, p. 78).

Em confluência a essa questão, o Decreto-lei Estadual n.º 8.305, de 31-12-1943, atesta que o Distrito é criado com a denominação de Xixá subordinado ao município de Goiás, no quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948. Conforme descrito no Livro do Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Lemos (1990) e o Cartório 2º Ofício de Itapuranga a instalação se efetiva em 19 de março de 1944. O Sr. João Rabelo relata que “quando criou o distrito, aí começou Itapuranga crescer, lugar de terras muito boas, tinha muito mato, e o povo foi vindo, veio muita gente de fora. Muito mineiro né. Os mineiros, esses Borba foi um dos que chegaram primeiro aqui” (Costa, outubro, 2023).

Lemos (1990) discorre que, no ano de 1952, em busca da emancipação política do distrito Xixá, um grupo de pessoas se reuniram e formaram uma comissão denominada Pró-Emancipação. Com o apoio da população local e do então prefeito da cidade de Goiás,¹³ o Sr. André Xavier Mundim,¹⁴ buscou-se uma maior possibilidade de representação no Estado. Representação, essa, que foi conquistada em julho do ano recorrente, sendo elevado à categoria de município com a denominação de Itapuranga pela

¹³ No qual o distrito Xixá era jurisdicionado.

¹⁴ “Nesta luta é preciso registrar bravura e dignidade do sr. André Xavier Mundim, que além de sofrer pressões políticas teve ainda à sua porta badernas com caixas e latas velhas, juntamente com um caixão, conduzindo por adversários políticos que promoviam na cidade de Goiás seu enterro simbólico com gritos ‘FORA INIMIGO DE GOIÁS’” (Lemos, 1990, p. 05). O Sr. Joerme Rodrigues Coelho referindo-se ao Sr. André Xavier Mundim enfatiza que ele sofreu “uma retalhação, como que ele lá de Goiás ia se doer, puxar pra cá né, então ele foi de grande relevância para a nossa maioria dizendo assim né, passando de Xixá para Itapuranga” (Coelho, outubro, 2023).

LEI Nº 748, DE 3 DE JULHO DE 1953, cria o Município de Itapuranga e dá outras providências. A Assembleia Legislativa do Estado de Goiás decreta e eu promulgo a seguinte lei: Art. 1º - Fica desmembrado do Município de Goiás e elevado à categoria de Município o atual Distrito de Itapuranga. Art. 2º - O município de Itapuranga constituirá termo da Comarca de Goiás. Art. 3º - A sede do município será a atual "Vila de Itapuranga" a que se confere o título de cidade. Art. 4º - Os limites do município de Itapuranga serão os mesmos do atual Distrito, até que sejam definitivamente do Estado de Goiás. Art. 5º - A Câmara Municipal de Itapuranga será composta de sete vereadores. Art. 6º - O Poder Executivo e o Tribunal Regional Eleitoral tomarão as necessárias providências para que o novo Município se instale, constitucionalmente, a 1º de janeiro de 1954. Art. 7º - Esta lei entrará em vigor a 1º de janeiro de 1954. Art. 8º - Revogam-se as disposições em contrário. Palácio do Governo do Estado de Goiás, em Goiânia, 3 de julho de 1953, 65º da República. DR. PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA Zacheu Chispim (D.O. de 09-07-1953). (<https://legisla.casacivil.go.gov.br/>)

Assim, em 09 de julho de 1953, foi publicado no Diário Oficial do Estado de Goiás a Lei supracitada, que cria o município para vigorar em 1º de janeiro de 1954. O Sr. João Rabelo nos diz que

Teve uma resistência, falaram que iam derrubar a Lei Estadual. Falaram muito tempo, ficou uma dúvida danada. Todo mundo ficou com medo, Goiás tinha influência, tinha não, tem até hoje, pessoal mais culto, Goiás é o berço da educação. O povo eles não aceitavam não [...] Foi criado, uma Lei Estadual criou o município, o governador criou, mas não foi instalado, a instalação era um juiz de Goiás, a comarca que vinha instalar. E aí foi passando, foi chovendo demais, naquele tempo chovia muito, sei que eles conseguiram vir pra cá em 06 de janeiro, dia que instalou o município. Eles falam que o aniversário de Itapuranga é 06 de janeiro né [...] há uma controvérsia né, tem uns que acham que o aniversário da cidade é quando foi criado a Lei, mas outros já acham que foi a instalação. Criou mais não instalou, ficou só no papel né, a instalação foi 06 de janeiro (Costa, outubro, 2023).

No mesmo sentido, Lemos (1990, p. 31) discorre que a

Câmara Municipal da Comarca de Goiás, não conformada com a emancipação através da Lei Estadual, requereu através do seu Advogado dr. WELLINGTON SEABRA GUIMARÃES (dr. Litinho Seabra) à instância superior a inconstitucionalidade da Lei Estadual nº 748 de 03 de julho de 1953, que criou o Município de Itapuranga e dava outras providências.

Conforme Ata de Instalação do Município de Itapuranga, em conformidade com a Lei nº 748 de 03 de julho de 1953,

Aos seis dias do mês de janeiro de mil e novecentos e cinquenta e quatro, no salão do Cinema Santa Maria, especialmente designado para o ato, sob a presidência do Dr. Manoel Amorim Félix de Souza, Juiz de Direito da 1ª Vara, da Comarca de Goiás, comigo escrivão a seu cargo, abaixo assinado, presente o deputado federal Dr. Paulo Fleury, o deputado estadual Jerônimo

Pinheiro de Abreu, Sr. André Xavier Mundim, Prefeito do Município de Goiás, Dr. Eduardo Henrique de Souza Filho, magistrado; Sr. João Cordeiro de Moraes, Prefeito Municipal, Sr. Agoncilio da Silva Moreira, vereador; Dr. Hely Ferreira Coelho, farmacêutico; João Vicente da Silva, açougueiro; Sr. Farnese Rabelo, fazendeiro; Sr. Arthau José da Silva, dentista; todos constituindo a mesa, deu-se início à solenidade de instalação do termo de Itapuranga (Cartório de Registro de Títulos e Documentos da Comarca de Itapuranga-GO, Livro nº 1, Folha 164 e verso).

Percebe-se no trecho acima que fica solenemente instalado o município no dia 06 de janeiro de 1954, data, essa, na qual se comemora seu aniversário. Como se observa na imagem abaixo, Itapuranga completava 22 anos de emancipação política e administrativa no ano de 1976:

Figura 3: Desfile em comemoração ao aniversário de Itapuranga, 1976.



Fonte: UEG – Uni-Itapuranga, 2023.

Nas palavras do Sr. João Rabelo: “Criou o município, mas não tinha juiz não tinha nada, tudo era Goiás. Aí depois mais tarde, depois criou a Comarca de Itapuranga, que veio juiz, mas tudo era de Goiás e vinha pra cá. Tudo dependia de Goiás, os órgãos públicos” (Costa, outubro, 2023). Nesse sentido, em pouco tempo houve a representação de uma reorganização na estrutura judiciária, especificamente relacionada à criação da Comarca, tem-se que a

LEI Nº 2.278, DE 14 DE NOVEMBRO DE 1958. Eleva a categoria de Comarca de 1ª Entrância o Termo de Itapuranga e dá outras providências. A

Assembléia Legislativa do Estado de Goiás decreta e eu promulgo a seguinte lei: Art. 1º Fica elevado à categoria de Comarca de Primeira Entrância o atual Termo de Itapuranga, da Comarca de Goiás. Art. 2º Os Poderes Executivo e Judiciário providenciarão a instalação da Comarca de que trata o artigo anterior. Art. 3º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação. Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário. Palácio do Governo do Estado de Goiás, em Goiânia, 14 de novembro de 1958, 70º da República. JOSÉ LUDOVICO DE ALMEIDA (D.O. de 22-01-1959) Este texto não substitui o publicado no D.O. de 22-01-1959. (<https://leisestaduais.com.br/go/>)

Trata-se de uma ação oficial de estruturação administrativa e jurídica. A esse respeito, Lemos (1990) discorre que, em pouco tempo, Itapuranga passou a se destacar como um dos municípios mais promissores do Estado de Goiás. Dada a fertilidade de suas terras, que possibilitou o desenvolvimento da agricultura e pecuária, bem como o desenvolvimento da região.

Figura 4: Construção da rede fluvial de Itapuranga, década de 1970.



Fonte: UEG – Uni-Itapuranga, 2023.

O Sr. João Rabelo, ao discutir o crescimento e desenvolvimento do município, destacou que “quando emancipou que veio essa mudança para Itapuranga, melhorou muito” (Costa, outubro, 2023). Logo, com a colaboração e comprometimento dos moradores e fazendeiros da região, a cidade começou a crescer e se desenvolver, com o progresso gradualmente se estabelecendo. A seguir, a fotografia registrada da

década de 1960 evidencia as primeiras instalações comerciais na cidade de Itapuranga que impulsionaram o início do desenvolvimento da cidade:

Figura 5: Itapuranga na década de 1960.



Fonte: Associação de Moradores do Xixazão- AMAX, 2023.

Referindo-se a esse contexto, o Sr. Joerme Rodrigues Coelho em seu depoimento nos diz que:

Aí começou os primeiros comércios aqui, onde falava armazéns. Nesses armazéns tinha-se de tudo, tudo, tudo. O que eram mais essencial, o sal, o açúcar na maioria das vezes era produzido aqui mesmo, tinha os engenhos a rapadura e o açúcar mascavo, mas o sal, a querosene, o azeite quase não produzia, e nesses armazéns tinha de tudo, tudo. Eles ainda brincavam, a mesma faca que corta o salame, que tinha o salame para vender, corta o fumo, pra vender também. Nós tivemos aqui o armazém do Cloves, aqui no Xixazão, era aqui embaixo, tinha a casa do Bastião preto, casa de tecidos, mas vendia de tudo também. Ao lado da casa tinha uma espécie de mercearia [...] Aqui no Xixazão nós já tivemos três hospitais. Hospital São Sebastião, Hospital Dr. Cunha Lima e o Hospital Santa Mônica. Já tivemos duas agências bancárias, o Bradesco onde é o Lions e na parte de baixo o Banco do Brasil. Aí os dois foram para o Xixazinho e a Caixa Econômica instalou onde era o Banco do Brasil. Agora a única coisa que continua, duas farmácias, hoje ainda temos duas farmácias. Mas não temos um grande supermercado, hoje o Xixazão minha filha, é um bairro residencial, não tem uma padaria, não tem uma lanchonete, se você quiser tomar um café, tomar

um lanche, não temos, temos esse supermercado aqui, Sirva-se, e uma filial do Ávila (Coelho, outubro, 2023).

Xixazão representa a parte mais antiga da cidade, onde tudo começou, enquanto Xixazinho refere-se à área mais recente. No que se refere à formação, há construções históricas, tais como a Pensão Maria Camilo, a Igreja Nossa Senhora de Fátima e atual Escola Estadual Coronel Virgílio José de Barros, que exerceram influência econômica, política e social na história do município. Reis (2017) afirma que a Antiga Pensão Maria Camilo, construída em meados da década de 1940, se tratava de uma hospedaria com vendas de refeições e produtos industrializados, o que serviu, também, como ponto de encontros políticos.

No mesmo sentido, o Sr. José Rabelo discorre que o prédio construído por Antônio Camilo do Nascimento, situado na Rua 36, nº 274, tratava-se de uma pensão,

aquela pensão, onde é tombado pela prefeitura, aquele trem ali é muito antigo, era antes de ser distrito, do começo do povoado. Ele chamava Antonio Camilo do Nascimento, esse Antonio é que, ele era fazendeiro, família deles eram muito grande, família de Camilo, ele que abriu essa pensão justamente para atender o povo que vinha de fora, que não tinha né nada (Costa, outubro, 2023).

Constitui-se, desse modo, num lugar que incorpora representações vivas da memória dos itapuranguenses:

Figuras 6 e 7: Antiga Pensão Maria Camilo.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Esse prédio também já abrigou o primeiro Correio de Itapuranga. Referente a isso, o Sr. Joerme R. Coelho nos diz que Natalina filha do Sr. Antônio Camilo, que era a responsável pelo local, “naquele tempo, a gente falava tudo nomeado, não tinha

concurso, tinha os padrinhos políticos, ela era a chefe aqui. E como a residência era deles né e um local adequado, funcionou lá muito tempo” (Coelho, outubro, 2023) desempenhava, desse modo, um papel fundamental como meio de comunicação nas primeiras décadas do município.

Com o Livro do Tombo, compreende-se que a construção da capela São Sebastião, atual Paróquia Nossa Senhora de Fátima, se deu

Em 1936, com a devida licença do Vigário, alguns cidadãos resolveram iniciar a edificação de uma capela. Entre outros, identificamos: Antônio Camilo do Nascimento, Manuel Elias Ferreira e Júlio Camilo do Nascimento. Para isto convidaram os habitantes da região. No dia fixado, - 16 de julho de 1937, - presente grande multidão, escolheu-se o lugar para o templo de Deus. Unidos limpavam o local naquela mesma tarde (Livro do Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Fátima de Itapuranga, 1961, p. 1 - verso).

Figura 8: Paróquia Nossa Senhora de Fátima.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Essa construção foi significativa para a comunidade pois, como afirma Pinheiro (2015), como quase em todas as cidades do Estado, a formação de Itapuranga inicia-se ligada à religiosidade de seus habitantes, que se organizaram e construíram um local de encontros religiosos. Para o referido autor, a implantação e construção do templo da Igreja Católica visava atender às necessidades espirituais e fixar o poder religioso na região.

Referindo-se à educação, Pinheiro afirma, também, que foi um fator marcante no desenvolvimento da sociedade desde os primeiros momentos do povoado até os dias de hoje, tendo em vista que,

No início, eram instaladas nas fazendas pelos próprios proprietários, sendo que a escola funcionava dentro da casa de um dos moradores. É evidente que se pode perceber, nestes primeiros anos, uma separação no que se ensinava para os meninos e para as meninas: as meninas aprendiam serviços domésticos e até artesanais, enquanto para os meninos ensinava-se a escrever e a ler, para sua formação (Pinheiro, 2015, p. 82).

O Sr. João Rabelo, em seu depoimento, ressalta que foi alfabetizado pelos pais, e que

As primeiras escolas, escola de Estado, essas coisas foi o Virgílio José de Barros, prefeitura não tinha escola, não tinha nada no começo. Aí foi vindo. Quando emancipou veio muita gente, vieram da roça, vieram de fora, pra escola, essas coisas (Costa, outubro, 2023).

Figura 9: Grupo Escolar Coronel Virgílio José de Barros, meados do século XX.



Fonte: Associação de Moradores do Xixazão- AMAX, 2023.

Segundo Reis (2017, p. 25), a construção do prédio da escola Grupo Escolar Coronel Virgílio José de Barros “contou com a participação da população com donativos de materiais e mão de obra, por isso a construção foi realizada em etapas iniciando-se em 1943 e finalizando-se em 1947”. Pertencente ao Estado, conforme Reis (2017), a escola oferecia ensino até a quarta série primária, sendo o professor Pedro Jorge das Dores o primeiro gestor da instituição.

Figura 10: Escola Municipal Coronel Virgílio José de Barros.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Atualmente, a escola, denominada Escola Municipal Coronel Virgílio José de Barros, integra o sistema municipal de ensino¹⁵ ao proporcionar educação do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. No tempo corrente, a escola tem como gestora escolar a professora Flávia Cristina Rosa Pires.¹⁶

No contexto das construções e monumentos que relacionam-se com o desenvolvimento do município, destaca-se, ainda, o Casarão Dr. Cunha Lima, que abrigou o primeiro hospital enquanto ainda distrito de Xixá.

¹⁵ “O prédio escolar foi cedido via termo de Cessão de Uso do imóvel para a prefeitura de Itapuranga, o presente Termo de Cessão de Uso tem por objeto a transferência de administração e uso, a título gratuito, ao Município de Itapuranga, um imóvel do Colégio Estadual Coronel Virgílio José de Barros. A transição ocorreu no ano de 2018 destinado a Escola Municipal Vera Cruz. No entanto, em agosto de 2018, foi sancionada a lei de criação de nova escola da área urbana, dessa forma, a escola recebeu nova denominação, ESCOLA MUNICIPAL CORONEL VIRGÍLIO JOSÉ DE BARROS. O estabelecimento de ensino possui autorização para funcionamento através da Resolução nº 516, de 23 de agosto de 2019, funciona em prédio cedido, tendo como mantenedora a Prefeitura Municipal. Ainda em agosto, foi formado o Conselho Escolar” (Projeto Político Pedagógico – PPP, 2023, p. 11).

¹⁶ (01/01/2020 – 31/12/2023) forma-se, assim, duas gestões consecutivas. Nos demais polos da referida escola, oferta-se da Educação Infantil: Jardim 1 e 2; Ensino Fundamental: 1º ao 5º ano – anos iniciais.

Figura 11: Casarão Dr. Cunha Lima.



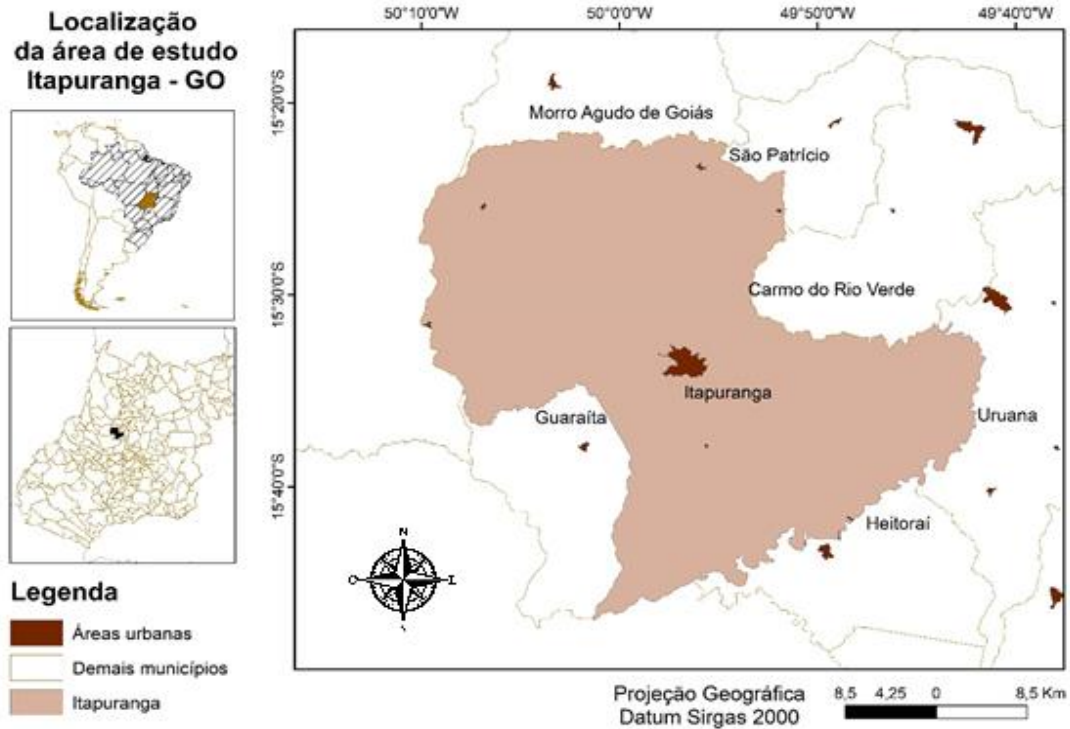
Fonte: Associação de Moradores do Xixazão- AMAX, 2023.

Instalado pelo médico Dr. José Fernandes da Cunha Lima, na década de 1950 (Reis, 2017), hoje há apenas lembranças desse prédio que outrora fora nomeado Casarão Histórico Dr. Cunha Lima pelo poder público. Demolido no ano de 2022, o que foi presenciado agora se resume a memórias.

No intuito de fornecer uma visão geral da localização do bem cultural em estudo, traz-se um mapa de localização, juntamente com um quadro contendo alguns indicadores socioeconômicos elaborados a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).¹⁷

¹⁷ Muitos dos dados disponibilizados no site do IBGE são de 2010. Consequentemente, acaba por não demonstrar de fato, em alguns aspectos, os números mais atuais de todos os critérios apresentados, tais como evidenciados com a fonte oral, como o aumento no número de evangélicos.

Mapa 1: Localização do município de Itapuranga-GO.



Elaboração: Laís Naiara Gonçalves dos Reis, 2021.

Quadro 1: Dados socioeconômicos de Itapuranga-GO.

Elementos analisados	Dados do município
Fundação	1954
Prefeito	Geraldo Paulo Fernandes (2021)
Gentílico	Itapuranguense
Aniversário	06 de janeiro
Bioma	Cerrado
Código do Município	5211206
Mesorregião [2021]	Centro Goiano
Microrregião [2021]	Ceres
Área territorial [2022]	1.281,404 km ²
População estimada [2022]	26. 113 pessoas
Densidade demográfica [2022]	20.38 hab/km ²
PIB per capita [2020]	19.457,49
IDMH (índice de Desenvolvimento Humano Municipal) [2010]	0,726
Salário mensal dos trabalhadores (Média) [2021]	1.7 salários mínimos
Taxa de escolarização considerando alunos de 6 a 14 anos [2010]	99,2 %
Religiões [2010]	Católicos (12.578); Evangélicos (10.706); Espíritas (93).

Fonte: IBGE. (Elaborado pela autora), 2023.

Localizado na região Centro-Oeste do Estado de Goiás, limitando-se com os municípios de Heitorai, Goiás, Guaraíta, Morro Agudo de Goiás, Uruana e Carmo do Rio Verde, o município de Itapuranga completará em 06 de janeiro de 2024, 70 anos de emancipação. Destaca-se que Itapuranga teve sua formação intensificada principalmente com a migração de mineiros, paulista e baianos, o que viabilizou uma integração de mundos culturais diferentes. No que se refere às manifestações culturais, Pinheiro (2015, p. 82) ressalta que:

a vida religiosa e festiva de Itapuranga é uma marca registrada da tradição de seu povo, coadunando com um envolvimento e presença de muitos fiéis que procuram nestas devoções uma representação de seu passado, que tem no ato religioso a capacidade de expressão de uma sociedade, independente de qual espaço esteja.

O autor supracitado destaca ainda que as primeiras manifestações culturais foram influenciadas pela questão religiosa e leiga: “Um exemplo dessas festas é a tradicional Folia de Reis que, ainda hoje, é destaque da cultura regional” (Pinheiro, 2015, p. 81). Da reflexão do estudioso, percebe-se um gesto de reconhecimento público a uma das manifestações culturais do município, um projeto de lei elaborado em 2018 mediante a proposição dos vereadores José Pinto Vieira e Geraldo Paulo Fernandes consolidado com unanimidade na Lei Municipal nº 2.058, de 05 de janeiro de 2019, através da qual a Folia de Reis de Lages¹⁸ foi oficialmente reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Itapuranga.

É importante ressaltar que o poder público municipal atentos a representatividade da temática patrimonial e a preservação das memórias e identidades, entendendo-as como uma demanda social tão importante quanto qualquer outra, aprova a Lei Municipal Nº 2.217 de 05 de setembro de 2023, pela qual autoriza o poder executivo municipal a conceder apoio destinado a fomentar manifestações artísticos-culturais. Institui-se, em seu Art. 1º, que:

O Poder Executivo Municipal fica autorizado a promover a aplicação de recursos para fomentar as manifestações artístico-culturais de interesse público de caráter municipal e regional, destinado a impulsionar eventos, manifestações culturais, festejos tradicionais, artistas, bandas, grupos, folias e demais manifestações culturais materiais e imateriais (Itapuranga, 2023).

¹⁸ Referindo-se ao reconhecimento no campo cultural, traz se que, a referida companhia fora incluída também no Calendário Cívico Cultural do Estado de Goiás com Lei Estadual Nº 20.545 de 12 de março de 2019. E homenageada, no dia 09 de dezembro de 2003, pela União Brasileira de Escritores – Regional Goiás, com a Medalha Tiokô – Categoria Folclore, pelos 60 anos de Giro.

Diante o exposto, através de suas tradições, festividades e expressões culturais como a Folia de Reis, percebe-se a ligação entre religiosidade, história e valores que moldaram e moldam a comunidade local. Essa constatação justifica a escolha dessa celebração como objeto de pesquisa.

A Folia de Reis é uma manifestação cultural que chegou ao Brasil por volta do século XVIII¹⁹. Sua inspiração se vincula à tradição católica, mais especificamente na visita dos reis magos²⁰ ao menino Jesus. Em sua particularidade e como um lugar de memória, esse fato reintegra e redireciona o cotidiano das pessoas envolvidas diretamente (foliões e devotos) e indiretamente (visitantes). Por se tratar de um bem cultural²¹ de valor comunitário, ele colabora na construção identitária, fortalecendo e alimentando as espiritualidades.

Estendendo-se pela diversidade de realidades socioculturais, entre os diversos motivos que atraem as pessoas aos festejos dos Reis, um dos principais é o fundamento religioso da festa. Por ser um rito²² e por existir como expressões do material do saber e do agir, como enfatiza Brandão (1983), ele possui formas próprias de se refazer e recriar.

Yara Moreyra (1983) considera que a devoção aos Santos Reis, tendo chegado ao Brasil com os “descobridores”, com toda sua tradição, sob diversas roupagens os Três Magos, aparecem em todo o país. Considerada uma das mais belas manifestações populares do Brasil,

esta tradição ganhou visibilidade, especialmente no século XIX, e se mantém viva e atuante em grande parte do país, notadamente em Minas Gerais e Goiás, onde possuem lugar cativo e destacado nas festividades populares. Há várias gerações, mantêm-se os cantos, ritos, melodias, danças e ritmos (<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/989>).

Quanto à incidência desse folguedo nas regiões brasileiras, Pessoa (2007) aponta a Região Sudeste como berço das Folias de Reis e a Centro-Oeste como a

¹⁹ Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/>.

²⁰ Em número de três, e com os nomes Belchior, Gaspar e Baltazar. seguindo uma estrela – Estrela de Belém “ela alertou os magos sobre o momento já chegado e, em seguida, guiou-os ao local onde encontrariam o Menino” (Pessoa, 2023, p. 48; 51-52).

²¹ Bem cultural, entendido como aquele bem que deve ser protegido, em virtude de seu valor e de sua representatividade para sociedade. (<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/79>). Compreendendo que os “bens culturais não tem em si sua própria identidade, mas a identidade que os grupos sociais lhe impõem” (Meneses, 1999, p. 93).

²² “um conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas com um suporte, corporal, verbal e gestual ou de postura” (Silva, 2012, p. 51).

segunda Região, também com a presença da Folia de Reis em todos os estados: “o movimento para que isso pudesse acontecer foi as Bandeiras, partindo de São Paulo em direção a Goiás, do século XVI ao século XVIII” (Pessoa, 2007, p. 176).²³

Assinalando a presença da Folia de Reis em várias localidades brasileiras e referindo-se à Região Centro-Oeste, o referido autor nos diz que à medida que o processo migratório²⁴ fora acontecendo, formavam-se, também, os grupos de Folias de Reis nos municípios que se diversificavam em suas formas de organização. Nesse mesmo sentido, Yara Moreyra registra que

Em Goiás, [...] [essa prática assumiu] a forma e nome de Folia de Reis. A Folia de Rei consiste, basicamente, em um grupo de pessoas (homens, cantores e instrumentistas) que realiza uma peregrinação religiosa por ocasião da festa de Reis (Moreyra, 1983, p. 144).

Percebe-se a importância cultural e religiosa dessa tradição em solo goiano e, mais especificamente, na cidade de Itapuranga. Conforme nos traz Pessoa (2023, p. 13), a Folia de Reis pode ser vista como “a mais importante manifestação popular constituída em grupos do Estado de Goiás”.

Assim, influências, práticas produtivas e costumes foram recebidos de São Paulo e Minas Gerais. A ocorrência da Folia de Reis, em várias localidades, passadas de geração a geração, oportuniza-se “a existência de companhias antigas e em plenas atividades no Estado, como são os casos conhecidos em Jaraguá, Itaguari, Itapuranga e Mossâmedes” (Pessoa, 2007, p. 176).

Brandão (1983) descreve-a como uma prática religiosa coletiva,²⁵ com uma sequência de rituais capazes de colocar em evidência a solidariedade entre todos os participantes. Nos estudos de Pessoa (1993), percebe-se que tanto os foliões, os devotos ou os festeiros vivenciam coletivamente uma devoção num espaço de legitimação de papéis sociais.

²³ “O pontapé da história de Goiás se deu com a chegada dos bandeirantes, vindos de São Paulo, em busca de ouro, no final do século XVII e início do século XVIII. O contato entre nativos indígenas, negros e os bandeirantes foi fator decisivo para a formação da cultura do Estado, deixando como legado as principais cidades históricas, como Corumbá de Goiás, Pirenópolis e Goiás, antiga Vila Boa e primeira capital de Goiás” (<https://www.goias.gov.br/conheca-goias/historia.html>). “Com isso, pode-se dizer da presença da Folia de Reis nos três estados da Região Centro-Oeste (GO, MS e MT)” (Pessoa, 2007, p.176).

²⁴ Provindo de outros estados para Goiás com o objetivo de promover o desenvolvimento populacional e integração econômica.

²⁵ Brandão (1983) enfatiza que a Folia é um dos rituais característicos do catolicismo popular de camponeses de várias regiões do Brasil.

Desse modo, mantendo os cantos, ritos, melodias e danças há várias gerações, a Folia de Reis apresenta-se como uma herança, um patrimônio e/ou uma festa²⁶ popular celebrada em diferentes localidades com diferentes características.

Lôbo e Curado (2022), ao se referirem às paisagens festivas de Goiás, afirmam que as festas são entendidas como celebração coletiva da cultura cheias de sentidos e significados, bem como são capazes de definir os modos de ser e estar dos povos:

Preparar para festa é, antes de tudo, trazer para o presente as memórias do passado, das tradições coletivas e, principalmente, as lembranças daqueles que eram próximos da devoção, mas que não se encontram mais neste mundo. [...] Essas memórias afetivas criadas e alimentadas pelos rituais da festa religam o goiano às suas crenças e ao seu passado, presentificando-o, num misto de alegrias, tristezas, saudades, enfim, emoções. Assim é a festa! (Lôbo; Curado, 2022, p. 179).

Expressa-se, assim, a tradição cultural e identidades dos povos envolvidos. Nesse sentido, entende-se a Folia de Reis como uma manifestação de resistência cultural e religiosa, além de ser uma festividade do catolicismo popular²⁷ com momentos de encontros e reencontros:

Longe da presença e do controle direto de agentes eclesiásticos, o ritual votivo da Folia de Reis constituiu pequenas confrarias de devotos: mestres, contra-mestres, embaixadores, gerentes, foliões distribuídos segundo seus tons de voz e os instrumentos que tocavam (Brandão, 2003, p. 62).

Ela se constitui num ambiente de sociabilidade. Os membros das Folias de Reis quase sempre se reconhecem, como nos afirma Pessoa (2007), como membros de uma companhia ou um “terno”, em que, reforçando o compromisso e a tradição, se ajudam na caminhada, reavivam o motivo pelo qual se faz numa viagem de casa em casa carregada de espiritualidade.

Dada a importância cultural e religiosa dessa manifestação popular, percebe-se na Folia de Reis um ritual de rememoração da história, da visita que os

²⁶ Conforme Del Priore (1994) festa também é um fato político, religioso ou simbólico, com uma importante função social, permitir crianças, jovens, espectadores e atores, uma introjeção de valores e normas da vida coletiva, partilhando sentimentos coletivos e valores comunitários.

²⁷ Referindo-se às práticas religiosas em que a comunidade “aprendeu a conviver com a falta de padres nos sertões e rincões e, mesmo assim, continuou a viver da sua fé em todos os santos. [...] A religiosidade popular do ponto de vista da história cultural, é exteriorizada no cotidiano mediante as suas festas, rezas, irmandades, romarias, santuários, devoções e procissões, sendo que essas práticas religiosas populares ajudam a perceber as experiências religiosas concretas na vida dos sujeitos sociais” (Costa, 2015, p. 101, 116).

Três Magos fizeram ao Menino Jesus em seu nascimento. Cada um ofertou-lhe um presente:

Ao lado da manjedoura de Belém, em presença de Maria e José, os reis se curvaram diante do Menino e ofereceram a ele, cada um, um presente. O **ouro** foi oferecido para simbolizar a realeza de Jesus. Mas essa é uma realeza diferente: Jesus acabara de vir ao mundo para governar o coração de todos os homens e mulheres, tornando-os mais humildes, tolerantes e dispostos a fazerem desse mundo um mundo justo e humano. Foi oferecido também o **incenso**, pois Jesus vinha ao mundo para ser o Rei dos Judeus, mas ele era a segunda forma de manifestação do próprio Deus. [...] E os reis ofereceram como um terceiro presente, uma resina perfumada, de uma planta chamada **mirra**. Ela era empregada nos ofícios funerários para a conservação dos corpos (Pessoa, 2023, p. 48).

Conforme as narrativas de Pessoa, percebe-se que o ouro, ofertado por Belchior, simbolizava a realeza de Jesus; o incenso, oferecido por Gaspar, evidenciava a divindade do Recém-Nascido; e a mirra, com sua resina perfumada, presente de Baltazar era para lembrar que Jesus, mesmo sendo Rei dos Judeus, passaria pela morte.

Com humildade, alegria e fé, os mensageiros de hoje sempre dedicam cantorias especiais a uma casa onde a Folia chega. Com uma missão de cumprir uma jornada, cheia de significações e circularidades, eles cantam e rememoram a visita dos Três Reis Magos, em que “Belém se concretiza em cada casa. É como se em cada casa já tivessem chegado ao final da viagem” (Pessoa, 2007, p.193).

Os versos a seguir, parte do repertório do capitão Josué Vieira,²⁸ apresentam-se na forma de poesia oral e revelam os mistérios que fundamentam a crença:

Santos Reis tá viajando acabamos de chegar
 É o nascimento de Jesus Cristo abençoando esse lugar
 Lá pras bandas do Oriente surgiu a estrela da guia
 Os três começaram a viagem com amor e alegria

Senhor dono da casa filho de nossa senhora
 Quem está na sua frente é uma bandeira de glória
 Com amor no coração vós recebe nossa bandeira
 Leva ela lá pra dentro vai benzer sua casa inteira

²⁸ Folião da Folia de Reis de Lages.

Os versos que compõem as duas estrofes transmitem as ações e o sentido religioso da jornada, “reincorporando sua fé, materializando-a através de cânticos e performances que reproduzem a viagem dos reis em direção a Jesus” (Goulart, 2018, p. 107).

Destarte, as raízes culturais de Itapuranga como testemunhas vivas de um passado que se mantêm presente e continuam a nutrir os laços de pertencimento de seus habitantes. Assim, o olhar, a escuta, ou seja, o diálogo entre a pesquisadora e os detentores de saberes – foliões e folionas – corroboraram com a materialização da pesquisa, dispendo a pensá-la como um Patrimônio Cultural local, que encanta tanto foliões como visitantes.

1.2 Patrimônio Cultural Imaterial – “Redescoberta” e (Re)existência na Valorização da Tradição

O surgimento do Patrimônio Cultural, como categoria de pensamento e como forma de intervenção pública por meio de políticas preservacionistas, foi característica da consolidação da modernidade Ocidental e da difusão de suas práticas culturais para o contexto extra europeu nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX. A ampliação do conceito e do rol de bens integrantes do Patrimônio Cultural contribuiu para que as políticas patrimoniais brasileiras passassem a se interessar por manifestações da cultura popular brasileira, quebrando a hegemonia do “patrimônio em pedra e cal” construída desde 1930. Com isso, deu-se início ao estudo de celebrações e formas de expressão das religiosidades populares no Brasil, de grande importância para a formação da cultura nacional e com ampla difusão entre a população brasileira. Dentre estas manifestações, destaca-se a Folia de Reis, foco desse estudo, como uma celebração reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial em Itapuranga-GO.

De acordo com Yara Moreyra (1983), essa prática cultural é composta por grupos de cantores e instrumentistas que, por ocasião da festa de Reis, saem em uma peregrinação devota. Isso se manifesta como uma preservação coletiva de conhecimentos e referências que configuram, conforme Candau (2021), na responsabilidade pela transmissão das heranças materiais e imateriais como dimensões essenciais de pertencimento.

Inicialmente associados às edificações e coleções consideradas dotadas de valor histórico e artístico, os “Patrimônios Históricos e Artísticos Nacionais” foram valorizados por sua exemplaridade, originalidade e capacidade de materializar elementos da cultura, conformando uma abordagem sobre o Patrimônio que o valorizava apenas na dimensão de sua materialidade. Os Patrimônios materiais se consolidaram como protagonistas das práticas patrimoniais desde seus princípios, tendo sido desenvolvidas escolas de pensamento e metodologias que focaram nas formas de intervenção nestes bens com vistas à sua proteção e à sua restauração. Históricos, artísticos, documentais ou arqueológicos, esses bens foram valorizados, até pelo menos a década de 1970 em escala internacional, como indícios do passado, como portadores materiais de valores culturais, sendo a materialidade elemento fundamental para sua identificação e proteção.

Referindo-se à vertente ideológica da constituição e defesa do Patrimônio Cultural, Arantes (1984) enfatiza que elas são os meios pelos quais se dá forma a nacionalidade e identidade, muito embora “o problema não é apenas o de preservar ou não, mas determinar o que defender e como fazê-lo” (Arantes, 1984, p. 8).

Recorrendo a Soares (2009), entende-se que a atual concepção de Patrimônio Cultural, como bens que sejam expressão e testemunho da criação humana e da evolução da natureza, que tenham ou possam ter valor e interesse histórico, artístico, científico ou técnico, segundo os organismos designados por cada Estado, deu-se a partir de uma política de salvaguarda²⁹ integrada, com vista à preservação dos bens culturais, desenvolvendo uma noção de imaterialidade do patrimônio.

Paiva (2019), no que tange ao campo do patrimônio, afirma existir um consenso entre autores que se dedicam a sua compreensão, enfatizando que além de ser um fator de criação de memórias coletivas, trata-se de um dispositivo de construção de identidades, que evidenciam os laços de pertencimento dos indivíduos à cultura e sistema de representações.

Segundo Leonardo Castriotra (In.: Carvalho; Meneguello, 2020), embora se notasse desde o século XIX que a ideia de patrimônio cultural transcendia as fronteiras

²⁹ Entende-se por “salvaguarda” as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não-formal - e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos. (<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>)

nacionais, apontando para a ideia de um Patrimônio comum às nacionalidades, somente a partir do século XX, com o surgimento de organizações que contribuíram para o estabelecimento e a difusão de padrões e políticas comuns a diversos países, se consolidaram estruturas dedicadas à proteção e salvaguarda de bens considerados patrimônios nacionais. Segundo Pellegrini (2009, p. 21-22):

Nesse contexto, foi fundada a Unesco, que encampou, inclusive, as ações em prol dos direitos humanos e do patrimônio histórico e passou a catalisar ações direcionadas a estimular a implantação de políticas públicas favoráveis à conservação dos bens culturais em várias partes do globo terrestre, inclusive no Brasil. [...] Importa-nos destacar que a relevância atribuída aos bens de natureza imaterial é praticamente nova entre a civilização ocidental [...] Oficialmente, os países ocidentais passaram a perceber e a considerar tais questões a partir de 1989, por meio da Recomendação da salvaguarda da cultura tradicional e popular, aprovada pela Conferência Geral da Unesco.

Logo, para o conceito de Patrimônio Cultural Imaterial ou intangível, recorre-se aqui à Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial,³⁰ um documento que visa proteger tanto as tradições e culturas populares, dando ênfase a sua notoriedade como fonte de diversidade cultural, bem como uma garantia de desenvolvimento sustentável preconizando o respeito mútuo entre as comunidades.

Desse modo, entende-se por Patrimônio Cultural Imaterial:

as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>)

O documento também leva em consideração a necessidade de sensibilização, “especialmente entre as novas gerações, da importância do patrimônio cultural imaterial e de sua salvaguarda”, (Unesco, 2003, p. 4) e reconhece desse modo a notoriedade da comunidade nesse processo de enriquecimento da diversidade cultural e criatividade humana.

³⁰ Unesco, Paris, 17 de outubro de 2003.

Assim sendo, o trabalho desenvolvido pela Unesco, com recomendações e diretrizes para identificação, conservação e salvaguarda da cultura tradicional e popular, torna-se fundamental para a proteção do Patrimônio Cultural Imaterial. Viabilizam-se, desse modo, projetos de identificação e salvaguarda de bens de natureza imaterial, com reconhecimento de referenciais culturais presentes como, por exemplo, em manifestações populares ligadas à cultura brasileira, tais como Folia de Reis.

Gonçalves (2002), quanto aos discursos de intelectuais nacionalistas, tais como Rodrigo Melo Franco de Andrade e Aloísio Magalhães, na formulação e implementação das políticas de patrimônio cultural no Brasil, entende que nessa construção, por meio de narrativas³¹ diversas e invenções, o patrimônio fora “usado para autenticar tanto a existência do Brasil enquanto nação quanto a autoridade dos intelectuais nacionalistas para falar em nome do patrimônio, para identificar, proteger e preservar a identidade nacional” (Gonçalves, 2002, p. 33).

A afirmação desse cenário relativo às políticas culturais demonstrava um esforço estatal para a construção de uma interpretação sobre a cultura brasileira que a integrasse na modernidade ocidental. Nesse sentido, o campo do patrimônio em meio a debates e tensões, políticas de proteção e ideologias nacionalistas se encontra imerso em um projeto de modernização do país, como assevera José Reginaldo Santos Gonçalves:

importante frisar que tal projeto estava associado ao reconhecimento da necessidade de produzir uma imagem singularizada do Brasil como cultura e como parte da moderna civilização ocidental. O problema principal era, assim, não simplesmente imitar a Europa, mas identificar e afirmar uma cultura brasileira autêntica [...] Muitos propunham a valorização do “tradicional” e do “regional” na construção e uma imagem nacionalista singular do Brasil. Acreditavam que, para identificar ou “redescobrir” o Brasil, o país teria de retornar aos seus mais “autênticos” valores nacionais, os quais estavam supostamente fundados no passado, assim como em valores regionais (Gonçalves, 2002, p. 41).

Nesse sentido, vislumbrando tal singularidade, construía-se um sentimento de afinidade e amor pelo Brasil pautado tanto no nacionalismo quanto em suas raízes. Chuva (2009), pensando as interações sociais como raízes das práticas de preservação, reverbera que as noções de modernidade e tradição, constituídas de um

³¹ Conforme palavras do referido autor, pensando essas narrativas como sendo parte do comportamento desses intelectuais como forma de ação, Gonçalves (2002).

ideário nacionalista, são fundadoras das ações de proteção do patrimônio cultural brasileiro, logo uma particularidade, visto que “tal associação – entre modernidade e tradição – não foi recorrente em outros países, configurando de um modo próprio e peculiar os discursos e as práticas nacionalistas de proteção do patrimônio no Brasil” (Chuva, 2009, p. 87).

Segundo a referida autora, a modernidade compreendida como signo concreto de emancipação, autonomia e liberdade foi buscar no “popular”, “tradicional” e “histórico” um esforço sistemático para instauração de um padrão de identidade nacional,³² no entanto, “A ‘redescoberta’ do Brasil popular, folclórico³³ e colonial não se deu, portanto, sem uma forte resistência” (Chuva, 2009, p. 91).

Desse modo, com essa ressignificação,³⁴ “redescobrimento do Brasil” e valorização da tradição, visualiza-se o patrimônio, não, como algo dado, mas como uma construção que se dá em meio a conflitos e disputas. Conforme Candau (2021), a tradição, geradora de continuidade, se remete a um passado atualizado no presente,

Aquilo que denominamos como tradição própria a um grupo é a combinação entre a transmissão protomemorial e memorial que interagem uma sobre a outra [...] para viver e não apenas sobreviver, para ser transmitida e, sobretudo, recebida pelas consciências individuais [...] essa combinação deve estar de acordo com o presente de onde obtém sua significação (Candau, 2021, p. 121).

Recorrendo a Chuva (In.: Carvalho; Meneguello, 2020) entende-se que existiu no Brasil a necessidade de proteção de bens arquitetônicos e históricos que pudessem ser representativos de sua identidade e fortalecesse a unidade nacional. Nesse sentido, dada a importância na eleição³⁵ do patrimônio cultural nacional, conforme palavras de Ortiz (2012), o movimento modernista buscava uma identidade brasileira, que visava um serviço do patrimônio, se prolongou em Mario de Andrade.

³² “Parte fundamental da constituição de uma nação é dotá-la de uma tradição, de um passado comum” (Khaled Junior, 2010, p. 68) logo, buscava-se os projetos culturais, centrados na ideia de “brasileidade”, ao mesmo tempo em que se implantava o nacionalismo como política de Estado, “Sem dúvida, a década de 1920 foi, em vários aspectos, um período de ebulição na vida política e social brasileira e de consideração da temática da modernidade associada à da nacionalidade” (Chuva, 2017, p. 89).

³³ Compreendendo folclore como “um ‘instante fugaz’ da vida dos homens e de suas sociedades através da cultura. [...] Uma cultura que, mesmo quando resultante de expropriações e imposições do passado, resiste como modo de ‘pensar, sentir e fazer’ do povo” (Brandão, 2003, p.87;102).

³⁴ Preocupados com criação da nação, pautados na crença da universalidade da cultura e da arte, vislumbra-se “a inserção do Brasil no mundo civilizado, sem que, para isso, fossem esquecidas as suas particularidades” (Chuva, 2017, p. 104).

³⁵ Implicando uma política de governo e uma gestão para o patrimônio, o “Estado assume a “paternidade” da nação e constitui o que será identificado e transmitido ao povo como patrimônio, para que o preserve e retransmita às gerações futuras” (Dias; Silva, 2012, p. 204).

Brito (2017), ao discorrer sobre o regionalismo de Mário de Andrade e embates da narrativa nacional,³⁶ evidencia que, embora Mário de Andrade tenha se distanciado da noção de patrimônio encontrada em seu anteprojeto, o mesmo nortearia a salvaguarda do patrimônio nacional:

Mário de Andrade está presente em grande parte dos estudos sobre a criação do SPHAN e invenção do patrimônio histórico e artístico nacional, seja pelo seu protagonismo dentre os modernistas, ou devido a suas pesquisas que adentravam o reconhecimento da arte e arquitetura nacional desde a primeira década do século XX. Pesa ainda o fato de Mário receber, em 1936, o convite do ministro Gustavo Capanema para elaborar o pré-projeto que nortearia a salvaguarda do patrimônio nacional (Brito, 2017, p. 52-53).

Defendendo a pluralidade e publicidade dos bens culturais, Mário de Andrade já assinalava, conforme palavras de Fonseca (2003), que o patrimônio cultural da nação compreendia muitos outros bens além de monumentos e obras de arte.

Segundo Dias e Lima (2012), a criação do SPHAN, ligado ao MES (Ministério de Educação e Saúde) instituíra políticas governamentais de cunho assistencialista e disciplinador em que “A formação do ‘povo’ passava por um processo educativo, formativo de um caráter nacional. O popular começou a ser incorporado ao universo simbólico dessa nação única, percebido como ‘espontâneo’ e ‘natural’” (Dias; Lima, 2012 p.204).

Dessa forma, relacionando a construção identitária brasileira à ideia de unidade nacional e dando prosseguimento ao projeto de modernização do Brasil:

a lei 378, de 1937, inclui a criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), efetivando, assim, a proteção aos bens culturais da nação como um dever de Estado. Então, a ideia de preservar o patrimônio se configurou como missão educadora de uma elite cultural e política, ação pública vista como distintiva e isolada das demais (Rodrigues, 2020, p. 88).

Há, de fato, essa proteção como um dever do Estado. Fonseca (2001), referindo-se ao processo de construção do patrimônio, caracteriza-o como uma prática social, constitutiva de memória e identidade, em que a proteção de bens culturais de excepcional valor histórico e artístico é uma prática consolidada há mais de cinquenta anos.

³⁶ “Eis o sentido da narrativa nacional: formar, orientar e convencer, através do seu sentido exemplar e assim, incentivar fidelidade à nação” (Khaled Junior, 2010, p. 68).

Em uma conjuntura sociocultural, que busca a valorização da identidade brasileira e seus vários elementos, culmina, segundo Soares (2009), na edição do Decreto-lei 25/37 como um instrumento legal conhecido como Lei do Tombamento.

À vista disso, regulamentando as ações com a tratativa do patrimônio histórico artístico e nacional, o Decreto-Lei Nº 25 de novembro de 1937, organiza-o a partir da existência de quatro Livros do Tombo (o Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; o Histórico; o das Belas Artes; e o das Artes Aplicadas), em que o tombamento nas palavras de Carvalho e Meneguello (2020), torna-se o principal norteador da política de proteção do patrimônio e o único instrumento, até então, de patrimonialização.

Fonseca (2001) discorre que somente a partir da década de 1970, os responsáveis por fomentar e implementar as políticas de patrimônio conduziram discussões com novas perspectivas para a preservação de bens culturais, introduzindo, por exemplo, a noção de referência cultural:

Entendia-se que o patrimônio cultural brasileiro não devia se restringir aos grandes monumentos, aos testemunhos da história oficial, em que sobretudo as elites se reconhecem, mas devia incluir também manifestações culturais representativas para os outros grupos que compõem a sociedade brasileira – os índios, os negros, os imigrantes, as classes populares em geral (Fonseca, 2001, p. 112).

Em decorrência disso, cinco décadas depois da criação do IPHAN, a Constituição Federal de 1988, ao fazer referência à identidade, à ação e à memória, em seus artigos 215 e 216, traz como partes integrantes do patrimônio cultural brasileiro: os bens de natureza material e imaterial:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal).

Reconheceu-se, dessa forma, os valores culturais criados pela sociedade. Como enfatizado por Meneses (2012), o patrimônio cultural é, antes de mais nada, um fato social e mesmo sem qualquer intervenção do poder público ele existe.

Assim, a cultura “como o conjunto de realizações humanas, materiais ou imateriais leva-nos a caracterizá-la como um fundamento básico da História, que por sua vez pode ser definida como o estudo das realizações humanas ao longo do tempo” (Silva; Silva, 2021, p. 87).

Recorrendo a Hall (1997), entende-se que cultura é tudo aquilo que é criado pelo homem, o conjunto de ideias, maneiras de sentir, pensar, e aquilo que embora não seja fruto de sua criação são valorados como bens culturais. Menezes (2019) entende que a cultura não é externa aos sujeitos sociais. Ela se incorpora ao circuito da vida social, sendo uma condição de produção e reprodução da sociedade. Já Brandão (2015) consente que dentro de uma mesma sociedade complexa, a cultura são culturas, contendo, assim, sistemas de conhecimento, de valor e de poder.

Nesse sentido, abarcando uma concepção ampla na tratativa do patrimônio, numa perspectiva plural da identidade brasileira, a referida Constituição pode ser vista como uma “ponte para a atual dimensão que hoje temos do patrimônio: deixa de ser ‘histórico e artístico’ para se tornar ‘cultural’, ao menos pela perspectiva jurídica, assim como a categoria imaterial e o registro adentram o ordenamento jurídico pátrio” (Campos, 2017, p. 202).

Tem-se, de fato, um alargamento do conceito de patrimônio cultural ao se falar de bens culturais de natureza material e imaterial. Conforme Meneses (2012, p. 28), o bem cultural é antes de mais nada um bem, que quer dizer, coisa boa “Boa de conhecer, de ver, de sentir, de experimentar como um vínculo pessoal e comunitário”. Portanto, a proteção de tradições está intrinsecamente ligada ao seu significado e importância para a sociedade. Um exemplo notável é a celebração da Folia de Reis, que incorpora elementos fundamentais na memória e na identidade de diversos grupos da sociedade brasileira, como é o caso no município de Itapuranga, em Goiás.

Segundo Campos (In.: Carvalho; Meneguello, 2020), ao determinar que qualquer cidadão é parte legítima para propor ação popular que vise proteger o patrimônio, indicando como competência da União, dos Estados e Distrito Federal a proteção ao patrimônio histórico, cultural, artístico, turístico e paisagístico, a Constituição Federal tornou viável a elaboração de instrumento normativo específico para contemplar o Patrimônio Imaterial, o decreto 3.551/2000.

O Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000, institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) voltado para a identificação,

reconhecimento, salvaguarda e promoção da dimensão imaterial do patrimônio cultural brasileiro e dá outras providências, como por exemplo em seu art. 1º que o registro deveria acontecer nos seguintes livros:

§1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros: I – Livro de Registro de Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; II – Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; IV – Livro de Registro dos lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas. § 2º A inscrição num dos livros de registro terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira. § Outros livros de registro poderão ser abertos para a inscrição de bens culturais de natureza imaterial que constituam patrimônio cultural brasileiro e não se enquadrem nos livros definidos no parágrafo deste artigo (Brasil, 2000).

Dessa maneira, com o Decreto Lei 3551/2000 se estabelece que são 4 as categorias relacionadas ao Patrimônio Imaterial: os saberes, as celebrações, formas de expressão e lugares. Com o alargamento na compreensão de patrimônio e reconhecimento das referências culturais, a percepção da importância dos bens imateriais vem se consolidando entre as comunidades detentoras dos bens, independentemente da patrimonialização (Campos; Lanari; Soares, 2021). Estabelece-se, assim, uma rede de sociabilidades que fortalece os laços de solidariedade, como o que acontece na Folia de Reis em Itapuranga-GO, objeto desse estudo, seja pelo fato de que constrói vínculos de aprendizado entre seus integrantes ou porque participa de importante momento de afirmação da religiosidade popular e, por isso, da identidade de parcela significativa da população local. Presentes anualmente no cotidiano dessas populações, elas se transformaram em Referências Culturais (Fonseca, 2001), ou seja, elementos estruturantes do imaginário e da concepção de espaço/tempo das pessoas que compartilham da devoção que a motiva.

Esse campo dos valores, da cultura e, em consequência, o do patrimônio cultural é, conforme Meneses (2012), um campo eminentemente político, aquele que é gerido e compartilhado pelos cidadãos. Partindo do pressuposto de que o patrimônio é concebido “como uma ‘expressão’ da identidade nacional em sua integridade e continuidade” (Gonçalves, 2002, p. 32) e de que o processo de rememoração não é

estático e que a cultura popular é plural, procura-se visualizar patrimônio cultural sob a lente da diversidade, reconhecendo que esse fora e é constituído por meio de tensões, de diálogos e conflitos, caracterizando dessa forma, a produção cultural do Brasil.

As diretrizes relativas ao registro das quatro categorias apresentadas no Decreto 3.551/2000 são desenvolvidas no Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), um instrumento para a identificação e documentação de bens culturais que também foi publicado em 2000. Configura-se dentre seus objetivos:

1. identificar e documentar bens culturais, de qualquer natureza, para atender à demanda pelo reconhecimento de bens representativos da diversidade e pluralidade culturais dos grupos formadores da sociedade; e 2. apreender os sentidos e significados atribuídos ao patrimônio cultural pelos moradores de sítios tombados, tratando-os como intérpretes legítimos da cultura local e como parceiros preferencias de sua preservação (Iphan, 2000).

Nesse sentido, a noção de referência cultural pressupõe a produção de informações. O diálogo estabelecido, por exemplo, nesse processo de estudo, entendendo a Folia de Reis enquanto um patrimônio cultural, uma referência cultural em Itapuranga, propiciou uma troca que todos sairão enriquecidos como nos traz (Iphan, 2000, p. 19) “para os agentes externos, valores antes desconhecidos virão ampliar seu conhecimento e compreensão do patrimônio cultural; e para a comunidade, esse contato pode significar a oportunidade de identificar e valorizar”, por exemplo, os sentidos e significados dessa celebração em suas vidas, que marca espiritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade e do entretenimento.

Visualizado por essa ótica mais abrangente, e em conformidade com o que nos traz Lévi-Strauss (2006) sobre a materialidade e imaterialidade do patrimônio, entende-se que não aparecem mais como duas áreas separadas, “mas como um conjunto único e coerente de manifestações múltiplas, complexas e profundamente interdependentes dos inúmeros componentes da cultura de um grupo social” (Strauss, 2006, p. 79).

Nesse viés, Meneses (2012) discute que a imaterialidade se expressa por intermédio da materialidade:

Podemos concluir que o patrimônio cultural tem como suporte, sempre, *vetores materiais*. Isso vale também para o chamado patrimônio imaterial,

pois se todo patrimônio material tem uma dimensão imaterial de significado e valor, por sua vez todo patrimônio imaterial tem uma dimensão material que lhe permite realizar-se. As diferenças não são ontológicas, de natureza, mas basicamente operacionais (Meneses, 2012, p. 31).

Configura-se, dessa forma, em variações essencialmente operacionais. Assim como o que ocorre nas celebrações, uma categoria que engloba os principais ritos e festividades associados à religião e à civilidade, como as Folias de Reis, por exemplo, um patrimônio cultural imaterial que envolve práticas de sociabilidade e regras específicas dentro dos grupos detentores desses saberes. Essa tradição é materializada por elementos dotados de grande carga simbólica, como a Bandeira, as fitas coloridas, o Arco, o Presépio, que presentificam elementos da história bíblica envolvendo os Três Reis Magos. Nesse sentido, como práticas de reconhecimento e valorização dos fazeres, com seus saberes e artes, o Patrimônio Imaterial é dinâmico por sua própria natureza, e a Folia de Reis não só no município de Itapuranga, é representativa de uma cultura viva, na qual se tem a aproximação dos grupos sociais e afirmação da identidade cultural.

Conforme o discorrido até então, percebe-se que a ampliação na tratativa no campo do Patrimônio Cultural contribuiu para a promoção do respeito pela diversidade cultural, reconhecimento, manutenção e divulgação de tradições populares ligadas à cultura brasileira, como, por exemplo, a Folia de Reis.

Logo, contribuindo na formação de identidades e resgate de raízes, a memória tem um papel fundamental na aprendizagem pois permite o reaproveitamento das experiências do passado e do presente, e por conservar certas informações, contribui para a preservação de saberes, para que o passado não seja totalmente esquecido:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. [...] Entre o ouvinte e narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. [...] A história deve reproduzir-se de geração em geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos (Bosi, 1994, p. 82, 90).

Assim, a memória, estando ligada na formação cultural de um povo, conforme nos traz Nora (2012), é um fenômeno sempre atual. Ela é afetiva e mágica,

bem como emerge de um grupo que ela une, sendo por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada, um elo vivido no eterno presente.

De acordo com Peter Burke (2021), falar em culturas populares inclui a vida cotidiana, em especial, os costumes e os valores, em que seu estudo é ou deveria ser uma maneira de aproximar as pessoas e a comunicação entre elas: “A ideia de cultura implica a ideia de tradição, de certos tipos de conhecimentos e habilidades legados por uma geração para a seguinte” (Burke, 2021, p. 36). Faz-se uso da noção de tradição, de herança.

Logo, tendo a Folia de Reis no município de Itapuranga como uma tradição, tem-se em mente que os valores passados de geração a geração contribuem para que essa permaneça viva e se refaça em espaços e lugares diversificados, em que a lembrança “é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente” (Halbwachs, 1990, p. 71).

A Estrela de Belém nos trouxe até aqui porque somos o somatório da fé inabalável dos foliões e dos devotos-moradores que vieram antes de nós. E certamente esta herança está sendo confiada a nós hoje, para que a levemos aos foliões e devotos de amanhã (Pessoa; Pessoa; Pereira, 2018, p. 15).

Assim, a história oral baseada em um conjunto de relações, dentre elas o diálogo e a memória, sendo essa última não “um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significados” (Portelli, 2016, p. 18), possibilita o compartilhamento de saberes, sentidos e significados, aqui, da Folia de Reis.

No ato de viver, as pessoas criam suas festas, danças e rezas, que se relacionam com o seu trabalho e representam maneiras diferentes de enxergar o mundo. Elas mantêm vivas todas essas coisas, passando-as umas às outras, dos mais velhos aos mais novos. É a sabedoria popular (Canesin; Silva, 1983, p. 11).

Entrelaça-se, assim, suas experiências de vida com a cultura, transmitindo não apenas rituais e práticas, mas também crenças e valores, unindo pessoas por meio de memórias e significados. Pessoa (2005), ao se referir à cultura popular como vivência prática, lembranças e imagens recebidas ligadas ao cultivo da terra, refere-se à festa popular como uma grande escola. Logo, a Folia de Reis é uma tradição, uma grande festa da cultura popular em que se aprende, dentre outras coisas, a

conviver com conflitos e contradições, bem como momentos de aprendizagens, de construções identitárias:

Mas na festa também se pode aprender que o novo, por mais irremediável que seja, precisa ser integrado à herança que recebemos, que foi e, em muitos casos, ainda permanece sendo reconstituída, reproduzida e ensinada por abnegados artistas e sábios conservadores da cultura popular. A festa popular é o grande e fecundo momento a nos ensinar que a arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias (Pessoa, 2005, p. 39).

Na página 52 da mesma obra, o referido autor elenca espaços ou ações coletivas em que se evidencia com maior intensidade os costumes tradicionais, dentre eles: a transmissão oral dos saberes; escritos regionalistas sobre a conflitividade do sertão; músicas caipiras ou de gêneros com características regionais; ritos religiosos populares; pesquisas etnográficas, que retratam os sentimentos e falas dos participantes; e o folclore, a ciência da sabedoria do povo transmitidos de uma geração à outra.

Nesse sentido, com Pessoa (2005), percebe-se tanto a importância da memória na produção de sentidos e significados, como a festa e a norma como universais da cultura, com momentos de aprendizados, de reconstituição e fortalecimento de laços. Com as palavras do Sr. Antônio Carrinho Cruz, percebe-se que participar da Folia de Reis tem contribuído para reforçar os laços entre os membros da Folia aqui no município:

Itapuranga eu só tenho amigo, Antonio Alípio, aquele pessoal tudo aí de folião, Paulinho da Guaraíta, todo mundo aí. [...] Gosto muito de Itapuranga, eu adoro Itapuranga, tudo amigo, o povo muito humilde, eles não fazem pouco caso de ninguém, o pessoal daí não, ao menos o que eu andei aí, ninguém faz pouco caso dos outros.[...] Ele convidou e eu fui tirar a Folia pra ele [...] onde o povo me chama eu vou [...] A primeira coisa que vejo na Folia é união, porque tudo que você vai fazer menina, se não tiver união não tem nada feito, é..., um ajudando o outro, é assim que procede, se não tiver união não tem nada pronto (Cruz, abril, 2023).³⁷

Um lembrete constante de que, sem união, nada se constrói, nada se realiza. A partir de Brandão (1995) nos pautamos para pensar as situações de aprendizagens nas Foliás de Reis em Itapuranga, pois, para ele: as pessoas convivem

³⁷ Embaixador da Companhia Beija-Flor São Sebastião do Xixá, natural de Carmo do Rio Verde e residente em Itaberaí, o senhor Antônio está com 77 anos. Convidado pelo gerente e folião Antônio Alípio, há dez anos participa na Companhia Beija-Flor em Itapuranga (Conforme entrevista).

umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende, “Assim, tudo o que é importante para a comunidade, e existe como algum tipo de saber, existe também como algum modo de ensinar” (Brandão, 1995, p. 22).

O ensinar-e-aprender, como nos fala o autor supracitado, se torna uma aventura humana, com a educação existindo em toda parte e entre opostos. No acontecer do giro, no exercício de viver e conviver, no olhar, no ouvir, saberes são repassados através de trocas sociais.

Isto é evidente em muitas situações: na Capoeira da Bahia, nas confrarias populares de Foliões de Santos Reis [...] Assim como a educação do sistema dominante possui o valor político dos serviços que prestam aos que controlam, enquanto ensina desigualmente aos que a recebem, assim também as formas próprias de educação do povo servem a ele como redes de resistência a uma plena invasão da educação e do saber ‘de fora da classe’ (Brandão, 1995, p. 105).

Nesse sentido, o convívio com foliões mais experientes e suas memórias, crenças, habilidades, costumes, significados e valores de representação do mundo são passados numa aprendizagem coletiva que serve, de algum modo, à comunidade e contribui na preservação de saberes. Referindo-se aos primeiros versos entoados o capitão, Josué Vieira Machado nos diz que a

questão de anotar os versos foi uma indicação até do Wagner, do capitão Wagner, do Jadir. E como no começo a gente fica muito nervoso, ali pra cantar ali, aí eu anotava os versos, pra dar um pouquinho mais de segurança, mas você não pode cantar dentro da casa, com a Folia olhando um papel né, não pode né. [...] E hoje você vai pegando mais segurança, mais tranquilidade e buscando a Deus também né, inspiração, agora graças a Deus já vai por inspiração mesmo (Machado, novembro, 2023).

Fica evidente o zelo pela preservação dessa cultura popular, expresso no cuidado em buscar formação e aprendizado junto aos mais experientes. Candau (2021, p. 18) entende que seria equivocado pensar em memória e identidade como dois fenômenos distintos, uma vez que eles se entrecruzam indissociáveis: “Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade”, podendo a memória integrar-se nas estratégias identitárias.

Ainda de acordo com Candau (2021), entende-se que mesmo quando inscrita na construção de uma identidade coletiva, salvaguarda-se a memória dos

ancestrais e também a individual, posta em perigo pelas grandes mudanças das sociedades modernas. Lôbo e Curado (Barbo; Curado, 2022) destacam que, a cada geração, surgem novas formas de comunicação e de expressão, geralmente, respeitando e recriando os modos tradicionais da cultura. Esses pesquisadores ressaltam, também, que as festas das tradições populares estão sempre em processos de resignificação devido ao seu caráter dinâmico.

Nesse sentido, referindo-se à continuidade da Folia de Reis, a manutenção dessa tradição em que se reforçam laços de solidariedade e de identidade de grupo, a foliona Silvia Luciana Corrêa afirma: “Não sei se é melhorar, é não deixar é cair, é não deixar a Folia ficar só na lembrança. Eu penso, o meu melhorar, é não deixar a peteca cair, não deixar ela virar uma lembrança na história” (Corrêa, abril, 2023).

Desse modo, a lembrança guardada do passado, a transmissão dos sentidos e significados inerentes às Folia de Reis constituem-se numa busca de si mesmos e manutenção da tradição.

Silva (2012) enfatiza que a identidade social é estabelecida pela reprodução, pela ação do indivíduo. Desse modo, tanto nas observações em campo quanto nas conversas com foliões e folionas, percebe-se que a convivência familiar e as vivências entre amigos contribuem para o compartilhamento, em que “Transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo” (Candau, 2021, p. 118). O referido autor ainda observa que não satisfazer esse dever de memória é expor-se ao risco do desaparecimento, já que

a memória familiar serve de princípio organizador da identidade do sujeito em diferentes modalidades. [...] A reminiscência comum e a repetição de certos rituais (refeições, festas familiares), a conservação coletiva dos saberes, de referenciais, de recordações familiares e de emblemas [...] bem como a responsabilidade pela transmissão das heranças materiais e imateriais, são dimensões essenciais do sentimento de pertencimento (Candau, 2021, p. 140).

Reforça-se, assim, esse sentimento de pertencimento e legado através da memória, entendendo que “As identidades são construções em constante movimento e desenvolvimento devido ao conjunto de fatores socioeconômicos e religiosos, absolvidos pelo indivíduo” (Silva, 2012, p. 85).

Observa-se que as vivências, a fidelidade ao ritual, os laços familiares na Folia de Reis aqui em Itapuranga são fortalecidos no acontecer do giro,³⁸ apontando que essa cultura popular, nas circulações de sentidos atribuídos pelos grupos sociais que acompanham, devem ser vistos a partir dos significados atribuídos. Como disse Pelegrini (2009), as reminiscências e o sentido de pertencimento dos indivíduos articulam-nos a um ou mais grupos e lhes asseguram vínculos identitários.

Referindo-se à Folia de Lages, Pessoa afirma que “se queremos passar dos 75 para os 80 anos e muito mais que isso, não podemos esquecer dos fundamentos bíblico-cristãos, mas, também, dos costumes tradicionais que nos trouxeram até aqui” (Pessoa; Pessoa; Pereira, 2018, p. 43).

Logo, a continuidade e preservação dessa cultura popular estão iminentemente relacionados com o compartilhamento de saberes, sentimentos e memórias. Conforme Pessoa (2005, p. 39),

As crianças que começam a dar as primeiras batidas de tambor ou os primeiros passos no ritual, as que vão acompanhando os pais para simplesmente verem a festa, introduzem-se numa grande aprendizagem. Mesmo os jovens estão sempre aprendendo na festa.

Reforçam-se, de fato, laços de pertencimento e significados inerentes as práticas da Folia de Reis em Itapuranga. Desse modo, num compartilhamento de sentimentos, conhecimentos e normas coletivas, saberes e costumes são observados, ao reafirmarem que “pertencer a um grupo pressupõe conviver com regras, com princípios que são agregadores, unificadores. Eles garantem a força e a união do grupo. Sem eles o grupo vai se dividindo, vai se enfraquecendo” (Pessoa; Pessoa; Pereira, 2018, p. 43). Assim, foliões e folionas, devotos e convidados vão mantendo de pé essa tradição, passando-a de geração a geração.

Dada a relevância dessa celebração e enfatizando o papel mobilizador da memória na preservação e construção de identidades, analisamos as atividades desenvolvidas, os ensinamentos produzidos e transmitidos no interior do grupo e práticas sociais, tentando a compreender como os saberes e costumes inerentes a Folia de Reis permanecem vivos. Logo, tendo em consideração essa abordagem teórica, o presente trabalho tem por objetivo analisar as Foliias de Reis como uma

³⁸ Referindo-se também ao período de preparação, o período que antecede a saída e a festa da chegada.

referência cultural da comunidade itapuranguense, uma tradição que ainda hoje é destaque da cultura regional, sendo, por isso, um Patrimônio Cultural.

1.3 Procedimentos metodológicos no estudo da Folia de Reis como Patrimônio Cultural em Itapuranga-GO

No que se refere aos procedimentos metodológicos, além da pesquisa bibliográfica e aporte teórico, adotamos uma abordagem que incorpora fontes orais, por meio de entrevistas semiestruturadas com foliões e depoimentos de residentes locais sobre a formação de Itapuranga. Dessa maneira, a pesquisa bibliográfica, análise documental e história oral atuam como o procedimento metodológico norteador deste trabalho.

Conforme Portelli (2016), uma entrevista é primordialmente uma situação de aprendizado para o entrevistador. Ela é uma arte, arte da escuta e respeito às motivações e prioridades de outras pessoas. Compreende-se assim que a história oral é “história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória. A memória, na verdade, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado” (Portelli, 2016, p. 18).

Atesta-se, ainda, a potencialidade da oralidade enquanto reveladora de emoções e identidades. A memória, por sua vez, segundo Delgado (2003, p. 16), age “como forma de conhecimento e como experiência, é um caminho possível para que sujeitos percorram a temporalidade de suas vidas”. Assim, a história oral está intrinsecamente ligada às memórias coletivas e individuais, sendo, por conseguinte, influenciada pelas dinâmicas de poder, que abrangem a capacidade de esquecer, lembrar, omitir e silenciar (Delgado, 2010).

Através da expressão de afeto e sociabilidade manifestada no local, evidenciada por meio de diálogos informais e pesquisa oral participante, percebe-se que a Folia de Reis, em Itapuranga, está presente desde os tempos em que a localidade era um distrito, com a companhia de Lages, logo, uma referência cultural no município.

Considerando o embasamento teórico, a trajetória acadêmica compreendeu uma análise das obras historiográficas e autores dedicados à pesquisa do patrimônio, da legislação e da implementação de políticas públicas no âmbito do

patrimônio cultural imaterial. Autores como Fonseca (2001,2003), Meneses (1999, 2003 ,2012), Simoni Scifoni (2005,2019), dentre outros, nortearam a compreensão da discussão apresentada neste estudo referente ao campo do patrimônio.

Os trabalhos de pesquisa realizados pelo autor Jadir de Moraes Pessoa foram eixos basilares das concepções sobre a Folia de Reis. Ainda no corpus documental, parte-se de fontes iconográficas, tais como fotografias, considerando a fotografia e as imagens em geral, conforme nos coloca Menezes (2003) como parte viva de nossa realidade social.

No contexto da análise de documentos escritos, examinamos a Constituição Federal do Brasil de 1988, que desempenha o papel de carta magna legislativa do país e redefine a concepção de patrimônio cultural. Além disso, investigamos documentos que regulamentam a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, instituindo, por exemplo, o registro de bens de natureza imaterial. Essa abordagem proporcionou uma compreensão das bases legais e normativas que moldam a preservação e valorização do patrimônio cultural brasileiro.

Inclui-se, ainda, nesse estudo, leis municipais e documentos escolares, como o Projeto Político Pedagógico. Desse modo, ressalta-se que foram estabelecidas parcerias com as instituições coparticipantes no desenvolvimento deste projeto, a Prefeitura Municipal de Itapuranga, a Igreja Católica Apostólica Romana representada pelo pároco da cidade de Itapuranga e a Escola Municipal Coronel Virgílio José de Barros. Considera-se, portanto, a participação efetiva, dialógica e coletiva dos envolvidos nesse estudo, concebendo o patrimônio cultural, como um elemento social inserido nos espaços de vida dos sujeitos (Tolentino, 2016).

O que levou o desenvolvimento desta pesquisa foram as indagações de alunos sobre a Folia de Reis. Logo, este estudo partiu-se de uma investigação numa perspectiva patrimonial. Levando em consideração que a Folia de Reis é considerada uma das mais belas manifestações populares do Brasil, como reitera o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), dada a relevância desse bem cultural, o objetivo desta pesquisa buscou analisar as particularidades das Foliadas de Reis do município de Itapuranga-GO, visualizando a relevância da memória na preservação de saberes e costumes, percebendo, desse modo, as particularidades, identidades construídas, e percepções dessa manifestação cultural que vem sendo passada de geração em geração em Itapuranga.

Nesse sentido, recorreremos à pesquisa de campo, conduzindo entrevistas semiestruturadas a partir de um roteiro para compreender a partir dos olhares dos integrantes das Folias, os saberes, costumes e formas de expressão inerentes a essa manifestação cultural no município. No decorrer do estudo, incluiu-se acompanhamento de reuniões, retiros e percurso do giro das Folias de Reis. Com essa observação participante, visou-se compreender a dinâmica desse patrimônio imaterial local, explorando seus valores e significados tanto para os detentores desses saberes quanto para aqueles que os acompanham, sejam devotos ou visitantes. Dessa maneira, percebemos como essa tradição se mantém viva, configurando-se como uma referência e um patrimônio cultural.

Com o objetivo de mapear o território no qual o bem cultural está inserido, escolheu-se destacar os saberes locais e a vivência por meio de depoimentos de moradores da região mais antiga da cidade, Xixazão. Além disso, consultou-se artigos, monografias, dissertações e livros que abordam discussões históricas sobre o desenvolvimento do município de Itapuranga-GO. A análise de documentos, como o Livro do Tombo e legislações municipais, fortaleceu a compreensão sobre a importância das atividades culturais e sua representatividade no município.

Foi desenvolvido no decorrer da pesquisa uma ação de Educação Patrimonial, na Escola Municipal Coronel Virgílio José de Barros³⁹. Com ações como rodas de conversa e memória, buscou-se uma interação e divulgação dos sentidos da Folia de Reis em ambiente escolar. Diante esse pressuposto, no intuito de verificar o desenvolvimento e ou efetivação de ações que englobem a temática patrimonial em ambiente escolar, foi analisado o Projeto Político Pedagógico (PPP) da referida instituição, bem como apresentação do projeto de Educação Patrimonial a equipe gestora e aos respectivos professores das turmas indicadas para participação, ou seja, os 5º anos vespertino. Os alunos foram fornecidos com um formulário de avaliação impresso, oferecendo-lhes a oportunidade de expressar suas considerações sobre esta iniciativa de educação patrimonial.

Ao analisar o Projeto Político Pedagógico da escola, nota-se esse documento afirma, em sua abertura, que a escola é “abrangente – um centro de cultura aberto ao mundo, recebendo a influência da sociedade” (PPP, 2023, p. 2). Infere-se, sobremaneira, que há uma preocupação com a cultura do indivíduo e a

³⁹ Ressalte-se que a autora da pesquisa integra o corpo docente dessa instituição.

diversidade existente dentro do ambiente escolar, reconhecendo a necessidade de se “conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial de culturas diversas em especial a brasileira” (PPP, 2023, p. 99).

Partiu-se de referenciais bibliográficos como Átila Tolentino (2012, 2016, 2022), Pelegrini (2008, 2009), Candau (2021), entre outros, que nos orientaram no sentido de perceber o potencial mobilizador da memória e ações de educação patrimonial na preservação de saberes e construção identitária, com uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social, nas singularidades da população local.

Enquanto docente na rede pública municipal de Itapuranga-GO, constata-se a deficiência na abordagem da temática patrimonial nos currículos escolares, além da ausência de projetos de gestão do patrimônio local. Nessa perspectiva, considerando a modalidade profissional do mestrado, a concretização das experiências vivenciadas ao longo deste processo metodológico de estudos culminou na elaboração de um produto, um livro paradidático, visando uma aplicação prática e devolutiva social.

Coelho e Silva (2023, p. 74-75), no que se refere à importância do ensino de história local no fundamental anos iniciais em Itapuranga, ressaltam que os professores reconhecem que a história local como método de ensino cria uma relação maior entre os alunos e o conhecimento histórico: “Segundo a ideia expressa pelos professores, como estratégia de ensino/aprendizagem de história, o ensino da história local facilita a interação das crianças com o conteúdo histórico trabalhado em sala de aula e cria uma apropriação histórica do município”. Dessa forma, no anseio de corroborar futuramente para a realização de tais práticas educativas, espera-se que este produto contribua tanto para a disseminação de dados históricos na formação do município de Itapuranga-GO quanto no aprimoramento da discussão patrimonial no contexto escolar e disseminação dos sentidos e significados da Folia de Reis, um patrimônio cultural em Itapuranga-GO.

É importante destacar que o projeto de pesquisa, que fundamenta este estudo, foi submetido à Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás - CEP⁴⁰. Nesse sentido, o estudo

⁴⁰ Trata-se de um colegiado interdisciplinar e independente, que tem por finalidade o acompanhamento das pesquisas envolvendo seres humanos, preservando os aspectos éticos, em defesa da integridade e dignidade dos participantes de pesquisa, levando-se em conta o pluralismo moral da sociedade

atendeu a todos os critérios pertinentes, quem garante a observância rigorosa dos princípios éticos. O estudo, pautado por essa abordagem, respeita a diversidade de ideias e opiniões apresentadas no território pesquisado.

O envolvimento dos partícipes na pesquisa e as ações empreendidas foram respaldadas pelos termos de anuência que viabilizaram a aquisição, difusão e circulação das informações e imagens obtidas. As perguntas, ou questões norteadoras, durante as entrevistas estão em consonância com os objetivos da pesquisa e fundamentadas na justificativa do estudo, seguindo orientações e critérios normativos previstos pelo Comitê de Ética da instituição, os quais nortearam as possibilidades para a realização deste relatório.

Assim sendo, os dados foram obtidos por meio de fontes diversificadas: entrevistas individuais semiestruturadas, observação-participante, formulário, história oral, pesquisa documental e bibliográfica. Visto que, com este trabalho, almeja-se destacar a Folia de Reis enquanto um patrimônio cultural, compartilhando seus sentidos e significados, e, por conseguinte, contribuir com a salvaguarda e preservação dessa celebração.

brasileira. Assim, “O CEP/UEG é uma instância colegiada com abrangência institucional, de natureza consultiva, deliberativa, normativa, educativa, autônoma, no âmbito da emissão de pareceres sobre protocolos de pesquisas realizados com seres humanos. Ele é vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa/Conselho Nacional de Saúde (CONEP/CNS) e, administrativamente, à Pro-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UEG” (<https://www.ueg.br/cep>).

2. FOLIA DE REIS EM ITAPURANGA-GO – CELEBRAÇÃO QUE CANTA E ENCANTA

A Folia de Reis proporciona momentos de sociabilidade e festividade em torno do nascimento de Cristo. Nela, são resgatados elementos da memória cristã, bem como traços identitários e laços de pertencimento são fortalecidos nessa prática cultural, deixa sua marca na experiência coletiva que envolva o trabalho, a religiosidade e o entretenimento, uma vez que

As festas populares são uma expressão marcante das culturas de todos os povos do mundo, entendimento largamente estabelecido por estudiosos das ciências humanas. Em qualquer tempo e lugar, para populações urbanas e rurais, as grandes festas religiosas são o espaço de encontro e reencontro das famílias e dos amigos, de retorno dos nativos ausentes, ocasião para saborear as comidas típicas e cada lugar e reavivar os valores familiares, os afetos, os sentidos de pertencimento. Nessas festas são reiteradas as identidades culturais das sociedades humanas (Barbo; Curado, 2022, p. 188).

Com base nos estudos teóricos sobre patrimônio cultural, pode-se afirmar que a Folia de Reis, em Itapuranga, como é uma celebração que canta e encanta desempenha um papel crucial na vida festiva de Itapuranga, ao abranger dimensões temporais e culturais, ao passo que exerce significativa influência no modo de vida dos itapuranguenses. Tendo que vista que essa prática articula experiências e vivências vinculadas à história e aos costumes familiares, a Folia de Reis remonta à formação do município, uma vez que vem sendo transmitida oral e coletivamente, fato, esse que a torna um patrimônio cultural.

Vieira (2021)⁴¹ apresenta que, em Itapuranga, a Folia de Reis é uma tradição passada através do diálogo, da escrita, da convivência e da observação, em que os foliões e devotos assimilam a identidade própria do grupo em espaços específicos da vida social. Por essa razão, a

cultura é tudo aquilo que construímos, aquilo que aprendemos com o próximo, seja com alguém da família ou com qualquer outra pessoa. É através da comunicação e dos exemplos dos mais velhos, que novos saberes e identidades vão sendo construídos. A Folia de Reis é um grande exemplo de aprendizagem cultural, já que, a partir do momento em que a pessoa começa a fazer parte do grupo, é construído um laço de aprendizagem, amor e afetividade entre seus integrantes (Pessoa; Silva, 2021, p.101-102).

⁴¹ As trajetórias socioespaciais da Folia de Reis em Lages: Festa, cultura e territorialidades. In: (Pessoa; Silva, 2021).

Em sua maioria, os costumes são transmitidos de uma geração a outra pela oralidade. O Sr. Antônio Ferreira dos Santos⁴², referindo-se ao seu processo de aprendizagem e habilidades na tradição da Folia de Reis, afirma: “Uai, eu aprendi com muitos embaixadores, sabe. É, observando. Assim, ensinar mesmo eu, ninguém ensinou não, eu aprendi a afinar instrumento” (Santos, maio, 2023). Conforme enfatizado por Bosi (1994), refaz-se e se reconstrói, no presente, experiências passadas com os mais velhos. Isso perpetua a tradição.

As companhias estudadas no município de Itapuranga apresentam características diferentes entre si, haja vista que elas “deve[m] ao fato de ser uma cultura popular. Os grupos não têm forma rígida, pois não há escola de formação de folião. É a continuação de uma cultura que teve início e por povos originários de várias culturas” (Vigilato, 2000, p.135). No entanto, essas práticas guardam o mesmo objetivo, a mesma natureza. Logo, como caracterização de uma Folia de Reis parte de

[...] um grupo religioso, motivado pela questão da fé, pelo sentimento religioso, que sai de casa em casa, anunciando o nascimento de Jesus e convidando os moradores a uma espiritualidade, a renovar a sua espiritualidade, a renovar a sua fé. Essa fé tem um conjunto que é a devoção aos Reis Magos e também a dimensão cristológica desta devoção aos Reis Magos, porque afinal a viagem é ir para Belém para visitar o Menino Jesus. Então o núcleo fundamental da Folia de Reis, o que que é o essencial da Folia de Reis é realizar esta tarefa missionária, essa tarefa, já respondemos alguma vez no nosso Retiro dos Foliões, essa tarefa evangelizadora da Folia de Reis, que é, fazermos de casa em casa esse anúncio, que é realizarmos de casa em casa a oportunidade de que o morador renove a sua fé, renove a sua devoção. Junto a isso, colado a isso, vem a questão da dimensão da tradição, do nosso folclore religioso, claro que nós queremos conservar a Folia de Reis também enquanto momento de socialização, não necessariamente só momento de fé, mas momento de alegria, de estar juntos, de convívio, de coleguismo (Pessoa, maio, 2023).

Por meio de uma missão evangelizadora, movida pela fé e pela dimensão cristológica, a Folia de Reis constitui-se de momentos de socialização, de alegria e de convívio entre os participantes. Aquilo que se reproduz como saber, crença ou arte, reproduz-se, conforme Brandão (2003), enquanto é vivo, dinâmico e significativo para a vida, entre as pessoas e grupos sociais.

⁴² Popularmente conhecido como Antônio Alípio, completou no dia 22 de setembro de 2023, 86 anos de idade.

2.1 Organização: Compartilhamento de saberes e memórias – Folia de Reis um “legado vivo”

Compartilhando de um passado em comum que rememora a viagem dos Três Reis Magos, foliões e acompanhamento produzem sentido ao que fazem, possibilitando que a Folia de Reis se mantenha viva e se constitua em uma grande tradição em Itapuranga-GO. Ao recorrer a Rafaela Goulart (2018), em seu estudo sobre a Folia de Reis em Florínea (SP), entende-se que as celebrações são ocasiões de sociabilidade que produzem sentidos de acordo com cada região e lugar. Elas são parte da memória coletiva de grupos que compartilham de um passado e uma identidade social em comum. Assim, compreende-se essa celebração enquanto patrimônio cultural, uma vez que o

patrimônio imaterial são criações culturais de caráter dinâmico e processual, fundamentadas nas tradições que expressam a identidade cultural e social de um determinado grupo. São práticas constantemente reiteradas, transformadas e atualizadas que vinculam o presente com o passado. a Folia de Reis entendida como um bem cultural de natureza imaterial, encaixar-se-ia em uma das categorias atribuídas pela legislação federal supracitada: o Livro das Celebrações (Goulart, 2018. p. 145).

Ao deter a atenção para as representações que delineiam a identidade regional de seus habitantes, constata-se, com o Inventário Nacional de Referências Culturais, um instrumento essencial para identificação e documentação de bens culturais numa perspectiva plural de referências culturais, o que corrobora para que a Folia de Reis seja compreendida como um patrimônio que faz sentido tanto para os foliões e folionas, que são detentores desses saberes, quanto para o acompanhamento. Esses últimos são pessoas que participam do giro ou das festas de saída e chegada, motivadas pela devoção ou pelo entretenimento.

As Foliás de Reis fortalecem os vínculos de amizade, respeito e devoção diferentes grupos numa jornada de fé e socialização, bem como desempenham papéis fundamentais para o sucesso e para a continuidade dessa celebração em Itapuranga. Nas reflexões de Pessoa e Silva (2021), verifica-se que a manifestação da folia, carregada de significantes e significados, constitui-se em espaços de “(en)cantamentos” que trazem o som e o jeito do povo.

Outrossim, é oportuno destacar que o processo de memorização e de compartilhamento de saberes não se dá de forma estática. Conforme Ortiz (2012), a

tradição nunca é mantida integralmente e, a memória coletiva, enquanto prática que se manifesta no cotidiano das pessoas, só pode existir enquanto vivência, adquirindo significado somente quando encarnadas no cotidiano dos atores sociais.

Mesmo com diferenças de toadas, nas companhias analisadas englobando heranças de São Paulo, Minas Gerais, Bahia e do próprio estado de Goiás, a melodia se sustenta nos acordeons, violas, violões, caixas e pandeiros. Tem-se, desse modo, a espontaneidade e criatividade de foliões, exímios repentistas, com versos que constituem um meio de expressão musical, mas, sobretudo, são um veículo essencial para a comunicação durante a celebração.

À noite, por exemplo, segue-se um ritual na chegada à casa, no qual, por uma questão de beleza, os moradores devem ser acordados não pelo barulho dos carros, mas, sim, pelo som dos instrumentos e pela cantoria.

Figura 12: Visita noturna durante o giro da Folia de Reis de Lages.



Fonte: Acervo da autora. 2023.

A saudação ao morador, a apresentação do grupo que simbolizam os Três Reis indo a Belém e os pedidos para que o morador acenda a luz e abra a porta são

momentos que marcam uma visita noturna. Daí em diante, a visita acontece como em qualquer outro horário (Pessoa, Pessoa, Pereira, 2018).

Com versos rememorados ou de improviso⁴³, canta-se a Anunciação do Anjo Gabriel, o Nascimento de Jesus, a Viagem dos Três Reis, além do que canta-se a pedir e a agradecer a oferta. São entoados cantos no cumprimento de promessas e, então, a cantoria despede-se dos moradores. Enfim, conta-se a história da anunciação à Maria ao nascimento de Jesus, dentre outras cantigas que evidenciam uma forma de poesia oral que marca a vivência coletiva dessa celebração. A seguir, apresentam-se rimas que enaltecem o ritual. Alguns desses versos são transcritos abaixo:

Quadro 2: Exemplos de versos que são entoados nas cantorias da Folia de Reis de Lages.

VISITA NOTURNA	CUMPRINDO PROMESSA	AGRADECENDO
Acorda filho de Deus Que já é de madrugada O que está na sua porta É uma Bandeira sagrada	Nesta hora abençoada Imagine que hora é essa É de nossa obrigação De ajudar cumprir promessa	Deus lhe pague a bela oferta Do senhor e da família Deus lhe dê vida e saúde E prazer e alegria
Ai boa noite morador Pro senhor e pra senhora O Três Reis pede desculpas Por chegar fora de hora	Um devoto dos Três Reis Está com os joelhos no chão Vai cumprir uma promessa Pra ganhar a salvação	Deus lhe pague a boa cheia Deus será sua defesa Os Três Reis do Oriente Que abençoa a sua mesa
Porta aberta e luz acesa Com prazer e alegria A recebe os Três Reis santos Com a sua companhia	Nesta hora aqui chegou Os Três do Oriente Pra receber uma promessa Deste nobre penitente	Deus lhe pague para o senhor Que tratou da companhia Deus ajude que não falte O pão para sua família
Os Três Reis estão girando Dia e noite assim sem pressa Visitando seus devotos E cumprindo várias promessas	Vós já pode alevantar Fazendo o sinal da cruz Já cumpriu sua promessa Para sempre amém Jesus	Deus vos salve este devoto Pela oferta em vosso nome Dando água a quem tem sede E dando pão a quem tem fome

Fonte: Caderno de versos do capitão Olímpio Filho Rocha (manuscrito). (Elaborado pela autora), 2023.

Versos esses, gerados a partir de um rico conjunto de conhecimentos, ancorado em saberes religiosos e rituais, confere-se uma dimensão ampla e significativa a essa prática tradicional, pois

pensar, agir, conviver, partilhar, não são modos de ser ou meros 'comportamentos aprendidos' [...] na verdade querem traduzir o que aprendemos a exteriorizar como atores-autores de dimensões e momentos

⁴³ Também chamado de repente ou cantoria, trata-se de uma expressão artística poético-musical que se destaca pela improvisação de estrofes em sua composição.

de uma cultura que partilhamos com os nosso outros. Que compartilhamos através da correspondência e da convergência de gestos coletivos tornados sociais. isto é, criados e inseridos no interior de uma cultura (Brandão, 2015, p. 170).

Envolve-se, assim, as relações com símbolos e com os significados. Logo, a partir do entendimento de identidade como algo em construção e de cultura como produto da atuação humana na história, que possui significação simbólica, a Bandeira que os devotos “carregam é a razão de ser da Folia, recebida com todas as honras aonde quer que chegue” (Moreyra, 1983, p. 150). A partir desse pressuposto, para os foliões: “Sair com uma folia exige permanentemente de todos uma postura respeitosa, porque isso significa pôr-se em uma jornada de fé” (Pessoa, 2023, p. 56). De acordo com Pessoa (1993, p. 133), os organizadores da Folia, “especialmente os embaixadores, têm que ser profundos conhecedores do ritual para não incorrerem em erros que também suscitam a ira do Santos Padroeiro”. Observa-se que, enquanto religiosidade popular, realiza-se entre os presentes e em momentos diversos, orações como:

Quadro 3: Orações realizadas nas Foliás de Reis em Itapuranga-GO.

ORAÇÕES	
PROFISSÃO DE FÉ	Creio em Deus, Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; nasceu da Virgem Maria; padeceu sob Pôncio Pilatos; foi crucificado, morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia; subiu aos céus; está sentado à direita de Deus, Pai Todo-Poderoso, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Católica; na comunhão dos Santos; na remissão dos pecados; na ressurreição da carne; na vida eterna. Amém.
SINAL DA CRUZ	Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo Amém.
AVE MARIA	Ave, Maria, cheia de graça! O Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.
PAI NOSSO	Pai nosso que estais nos céus, santificado seja o vosso nome; venha a nós o vosso reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos daí hoje; perdoai-nos as nossas ofensas,

	assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido; e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém.
ORAÇÃO AO ANJO DA GUARDA	Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, se a ti me confiou a piedade divina, sempre me rege, guarda, governa e ilumina. Amém.
SALVE RAINHA	Salve, Rainha, Mãe de misericórdia! Vida, doçura e esperança nossa, salve! A vós bradamos, os degredados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando, neste vale de lágrimas. Eia, pois, Advogada nossa! Esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei. E, depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce e sempre virgem Maria. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém.

Fonte: Elaborado pela autora embasado na pesquisa de campo, 2023.

Constata-se uma religiosidade popular em resposta ao cotidiano, seja por uma graça recebida ou pedidos de proteção. Desse modo, a apropriação e a ressignificação dos fundamentos numa partilha de fé e de alegria vem mantendo a tradição da Folia de Reis viva no município de Itapuranga, principalmente como “um ritual organizado e vivido com uma grande diversidade de funções que incluem todas as pessoas circunscritas pelo giro” (Pessoa, 1993, p. 116).

Nota-se que nos aprendizados que vão sendo passados ao longo das gerações, há o seguimento de uma estrutura organizacional na qual “[...] em obediência à devoção, a folia se divide em quatro partes: a saída, o giro, o pouso e a recolhida que representam os vários momentos da viagem dos Três Reis Magos” (Canesin; Silva, 1983, p. 32).

Quadro 4: Segmentos nas Foliás de Reis em Itapuranga-GO.

Festa de Saída	Um evento social que se dá a partir de um agrupamento de pessoas, que reintegram sua fé, dando-lhe forma por meio de preces e cânticos, dando início a jornada de rememoração da visita aos três Reis Magos ao Menino Jesus. Nas companhias estudadas percebe-se que essa prática festiva acontece geralmente no horário de almoço “os foliões se reúnem na casa da pessoa que pegou o cravo, para começarem a jornada” (Pessoa; Silva, 2021, p. 113) ⁴⁴ . Com a representação de que
-----------------------	--

⁴⁴ Cravo – distintivo utilizado para evidenciar o festeiro da Saída. Ressalta-se que na Folia de Reis de Lages esse distintivo encontra-se também estampado na toalha (utilizada pelos foliões), visto que os festeiros são considerados no decorrente ano como foliões.

	os festeiros estão enviando os Três Reis, para visitarem outros devotos.
Giro	O acontecer da Folia de Reis - Ritual de visitação da Bandeira às casas de devotos e/ou pessoas que fizeram promessas de receberem a Folia em suas casas. Acontece aqui um encontro de pessoas, fazendo-se presente foliões, familiares e amigos dos anfitriões, fortalecendo assim os laços de pertencimento entre os participantes.
Pouso	Compreendo o local onde a Bandeira ficará repousando durante a noite. O referido morador oferece um jantar tanto para foliões quanto para visitantes, e no dia subsequente a Bandeira é retirada pelos foliões, dando sequência ao giro. Considerando que as Falias de Reis que seguem nesse formato, giram durante o dia e descansam à noite. ⁴⁵
Festa de Chegada	Uma ocasião de encontro entre foliões e a comunidade, “um verdadeiro momento de síntese de toda a jornada” (Brandão, 1983, p. 29). Nessa prática festiva, expressa-se dois momentos de grande representatividade, a entrega da Bandeira, que fechará aquele giro, e a passagem da Coroa ⁴⁶ , que abrirá o próximo. Conforme conversas em campo com foliões, esse momento simboliza a chegada de Santos Reis na manjedoura, representando para os festeiros o nascimento de Jesus Cristo dentro de sua casa.

Fonte: Elaborado pela autora embasado nas pesquisas de campo e bibliográficas, 2023.

No entanto, tais características se diferem mesmo em Falias de Reis da mesma região, como acontece aqui no município. A devoção e tradição da Festa de Reis, na companhia de Lages, compreende três conjuntos rituais: a Festa da Saída, o Giro e a Festa da Chegada: “É, diuturnamente, nossa Folia já surgiu desta forma, sem a realização do pouso, gira dia e noite, como você nos acompanhou [...] englobando, então, a saída, o giro e a festa de encerramento, forma um conjunto que nós chamamos de festa de Reis” (Pessoa, maio, 2023).

As imagens abaixo comprovam momentos vivenciados durante as Festas de Saída de duas companhias estudadas:

⁴⁵ No caso da companhia Beija-Flor S. S. do Xixá e Córrego da Onça, visto que a de Lages gira dia e noite.

⁴⁶ Coroa – distintivo utilizado para evidenciar quem será o festeiro de Chegada. Ressalta-se que na Folia de Reis de Lages esse distintivo segue a mesma motivação descrita para o Cravo.

Figuras 13 e 14: Saída da Folia de Reis de Lages, festeiros: Valnoir e Cláudia, 25/12/2022.



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Figuras 15 e 16: Saída da Folia de Reis Córrego da Onça, casa do Sr. Manoel Gonçalves, 01/01/2023.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

O quadro abaixo demonstra as datas de saída e de chegada nas companhias analisadas. Destaca-se que a companhia do Sr. Antônio Alípio⁴⁷ teve seu giro mais recente em 2021. Além disso, é importante notar que, nesse ano (2023), a companhia Córrego da Onça encerrou suas atividades.

Quadro 5: Calendário das festas das Folias de Reis analisadas.

Companhias	Festa da Saída	Festa da Chegada
Lages	25 de dezembro	05 de janeiro
Córrego da Onça	25 de dezembro ou 01 de janeiro	06 de janeiro
Beija-Flor S. S. do Xixá	Giro extemporâneo, sem uma data pré-estabelecida.	

Fonte: Elaborado pela autora embasado na pesquisa de campo, 2023.

Atentando-se para o bom andamento desses momentos, a Folia de Reis de Lages elaborou instruções, especificando cuidados e providências especiais que devem ser observados pelos festeiros nessa companhia. Alguns desses cuidados podem ser constatados com o quadro⁴⁸ abaixo:

Quadro 6: Diretrizes a serem observadas pelos festeiros.

FESTA	INSTRUÇÕES
Saída/ Chegada	<p>Preparativos</p> <p>É de responsabilidade dos festeiros retirarem a Licença junto ao Batalhão da Polícia Militar;</p> <p>Para o trabalho da cozinha os festeiros devem contar com a ajuda da Equipe de Cozinha das Lages, parentes, amigos e vizinhos zelando pelo bom relacionamento entre as equipes;</p> <p>Os festeiros devem organizar com antecedência duas equipes de serventes: uma para o abastecimento da mesa e outra para servir a comida.</p>
	<p>Infraestrutura</p> <p>Os festeiros com a ajuda de vizinhos e colaboradores devem providenciar: cômodos para as cozinhas, fornalhas, tendas, cadeiras, estacionamento amplo para os veículos;</p> <p>Observar os princípios ecológicos como por exemplo: recipientes para colocar o lixo, evitar o corte exagerado de madeira ou folhas para a confecção de acomodações;</p> <p>Em uma das tendas deve ser confeccionada a Mesa de Refeição única para foliões, devotos, familiares e visitantes;</p>

⁴⁷ Como é conhecida popularmente a Folia de Reis Beija-Flor São Sebastião do Xixá.

⁴⁸ Ressalta que o mesmo foi construído com base nas instruções elaboradas pela Folia de Reis de Lages, para serem entregues aos festeiros dessa companhia a cada Giro.

	<p>Caso optem pela instalação de Bar, esse não poderá ser arrendado para terceiros e o total de sua arrecadação deve ser incluído no custeio da festa.</p>
	Ornamentação e significados
	<p>A decoração do altar, da casa e demais dependências (com flores, fitas e arranjos) fica a critério dos festeiros, mas, recomenda-se priorizar as seguintes cores: o vermelho, o verde, o amarelo. Podendo também acrescentar o azul claro, homenageando Nossa Senhora, o branco, homenageando o Menino Jesus e o Rosa, homenageando São José.</p>
Saída	Ornamentação e significados
	<p>Os festeiros devem preparar um altar com velas, fitas, flores, algum quadro ou imagem de devoção da família, deixando espaço para colocação da Bandeira (de frente para quem chega); Na festa de Saída não se coloca o arco; Não se coloca o presépio, pois é a cena de Belém, é Jesus na manjedoura, representa o fim da viagem;</p>
Chegada	Preparativos (antes do dia 05 de janeiro)
	<p>A preparação e os ornamentos da Coroa, do Cravo, da Bandeira, da máscara do palhaço e dos instrumentos são de responsabilidade dos festeiros; A festa é realizada com o dinheiro, mantimentos, animais e demais produtos que forem arrecadados no giro, mais recursos próprios e doações entregues diretamente aos festeiros para esse fim. Todas as doações devem ser anotadas para a prestação de contas; As arrecadações em dinheiro serão repassadas ao festeiro ou a quem ele indicar, todos os dias durante o giro no horário do almoço.</p>
	Infraestrutura
	<p>Na tenda principal, com circulação fácil entre ela e a cozinha, deve ser instalada a Mesa de Refeição, que é, também, o espaço principal da realização do rito final da Festa, a cantiga em volta da mesa, emendada com a Passagem da Coroa e do Cravo. À entrada da casa devem ser instalados 3 arcos, com intervalo mínimo de 5 e máximo de 8 metros entre eles. Cada um dos arcos representa um dos Reis Magos. Por isso recomenda-se que seja enfeitado de Amarelo, Vermelho e Verde. Só no primeiro arco se coloca a corrente. Em uma área da casa, que comporte maior aglomeração, devem ser preparados: primeiro o presépio (simbolizando Belém, o final da viagem), depois o altar, para a entrega da Bandeira, da Folia e reza do Terço.</p>
	Ornamentação e significados
	<p>A primeira parte da Festa termina com a cantiga em frente ao altar e reza do Terço. A Folia faz saudação do altar, entrega a Bandeira para os festeiros para que eles a coloquem sobre o altar. Imediatamente reza-se o Terço. Encerra-se assim aquele Giro. A segunda parte, acontece na tenda, com a cantiga em volta da mesa e Passagens da Coroa e do Cravo, já é o início do Giro seguinte, com a revelação pública dos próximos festeiros.</p>

Figura 17: Presépio e Altar da Folia de Reis de Lages, seguindo as instruções supracitadas. 05/01/2023.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Os cuidados se estendem também para os pós festa:

Quadro 7: Diretrizes a serem observadas pelos festeiros no pós-festa.

O depois da festa	
Arrecadação	Vem de devotos e, portanto, não pertence nem aos foliões nem aos festeiros, a destinação correta é a realização da Festa de Chegada.

Prestação de contas	Passada a Festa o festeiro e os capitães combinam uma data para a realização da prestação de contas, dando publicidade as arrecadações e gastos; Quando o festeiro pega a Coroa, ele já deve ser consciente de que, caso os recursos arrecadados não forem suficientes, deverá fazer complementação.
Saldo	Caso as arrecadações sejam superiores aos gastos com a Festa, o excedente deverá ser entregue à Bandeira. Qualquer destinação desse recurso será decidida em reunião.

Fonte: Elaborado pela autora embasado nas instruções da Folia de Reis de Lages, 2023.

Evidencia-se, dessa maneira, uma preservação, cuidado e responsabilidade com a tradição. Segundo Lôbo e Curado (In: Barbo; Curado, 2022), é próprio das festas a repetição ano após ano, recriando, porém, respeitando os modos tradicionais da cultura presentes no ato de festejar, mantendo, assim, sua identidade para que ela seja entendida como tradicional.

Nas companhias Córrego da Onça e Beija-Flor São Sebastião do Xixá, por se tratarem de Folias que realizam ou pelo menos realizavam⁴⁹ o pouso, o percurso da jornada é feito de forma que, de casa em casa, vão se aproximando do local do jantar. Assim, tem-se o giro durante o dia e o pouso durante à noite. A chegada em um pouso, conforme descrito por Brandão (1983), é sempre festiva. Ali marca-se o aumento de convidados e foliões de atalho⁵⁰, tido como um dos eventos de grande importância por Vigilato (2000). Como comenta Pessoa (2007),

Antigamente, dar pouso à Folia tinha um sentido literal de, de fato, proporcionar acomodações para todos os foliões dormirem. Hoje, com as facilidades de locomoção, isso já não é mais praticado. Terminada a função, os foliões vão dormir cada um na sua casa. No dia seguinte, voltam e tem-se a alvorada, com as cantigas de agradecimento da janta, do pouso, das esmolas e, ainda, a da retirada da bandeira para mais uma jornada do giro (Pessoa; Félix, 2007, p. 204).

⁴⁹ Utiliza-se esse termo pelo fato de a companhia Córrego da Onça ter encerrado suas atividades nesse ano 2023. Ressalta-se que a Bandeira desta companhia fora entregue ao pároco do município dia 23/01/2023. Conforme observações em campo, a Folia de Reis Córrego da Onça, com a colaboração de foliões de outros municípios, como por exemplo de Guaraitá e Inhumas, vinha girando desde 2016 (ano de seu surgimento segundo Edson Pessoa – “colaborador que dá suporte, apoio logístico e organiza o giro” (Edson Pessoa, dezembro, 2022). Quanto a Folia do Sr. Antônio Alípio esta depende da ajuda de foliões de outras companhias, registra-se que referindo à saúde o mesmo encontra-se numa situação delicada.

⁵⁰ Termo utilizado pelos foliões para se referir aos que acompanham o giro nos pontos de boia (almoço e jantar).

Mesmo que tenha sofrido modificações, percebe-se que essa tradição continua a inspirar e fortalecer os laços entre os participantes. Sobre a organização, percebe-se que, conforme discorrido por Canesin e Silva (1983) referindo-se à Folia de Reis de Jaraguá, o que possibilita a saída todos os anos desse festejo são os encargos fixos. Todavia, cada Folia de Reis tem o seu jeito próprio de se organizar, de acordo com os costumes e as condições de vida dos moradores, tendo em vista que “Pode acontecer que numa Folia de Reis a gente não encontre, por exemplo, os frangueiros, os leitoeiros ou ‘cargueiro”” (Canesin; Silva, 1983, p. 23).

Nessas folias, observa-se, também, algumas funções determinadas: a do capitão, do embaixador, do alferes, do palhaço, do gerente⁵¹, do maleiro e dos foliões que são distribuídas segundo seus tons de vozes e os instrumentos que tocam.

Quadro 8: Funções nas Folia de Reis analisadas.

Encargo	Função
Alferes	Portar a Bandeira durante o Giro, zelando pela sua integridade
Palhaço	Realizar a interlocução do grupo, sendo assim um protetor do Menino Jesus
Capitão	Observar fundamentos e continuidade da tradição, entoar versos, concentrando dessa forma, maior responsabilidade em relação ao giro
Embaixador	Realizar a embaixada, entoando os versos
Instrumentistas	Executam as toadas
Vozes	Os respondedores
Gerente	Cuidar da organização do Giro
Maleiro	Juntar as arrecadações

Fonte: Elaborado pela autora embasado na pesquisa de campo, 2023.

É notório a dinamicidade dessa cultura popular, cujo ato em sair com a folia é embrenhar-se numa jornada de profundo respeito e sentimento religioso, produzindo sentidos enquanto se produz sobrevivência (Pessoa; Felix, 2007). Observa-se que nas companhias analisadas, aos poucos, o tradicional rancho de folha de bacuri fora substituído por tendas. Mais do que uma praticidade, encontra-se na fala do folião Jadir Pessoa uma explicação para tal fato:

as folias precisam se reciclar em termos ambientais [...] acho que nós estamos cometendo um grande crime ambiental, aquele monte de bandejinha

⁵¹ Desde o Giro 2017/2018 a Folia de Reis de Lages cumpre sua missão sem esse serviço, ficando a coordenação sob responsabilidade dos capitães com a colaboração de vários foliões. Conforme constatado com observações e descrito em Relatório da Reunião Geral (encontra-se em anexo).

de plástico e de isopor nos nossos pontos de boia na nossa festa de Reis [...] nós foliões precisamos nos reciclar e passar a dar um exemplo diferente para a conservação da natureza. [...] enquanto folião estou triste com a displicência, com a dificuldade de a Folia de Reis tomar tentos sobre essa questão ambiental, vou fazendo o meu miúdo que é carregar meu prato na minha capanga e na hora da comida eu vou lá e sirvo o meu prato, terminou eu lavo e guardo de novo (Pessoa, maio, 2023).

Expressa-se, assim, uma preocupação com o impacto ambiental, enfatizando a importância dos foliões se sensibilizarem sobre a conservação da natureza e darem o exemplo adotando medidas mais sustentáveis.

Figura 18: Construção do Rancho para a Festa de Chegada da Folia de Reis de Lages, s/d.



Fonte: Acervo de Claudivan Geraldo C. da Silva, s/d.

Figura 19: Tenda da Festa de Chegada da Folia de Reis de Lages: 05/01/2023.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Seguindo os costumes e tradições herdadas, a Folia de Reis de Lages, tida como uma herança coletiva pelos foliões, se faz presente nas práticas da vida social desde 1943. Silva (2021), ao se referir a essa companhia, afirma existir uma circularidade cultural:

Assim, as imagens e representações colhidas/interpretadas em nosso olhar atento em relação à folia que nasceu e se manteve a partir de Lages é parte dessa cultura popular que é cantada e nos encanta em toda a sua existência.

Há uma circularidade cultural que se faz e se refaz a partir de marcos simbólicos visuais e nos imaginários produzidos coletivamente pelos foliões (Silva, 2021, p.83).

Existe, como se observa, uma relevância dos elementos visuais e suas representações dentro da Folia de Reis. De acordo com Ortiz (2012), compreende-se que as representações só adquirem significado quando encarnadas no cotidiano dos atores sociais. Ao referir-se ao sistema organizacional, a companhia de Lages, sem uma estrutura hierárquica rígida, tem seu processo de tomada de decisão caracterizado pela horizontalidade o que aponta para um exercício democrático do poder. Sobre isso, Wagner Antônio Pereira entende que

cada Folia tem seu sistema [...] essa Folia aqui a gente a considera como democrática, ela é uma Folia democrática, ela não tem dono, qualquer um aqui do mais simples ao mais elevado dos foliões, que pra nós é o Zé Isabela, depois seguindo a hierarquia, Jadir, dentre outros, tem o mesmo poder de voto, voto, vale um voto. Tudo é decidido em reunião, o destino do dinheiro é decidido em reunião, qualquer ação que a gente tenha é decidido em reunião. E, é, depois da decisão tomada em reunião acabou, não tem discussão, não tem o que se contestar (Pereira, maio, 2023).

Nas palavras de Pereira, constata-se a valorização da coletividade, da igualdade de voz e do empoderamento de cada membro da companhia. As reuniões com datas e horários combinados acontecem de forma organizada. Elas são apresentadas por meio da pauta com pontos⁵² a serem discutidos, em momentos de partilha, aprendizados e combinados, tendo como regra que nada é fixo.

Pessoa (1993, p. 172), do ponto de vista organizativo, diz que talvez seja esse um fator fundamental de sobrevivência da folia, já que ela “é uma festa do povo e, ainda que de maneira assistemática, o processo de tomada de decisões também é popular”. Com esse propósito, acontece as Reuniões na Folia de Reis de Lages.

⁵² levantados previamente de acordo com os ensejos observados. No entanto, aberto a inserção de novas discussões conforme observações.

Figura 20: Reunião da Folia de Reis de Lages, 03/12/2022.



Fonte: Acervo de Claudivan Geraldo C. da Silva, 2022.

Figura 21: Reunião da Folia de Reis de Lages, 11/11/2023.



Fonte: Acervo de Samuel Alves Parreira, 2023.

A reunião se inicia com expressões que refletem respeito e empatia pelos presentes, permeadas por cânticos⁵³ e preces⁵⁴. Ressalta-se que a Folia de Reis de Lages é coletivamente dirigida pela Reunião Geral. Essa premissa fundamenta a

⁵³ Refrão da música católica: “A nós descei, Divina Luz” de Reginaldo Veloso: “A nós descei divina luz/ em nossas almas acendei, o amor, o amor de Jesus/ O amor, o amor de Jesus.

⁵⁴ Sinal da Cruz e Ave Maria.

importância de um giro harmonioso e com união⁵⁵, destacando a crença de que “Quem caminha com os Três Reis Santos não caminha a escuridão, mas é guiado pela luz da Estrela”⁵⁶.

No ano de 2023, na Reunião Geral realizada dia 11/11/2023, decisões importantes em busca do fortalecimento da identidade de grupo foram tomadas como, por exemplo, a definição de que a Toalha⁵⁷ trará permanentemente a arte da Bandeira da companhia; a criação de uma Comenda intitulada Lindolfo Joaquim de Borba⁵⁸, instituída por uma resolução interna. No intuito de corroborar com o fortalecimento de laços, “recebemos uma herança preciosa e precisamos levá-las às próximas gerações; de que só quem olha com zelo para o presente e o passado, é capaz de fazer bons projetos para o futuro” (Resolução Interna de novembro de 2023). Assim, fortalecem-se como grupo ao manter essa tradição de pé.

Embasados na Lei Municipal de Nº 2.217, de 05 de setembro de 2023⁵⁹, fora apresentado na reunião o projeto cultural intitulado “Folia de Reis de Lages (Itapuranga-GO) 80 anos”⁶⁰, viabilizando o atendimento de demandas relacionadas à infraestrutura.

É relevante ressaltar que as deliberações tomadas durante a Reunião Geral da Folia de Reis de Lages são formalizadas em um documento⁶¹. Esse registro é então distribuído aos participantes como um meio de consolidar e reiterar as decisões tomadas durante o encontro. Essa atividade, consagrada na Folia de Reis de Lages, Reunião de Foliões, é inserida na agenda de todos os finais de ano, atingindo “sua maturidade, deu origem a um outro componente expressivamente fecundo em nossa

⁵⁵ Fazendo o sinal da cruz “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santos”

⁵⁶ Fala evidenciada durante a Reunião.

⁵⁷ Uma toalha branca com um tamanho padrão, é usada sobre os ombros de foliões, com as pontas caindo para frente. Significando tanto um objeto para embrulhar o Menino Jesus quanto um distintivo, um sinal que distingue o folião que o identifica. Se outras pessoas utilizarem ela perde o sentido (Pessoa, 2018). Com o mesmo significado esse distintivo era utilizado também nas outras companhias analisadas. Na companhia Córrego da Onça utilizava-se também um colete como forma de distintivo para os foliões.

⁵⁸ Fundador da Folia de Reis de Lages. A criação da Comenda tendo como Patrono o fundador da companhia, justifica-se em comemoração ao jubileu (Ano da graça, uma época que se completa) de 80 anos.

⁵⁹ Que autoriza o poder executivo municipal a conceder apoio destinado a fomentar manifestações artísticas-culturais.

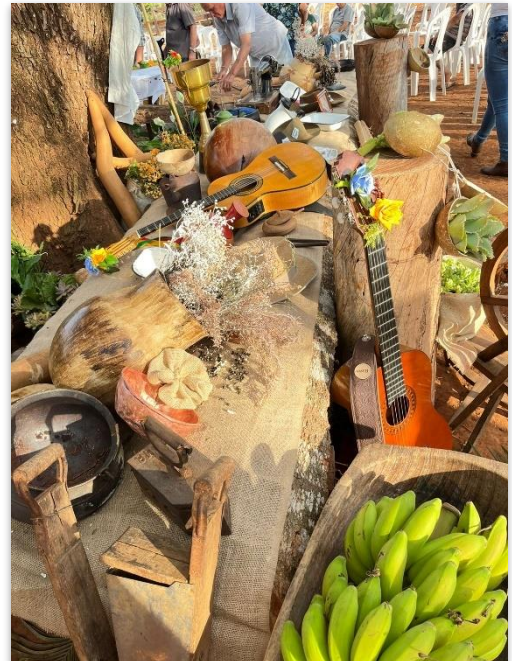
⁶⁰ O mesmo encontra-se em anexo.

⁶¹ Encontra-se em anexo o documento entregue aos foliões dia 25/12/2022.

história. É a realização do Retiro dos foliões, iniciado no ano de 2015” (Pessoa; Pessoa; Pereira, 2018, p. 10)⁶².

No período de 19 e 20 de agosto de 2023, na residência⁶³ dos senhores Vardico de Borba e Odília Santana da Costa, foi realizado o 7º Retiro da Folia de Reis de Lages⁶⁴. Esse evento social foi marcado pelo significado simbólico de retirar-se, proporcionando um espaço para oração e reflexão. Marcado com rodas de conversas com os temas: O tempo que já aconteceu⁶⁵; O tempo que Deus ainda irá nos conceder⁶⁶. O evento social contou com a presença de crianças, jovens, adultos e idosos que deram sentido ao que fazem:

Figuras 22 e 23: Retiro da Folia de Reis de Lages, 19 e 20/08/2023.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

A ornamentação do local com objetos, tais como chapéu, pilão, máquina de costura, ferro à brasa, espingarda, dentre outros, evidencia uma história de vida.

⁶² Momento de estudo mais oração, no intuito de disseminação dos fundamentos da tradição, interiorização da espiritualidade e pontuação de questões de caráter operacional relativos ao giro, seguem as reflexões e aprendizados no Retiro dos Foliões realizado geralmente no terceiro final de semana de agosto.

⁶³ A escolha da residência do Sr. Vardico se justifica pelo fato de ele ser o filho caçula do fundador da Folia de Reis de Lages, que completa 80 anos.

⁶⁴ Ficaram dois anos sem a realização desse evento social, em decorrência da COVID-19, também conhecida como pandemia do coronavírus (uma doença respiratória aguda causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2)).

⁶⁵ Dia 19/08/2023 a partir das 16h.

⁶⁶ Dia 20/08/2023 a partir das 08h.

Além disso, há a recorrência de falas carregadas de sentimento de pertença e de fé, tais como: “Sou folião, nunca parei, não pretendo parar, só quando Deus me levar”⁶⁷, “É uma gratidão tão grande aos Três Reis poder cozinhar na Folia”⁶⁸ e “Folia é coisa de homem, minha mãe dizia”⁶⁹, demonstram que cada um tem um pouco nessa história.

Durante o retiro, os participantes têm a oportunidade de analisar aspectos que necessitam de aprimoramento, ao mesmo tempo em que destacam e celebram as práticas bem-sucedidas. Essa ocasião se revela como um momento valioso para fortalecer os laços de pertencimento e aprimorar a tradição da Folia de Reis. Desse modo, com seriedade, devoção, fé e muita alegria, os foliões realizam reuniões, retiros e ensaios para os novos membros que vão dando continuidade aos ensinamentos aprendidos.

No que se refere à companhia Beija-Flor São Sebastião do Xixá, percebe-se que se trata de uma Folia mais centralizada na figura de uma pessoa⁷⁰. Ele se reconhece como gerente – o Sr. Antonio Alípio – e chama para si a responsabilidade. Compreendendo que cada Folia tem seu sistema, seu modelo de tomada de decisões e organização, os “grupos organizados de manifestações culturais populares transmitem aos sujeitos que socializam a sua compreensão de mundo, que também é saber, é conhecimento, por meio dos seus próprios rituais” (Pessoa, 2007, p. 81). O Sr. Antonio Alípio, quanto ao destino dos donativos arrecadados, verbaliza:

a arrecadação é essa que eu falei com você, aquilo nós vamos juntando leva tudo para o festeiro [...] tem algumas pessoas evangélicas também que dá ali, a bandeira está passando e eles tiram ali uma importanciazinha e dá. Tem uns evangélicos que faz isso, mas a renda vai mesmo do pessoal católico sabe, grande (Santos, maio, 2023).

Mesmo destacando que são poucos os evangélicos que contribuem com alguma importância, esse fato chama a atenção, visto que dentre as companhias estudadas, apenas nessa houve ocorrências nesse sentido. Talvez isso se deva ao fato de o Sr. Antonio Alípio ser uma pessoa bastante conhecida em seu meio, como

⁶⁷Fala do Seu Olímpinho, como é carinhosamente conhecido o Sr. Olímpio Filho Rocha, expressa o comprometimento e a dedicação com a tradição da Folia de Reis.

⁶⁸ Dona Divina Maria da Cruz Santos em sua fala carregada de emoção pelo fato de fazer parte da equipe da cozinha há mais de 30 anos.

⁶⁹ Marina Leite de Carvalho, demonstrando as mudanças acontecidas ao longo do tempo em relação a participação feminina na Folia de Reis.

⁷⁰ Referente a organização e tomada de decisões, haja vista a forma que os foliões a reconhecem, a Folia do Sr. Antonio Alípio.

ele mesmo reconhece: “venho girando ela há muitos anos né, muitos anos e agora os meus foliões faleceram e eu ainda estou ainda cantando ela” (Santos, maio, 2023).

Percebe-se, então, que houve uma dificuldade na renovação do quadro na referida companhia. Por esse motivo, tem-se girado fora do tempo com a ajuda de foliões de outras companhias. Por meio da fé e da devoção, os foliões, os devotos e os convidados vêm mantendo essa tradição de pé, transmitindo-a oral e coletivamente.

Já no que condiz à organização da Folia de Reis Córrego da Onça, o Sr. Jurandir Pires Camargo explica:

Eu mais o Edson que organiza, corre atrás de algum patrocínio, controla lá, e aí tem os foliões, organiza os pontos de almoço, de janta, de pouso. Que essa Folia ela costuma pousar. Então, eu mais o Edson que toma conta. Agora sobre organizar os grupos de Folia é os embaixadores, eles que organizam os grupos, não é nós não (Camargo, janeiro, 2023).

A partir da fala do Sr. Jurandir, fica evidente que, na organização da Folia de Reis, ele e o Edson Pessoa desempenhavam papéis importantes. Os foliões de hoje, unidos pela fé, adoração e busca ao Menino Jesus, tal como descrito por Yara Moreyra (1983) na representação da jornada dos Magos, se encontram e partem numa viagem⁷¹ com um propósito fundamental: a evangelização. Logo

Nós, foliões, eu penso que não tem muita novidade não, não tem muita novidade, é a gente continuar nesse exercício de pensar, entender, valorizar aquilo que nós fazemos, a gente entender que nós temos na mão um bem muito precioso, essa convivialidade, nós temos em mãos um bem muito precioso e que a gente não pode negligenciá-lo (Pessoa, maio, 2023).

Nessa afirmação acima, percebe-se a importância de se refletir e de compreender essa experiência, bem como de preservar e valorizar essa tradição. Além disso, relaciona-se a ela uma perspectiva de patrimônio transcendente que está diretamente ligada à preservação de memórias coletivas.

2.1.1 Caminhando com Fé: Folia de Reis e a Igreja Católica em Itapuranga-GO

Ao longo dos anos, essa expressão religiosa encontrou pontos de convergência com a Igreja Católica. Brandão (1983, p. 43), ao expor uma

⁷¹ Aqui referindo-se ao giro.

característica fundamental da Folia de Reis, afirma que “estamos diante de um acontecimento religioso católico essencialmente popular. Os devotos produzem um sistema de crenças sem o apoio da liturgia e dos princípios de fé da Igreja Católica”.

Esse sistema de crenças se desenvolve independentemente dos rituais e princípios estabelecidos pela Igreja Católica: “Esta peregrinação e festa é realizada no espaço profano, distante da interferência da Igreja ou de algum representante” (Silva, 2018, p. 159). Visualiza-se, então, a religiosidade popular como uma resposta ao cotidiano, numa conexão entre o sagrado e o profano os foliões rezam, tocam e recebem contribuições e donativos para a realização da festa de Reis.

Para manter a identidade católica, não depende-se da instituição religiosa em termos de organização e estrutura. Evidencia-se que essa relação local entre Folia de Reis e Igreja passou por um “percurso com etapas diferenciadas. Talvez a gente possa falar aí de três momentos muito distintos e eu ainda alcancei o primeiro, segundo e estou no terceiro, eu percebo muito claro isso” (Pessoa, maio, 2023).

Esse primeiro momento, caracterizado pela autonomia da Folia de Reis em relação à instituição religiosa, nota-se

uma primeira parte da nossa história era de assim, praticamente uma indiferença de ambas as partes. [...] Então, não havia uma comunicação entre, digamos, a estrutura organizacional da igreja, a paróquia, a comunidade, o padre. Não havia nenhuma interação dessa estrutura organizacional da igreja com a Folia de Reis. As manifestações religiosas populares conservam o vínculo enquanto identidade são católicas. Mas não tinham nenhuma necessidade da instituição religiosa no seu processo organizativo. Não é o padre que vai dizer quem é o próximo festeiro. [...]. Então essa questão da autonomia é fundamental. Então o primeiro grande momento da história da nossa Folia era nesse, com essa compreensão dessa autonomia, desta não necessidade de buscar uma relação com a instituição religiosa (Pessoa, maio, 2023).

Mesmo sem haver interação nem comunicação entre ambas as partes, mantinha-se a identidade católica dessa manifestação cultural. Percebe-se que mesmo a Folia de Reis sendo uma celebração enraizada na fé católica, seu processo organizacional mantém autonomia em relação a Igreja, uma vez que

Depois nós tivemos um outro momento que foi aqui na Diocese de Goiás, Itapuranga faz parte da Diocese de Goiás. Com a chegada de Don Tomás Balduino em 1968. [...] Don Tomás chegou para a Diocese com uma perspectiva organizacional moderna, tendo como base uma leitura teológica crítica [...] nesse processo de transformação da diocese de Goiás, embutido, ou seja, no pacote, havia também um desnível, um destaque maior para a evangelização, para aquilo que o evangelho dizia, mas obviamente lido a

partir desta formação teológica de Don Tomás, e num plano menor, com um prato da balança, num plano menor, a religiosidade popular, ou seja, essa leitura política do papel da igreja tinha mais peso do que a religiosidade popular. Agora, está proibido fazer Romaria para a Trindade, está proibido rezar o Terço, está proibido fazer Cerimonias Tradicionais durante a Semana Santa, Folia de Reis pode cantar, mas desde que cante versos, palavras falando da caminhada, falando do evangelho. Então, aquele momento foi muito duro para as Foliás de Reis em toda a Diocese. Pode cantar Folia de Reis, mas desde que fale as palavras desta leitura política do evangelho. Então, muitas Foliás deixaram de existir, como eu sei de um caso lá em Itaberáí. A nossa Folia de Reis, como ela permanecia naquela autonomia enquanto religiosidade popular, ela tinha uma independência em relação a estrutura organizacional da igreja, ela não sofreu interrupção, não sofreu corte, sofreu muito combate, mas não sofreu corte. Então, assim, por mais que, digamos, esse exercício pastoral novo, falasse mal ou desdenhasse das manifestações populares, nós não fomos atingidos. [...] Esse momento já é bem diferente em relação ao anterior (Pessoa, maio, 2023).

Com a transformação da Diocese de Goiás, a Folia de Reis passou por um período desafiador. A partir das narrativas do folião Jadir Pessoa, Costa (2015), referindo-se à Itapuranga, acredita que a Igreja, ao considerar questões do catolicismo popular⁷², tais como as festas e as celebrações do povo, não perseguiu as práticas populares como as rezas de terço e Folia. Assim, a autonomia da Folia de Reis foi fundamental para que essa tradição continuasse viva, preservando sua identidade, mesmo diante de críticas e restrições impostas. Referindo-se a essa relação na atualidade,

E um terceiro, que é o no qual nós nos encontramos agora, esse terceiro teve, digamos, um bom preâmbulo com a atuação do Padre Izaac aqui na paróquia, um italiano que depois voltou na pra diocese de Modena, Izaac Spinelli, ele é uma pessoa de um grande acolhimento. [...] Então, assim, eu diria que a fase do Isaac foi um grande preâmbulo, e a fase do Celso, agora eu diria que nós estamos no ápice desta, eu diria desta integração entre a Folia de Reis e a estrutura organizacional da igreja. Nós estamos num grande momento (Pessoa, maio, 2023).

Vivencia-se, desse modo, um período de grande importância e cooperação entre esses dois elementos, que abrangem tanto melhoria na infraestrutura da festa⁷³, quanto propiciam maior participação da comunidade religiosa. A esse respeito, o capitão Wagner destaca que

⁷² “uma prática da vivência, superando a ideia de ser uma prática do público pobre ou leigo [...] Cada festa pode revelar as identidades culturais e religiosas da comunidade, seja nos cultos, rituais, procissões e romarias locais [...] Este é o fundamento da criatividade e espontaneidade da religiosidade popular, um mecanismo que torna a festa como espaço para a expressão social da tradição e seu cotidiano” (SILVA, 2018, p. 77-78).

⁷³ Referindo por exemplo ao empréstimo de tendas, cadeiras e sonorização aos festeiros de Saída e Chegada, demandando apenas um agendamento prévio.

as manifestações culturais dentro da Igreja Católica durante muitos anos ela foi discriminada. E aqui, com a participação do padre Celso, a gente teve um acolhimento, dessa manifestação cultural dentro da Diocese de Goiás e especificamente em Itapuranga ela foi acolhida. Então nós temos hoje um bom relacionamento entre a Igreja e as manifestações culturais no município de Itapuranga, não é todo o município que isso acontece (Pereira, maio, 2023).

A partir do exposto e conforme palavras do folião Jadir Pessoa, o município de Itapuranga encontra-se no ápice desta integração entre a Folia de Reis e a estrutura organizacional da igreja. Resultam-se, dessa confluência, em um ambiente de colaboração como, por exemplo, o empréstimo de tendas, de cadeiras e de equipamentos de sonorização, o que proporciona um ambiente acolhedor e festivo para os participantes.

Outro ponto interessante apresentado por Pessoa e Silva (2021) diz respeito à doação⁷⁴ das imagens dos Três Reis à Capela de Lages e alteração trazida pelo Decreto Episcopal (22/12/17), no qual essa mesma igreja passa a ser reconhecida como Capela de Nossa Senhora do Rosário e de Santos Reis.

Figura 24: Entrega das imagens dos Três Reis à Capela de Lages.



Fonte: Acervo de Claudivan Geraldo C. da Silva, 2017.

⁷⁴ Conforme depoimentos as imagens dos Três Reis Magos em tamanho natural foram doadas pela Folia de Reis de Lages com recursos que foram angariados e estavam em caixa. Posto em pauta “a proposta foi aprovada e o trabalho foi encomendado em Goiânia, para a execução ao longo do ano de 2017” (Pessoa; Silva, 2021, p. 65).

A partir de conversas e observações em campo, percebe-se que esse feito “conseguiu trazer à tona o sentimento de pertença que tal ato simbólico estava fazendo acontecer” (Pessoa; Silva, 2021, p. 92). A partir da análise da narrativa do Sr. Antonio Alípio, percebe-se que essa relação entre pároco e foliões se dá nas companhias de Folias de Reis do município: “Ichi, o padre gosta demais. Todos os padres daqui gostaram muito. Quando tem um pouso, chama ele, uma reza, ele vai é coligado mesmo com a igreja católica né? [...] Padre Celso, esse aqui chama Celso” (Santos, maio, 2023).

Essa relação pode ser observada na saída da Folia de Reis de Lages⁷⁵. Na reza do terço, que aconteceu depois do almoço, como um folião batizado⁷⁶, o Pe. Celso Leonel Carpenedo fora convidado a dar uma palavra e, ao explicar sobre a origem do mito, referiu-se às narrativas bíblicas “contidas nos evangelhos de Mateus e de Lucas, que constituem a adoração dos magos e dos pastores ao Menino Jesus em Belém” (Pessoa, 2023, p. 38). Então, ele citou as referidas passagens⁷⁷ que ressaltaram a importância dessa tradição da cultura popular, que também se faz igreja, enfatizando que a grandeza dos Três Reis está na totalidade.

Com o terço em mãos, foliões e devotos realizaram o ritual de saída, acompanhados da atenção e respeito dos visitantes, “porque manifestação cultural não é só o sagrado, não tem como eu separar, tem o sagrado e o profano, as duas coisas andam juntas” (Pereira, maio, 2023). No mesmo sentido, o capitão Reinaldo Pessoa ressalta que

Antigamente, o pessoal falava que carregava, malas e malas de cachaça e as pessoas se embriagavam. Nas décadas de 1970 e 1980, o exagero era muito grande. As pessoas ficavam alcoólatras, iam para folia para poder beber. Porque tinha bebida de graça. Há bebida é errado, eu digo pra você que não. Os mutirões das roças antigamente, se não tivesse bebida, não ia ninguém, porque a bebida ela é um energético, ela te ajuda muito. Principalmente nas madrugadas por exemplo, a gente fica determinado de rezar um terço lá, a gente vai rezar um terço lá, você tá cansado, se você não tiver algo, um energético ali, você fica baqueado. E é da tradição. É errado você rezar e beber? Não, não é. Mas você tem que dosar, tem de regrar. Porque se não fica um lado da balança pesando mais, que é o lado do profano e do sagrado. A Folia ela tem que preservar essas duas extremidades, o profano e o sagrado. O dia que uma tiver sobrepondo a outra vai dar desequilíbrio. Década de 1970, 1980, começo de 1990, a balança estava pendendo mais para o profano, aí começou a desequilibrar e a gente foi

⁷⁵ Dia 25/12/2022 – casa do Valnoir e Cláudia.

⁷⁶ Conforme observações em campo, o termo folião batizado se refere a pessoa que demonstra comprometimento com o bom andamento da Folia e, após seu nome ser aprovado em reunião, esse é reconhecido como folião/foliona e recebe a toalha em um ritual de batismo durante o giro.

⁷⁷ Mt 2, 1-12; Lc 2, 1-14. (Constatações feitas na observação).

perdendo o respeito. Depois a gente começou a puxar mais ali o sagrado e a equilibrar a balança, adquirimos novamente o respeito. Se um dia um ou outro sobrepôr, vai dar o desequilíbrio na balança e aí a probabilidade de dar errado é grande. Porque se a gente ficar só nas orações, só rezar, só rezar, só rezar, nada de bebida, nada de alegria, porque a Folia ela é alegria, ela tem que trazer isso, ela tem que trazer alegria também, se for só a reza, só a oração, a balança fica desequilibrada (Reinaldo Pessoa, maio, 2023).

Ao abranger tanto o sagrado quanto o profano, essa interação torna-se essencial para compreender sua complexidade e significados. Desse modo, a união entre tradição cultural e religiosa tem fortalecido os laços da comunidade de Itapuranga, contribuindo na preservação de suas raízes históricas.

2.1.2 Giro: o acontecer da Folia de Reis

Um dos elementos mais marcantes dessa cultura popular é o Giro, ou seja, o acontecer da Folia de Reis. Numa representação simbólica, evidencia-se momentos de conexão com a devoção, tradição e união dos partícipes. Brandão (1983) entende o Giro como uma jornada cumprida pela companhia, como se observa tanto na Folia de Reis de Lages, na Folia de Reis Córrego da Onça quanto na Folia de Reis Beija-Flor São Sebastião do Xixá. Em todas elas, os sentidos e significados são guardados. As companhias seguem a Estrela-guia, saem à direita, obedecendo uma regra fundamental,

Por isso, na saída da folia, é necessário que o embaixador e o gerente façam um pequeno exercício de geografia. Considerando a casa da saída e a casa o arremate, a definição do conjunto todo do trajeto por onde se vai passar tem de obedecer a uma regra fundamental. A folia precisa sair à direita. Assim se entende a viagem dos Três Reis (Pessoa; Félix, 2007, p. 200).

Por meio das constatações dos referidos autores, compreende-se que a observância a esse cuidado se relaciona tanto a cultura popular onde “andar à direita” significa ser honesto, ter retidão de caráter, quanto ao universo religioso, embora “esse significado tem raízes mais profundas no universo cultural judaico-cristão. A mão direita é símbolo do poder de Deus, e estar à direita é sinal de eleição” (Pessoa, Félix, 2007, p. 200).

Assim, a Folia vai acontecendo no giro. Nele, o saber flui. Canesin e Silva (1983), referindo-se à Folia de Reis de Jaraguá, salientam que em obediência a essa crença, aprendida com os mais velhos, os foliões giram sempre em uma mesma

direção, fazendo círculos até chegarem na festa da Chegada: “os foliões dos Santos Reis acreditam que para tudo dar certo durante o giro eles têm que evitar duas coisas: a. começar o giro pelo lado esquerdo; b. fazer cruzamento” (Canesin; Silva, 1983, p. 49).

Há que se considerar que as companhias, aqui analisadas, seguem tais fundamentos. No que se refere à companhia de Lages, Pessoa (2023, p. 59) ressalta que “No seu conjunto, essas localidades formam uma circunferência, que, no atacado, precisa ser seguida no sentido anti-horário”, ou seja, andam sempre à direita. Logo, segue-se dando continuidade à tradição, na observância de que

No giro, não se pode andar à esquerda, não se pode fazer cruz (cruzar o caminho já utilizado), não se pode passar os instrumentos por baixo dos fios de arame das cercas, etc. Também não se pode tratar mal um morador, folião ou acompanhante (Pessoa, 1993, p. 133).

Figuras 25 e 26: Folia de Reis de Lages no giro, 2023.





Fonte: Acervo da autora, 2023.

Por meio da análise das imagens, evidencia-se que a companhia guiada pela Bandeira segue observando os fundamentos dessa tradição. Aprendidos pelo observar ou pelos ensinamentos dos mais velhos, essa relação implica que conviver com normas, princípios e costumes têm o propósito de agregar, unificar e fortalecer os laços de pertencimento.

O folião Igor Teixeira Pessoa referente ao percurso comenta que:

a gente evita porque a tradição conta que se eu estou voltando pelo mesmo caminho, Herodes está vindo atrás, então se eu voltar eu vou encontrar com Herodes, e Herodes queria matar o Menino Jesus, ele está ali na Bandeira. Então a tradição sempre coloca em nossa cabeça: anda sempre pra frente. Então a gente evita, mas as vezes precisa voltar para visitar o maior número de pessoas, mas sem cruzar a bandeira de forma alguma. (como que adivinhasse meu pensamento já pontua) Aí, outra coisa que eu vou já explicar desde agora, pra você não ficar com isso aí na cabeça e ficar pensando assim, mas e dentro da casa, que a pessoa fica andando dentro da casa, vai benzer o quarto e depois a cozinha e depois o quintal e anda pra lá e pra cá e cruza a Bandeira. Dentro da casa é exceção. É só até na porteira, na porta da casa, que de fato a gente não cruza a Bandeira (Igor Teixeira, maio, 2023).

Conforme demonstrado nas imagens acima e por meio da análise das falas, é notório como os indivíduos vão seguindo os fundamentos. Segundo Pessoa (2007), não voltar pelo mesmo caminho é uma forma encontrada pelos foliões de serem fiéis à narrativa de Mateus, visto que os Magos foram alertados em sonho a voltarem por outro caminho: “Arrematando a conversa: prevenir com a observância dos bons

costumes e tradições não custa nada e pode nos ajudar e muito a evitar possíveis contratempos” (Pessoa; Pessoa; Pereira, 2018, p.48). Conforme discorrido pelos foliões, durante o giro “é melhor fazer assim”.

Nesse sentido, os foliões seguem de casa em casa cantando e evangelizando. O processo de visitação da Folia de Reis passou por uma modernização. Anteriormente, todo o percurso entre uma casa e outra era percorrido através de longas caminhadas, o que limitava o número de visitas devido à extensão do trajeto. No entanto, com a introdução do transporte motorizado, seja por meio de veículos automotores de foliões (de mais poder aquisitivo) ou, mais recentemente, fornecidos pela prefeitura municipal (como as Vans), demonstrou-se um aumento expressivo no número de visitas. Essa mudança contribuiu diretamente para a expansão da popularidade da tradição, o que permitiu que mais residências fossem alcançadas durante o giro de visitas.

No que tange à prioridade das visitas nas companhias estudadas, não se concentra na localidade espacial, mas, sim, no desejo do devoto em receber a Bandeira e/ou de cumprir voto. Nesse contexto, como observado durante a pesquisa de campo, embora o giro rural seja uma característica da Folia⁷⁸, notou-se que essas visitas não se limitam apenas ao meio rural. Elas se estendem, também, ao meio urbano, já que “os moradores da área rural diminuíram, mas nós os encontramos na cidade” (Pessoa, 2018, p. 84). Essa dinâmica revela a flexibilidade da tradição, adaptando-se e mantendo sua identidade em ambientes diversos.

A companhia de Lages tem como data de saída o dia 25 de dezembro e chegada o dia 05 de janeiro. Com o giro ininterrupto, ou seja, girando 24h, com alternância de dois ternos⁷⁹, os foliões seguem de casa em casa levando o evangelho, oportunizando momentos de descontrações, histórias, risos e união.

Na Folia de Reis das Lages, essa tradição ganhou uma particularidade especial. Conforme discutido na Reunião Geral⁸⁰, conscientes do momento delicado vivido devido à pandemia da Covid-19, decidiu-se adaptar o protocolo de visitação, sugerindo que o ritual fosse realizado na área externa devido a ventilação. No entanto,

⁷⁸ “Sim, a Folia de Reis teve sua origem no mundo rural” (Pessoa, 2018, p. 56).

⁷⁹ Segundo explicações do capitão Reinaldo Divino Pessoa, terno se refere ao conjunto de foliões, com todas as vozes e instrumentistas necessários para que a cantoria seja realizada.

⁸⁰ Aqui referindo-se a Reunião Geral acontecida no dia 03/12/2023.

dada à preferência da maioria dos moradores, a solicitação de realizar o ritual dentro de casa, na sala, prevaleceu, fato, esse, que superou as preocupações.

Nesse ano⁸¹, a companhia Córrego da Onça teve sua saída dia 01 de janeiro e sua chegada⁸² no dia 06 de janeiro⁸³. O Giro, nessa companhia, contava com os pousos, cuja Bandeira permanecia na casa do morador, ou seja, aquele que oferece o jantar e que será retirada no outro dia de manhã com um ritual de versos alusivos a esse momento:

Ela só gira durante o dia, a noite eles jantam e aí, fica lá os instrumentos e a Bandeira na casa. Eles vêm para o hotel dorme, no outro dia cedo, pega a Bandeira de novo e segue pra frente, só durante o dia que ela gira (Camargo, janeiro, 2023).

O folião Edson Pessoa, referindo-se à companhia Córrego da Onça, diz que “a janta ou chamado, o pouso da Bandeira, acontecia para o cumprimento de um voto ou apenas por um desejo do dono da casa, na sequência a Bandeira permanecia no altar improvisado e só era retirada no dia seguinte” (Pessoa, junho, 2023).

Referindo-se a uma outra companhia, a Folia de Reis Beija-Flor São Sebastião do Xixá, percebe-se que com uma caminhada de fé, marcada com pousos e sem coroa⁸⁴, vem “ajudando no cumprimento de votos”.⁸⁵ Desse modo, não havendo a “obrigatoriedade” de girar todos os anos, dado que se trata de uma Folia sem a coroa, a companhia do senhor Antonio Alípio, teve seu giro mais recente no ano de 2021. O folião Antônio Carrinho da Cruz ressalta que “Pra Folia continuar tem que o povo incentivar, porque Folia de Reis nunca vai acabar, se Deus quiser, eu tenho certeza que não vai acabar, mas quanto mais incentivo melhor” (Cruz, abril, 2023). Como momentos de descontração, tiram uma catira, e com a colaboração de amigos foliões de outras companhias vem (re)existindo, cumprem sua missão.

Assim, em meio à devoção, momentos de fé e de diversão se misturam “eles se relacionam entre si, manifestam a sua religiosidade e recriam o seu cotidiano”

⁸¹ Referindo-se a 2023.

⁸² Marcando o encerramento ou pelo menos uma pausa conforme fala do folião Edson Pessoa.

⁸³ “Então vamos girar nos dias 01,02,03 e 04 de janeiro. Dia 05 vamos descansar e também temos que respeitar a festa da Folia das Lages que acontece nesse dia. A festa da Folia Córrego da Onça vai acontecer no dia 06 de janeiro de 2023 na casa do Sr. Divino Camargo no Córrego da Onça, no trevo de Uruana.” (Edson Pessoa, 19/12/2022)

⁸⁴ Sem o distintivo utilizado para evidenciar quem será o próximo festeiro de Chegada.

⁸⁵ Fala do Sr. Antônio Alípio. Segundo ele, essa é a missão da Folia de Reis, ajudar no cumprimento de votos, levando os Três Reis de casa em casa. (01/01/2023)

(Canesin; Silva, 1983, p. 13). A cada giro, a Folia de Reis escreve mais um pouco de sua história, mantendo-se viva e inspirando gerações futuras.

2.1.3 Visualizando a Bandeira como Símbolo de União na Folia de Reis em Itapuranga-GO

Nessa manifestação cultural, um dos elementos mais significativos é a Bandeira. Carregada com simbolismo e espiritualidade, ela transmite a essência dessa tradição conecta os participantes, o que lhes proporciona uma experiência de fé e os guia a todo o ritual festivo.

Num processo de interação sociocultural e de visualidade popular na Folia de Reis no município de Itapuranga, reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial, a imaterialidade se expressa por intermédio da materialidade (Meneses, 2012), em que saberes e fazeres, imbuídos de sentidos e significados, compreendem uma esfera da cultura denominada por Brandão (2015) de “universos simbólicos”.

O Sr. Jurandir Pires Camargo, folião e gerente da companhia Córrego da Onça, afirma:

Pra mim a Bandeira significa muita coisa, muita coisa. Eu tenho muita fé nos Três Reis Santos, então a Bandeira pra mim, significa muita coisa, muito significante uma Bandeira. Tem gente que até abusa daquilo né, fala: a não andar com um pedaço as vezes de pano e uma vara aí. Não... tá enganado, aquilo ali pra quem tem fé e é devoto, ela é muito significante pra nós, que tem fé e somos devotos aos Três Reis Santos, muita fé (Camargo, janeiro, 2023).

Figura 27: Bandeira da Folia de Reis de Lages. Altar da Festa da Saída, 25/12/2022.



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Figura 28: Bandeira da Folia de Reis Córrego da Onça. Altar da Festa da Saída, 01/01/2023.



Fonte: Acervo da autora. 2023.

Logo, a Bandeira, objeto de grande valor simbólico para os foliões e devotos, “expressa aquilo que a antropologia chama de ‘símbolo dominante’” (Pessoa, 2005, p. 57). Aquele folião que a transporta⁸⁶ durante o giro deve sempre ser respeitoso e cuidadoso, visto que configura um ato de grande responsabilidade.

⁸⁶ Alferes ou Bandeireiro.

Acompanhando a Folia há mais de 40 anos, o Sr. João Batista Pires de Almeida, alferes na Folia de Reis de Lages, relata que:

Quando eu comecei essa Folia ela era uma turma só, nós andávamos a pé, não existia carro, nós girávamos durante os dez dias, era 20 casas, 15 casas. O dono da festa tinha que bancar tudo. Agora hoje, de 20 anos pra cá, nós anda de carro [...] enquanto nós girava 20 casas, 30 casas, nós gira 300 casas agora. Então é duas turmas, nós divide, uma turma só, cansava muito, agora não, agora nós descansa uma noite, no caso hoje nós começa e vai até amanhã na hora do almoço, aí a turma vem, o Jadir vem e nós vamos dormir, no outro dia na hora do almoço outra vez. [...] na hora do almoço nós faz uma oração, nós chama eles, estão tudo lá, pra fazer uma oração, nós passa pra eles (Almeida, dezembro 2022).

Sendo portada pelo alferes, durante o “caminho ela é conduzida enrolada e sempre à frente do terno de foliões. Chegando a uma casa ela deve ser apresentada com a estampa voltada para os da casa, permanecendo assim enquanto se entoam os versos da chegada” (Pessoa, 1993, p. 120). Logo, o simbolismo nas imagens a seguir, junto às palavras de Pessoa (2018), reafirmam o simbolismo da Bandeira como o centro da espiritualidade dos foliões e devotos.

Figura 29: Folia Beija-Flor S. S. do Xixá no giro.



Fonte: Acervo de Edson Pessoa, 2021.

Ao conceber a imagem, conforme Freitas (2005), como um acontecimento da visão, com sua dimensionalidade, materialidade e visualidade, as imagens (27, 28 e 29), mesmo referindo-se a companhias diferentes, cada qual com suas particularidades e especificidades, carregam consigo a Bandeira contendo alguns objetos, tais como flores, fotos, fitas,

O que aprendemos com os antigos foliões é que, terminado o giro de cada ano, todos os objetos colocados na Bandeira (uma fotografia, uma flor, uma fita, um bilhete com uma oração) devem ser retirados porque eles dizem respeito ao giro daquele ano. [...] O costume aprendido é jogar esses objetos em água limpa corrente. A água lava, purifica, carrega para longe, carrega para o mar, leva para o infinito as preces e intenções apresentadas (Pessoa; Pereira, 2018, p. 38-39).

Flores, fitas, fotos, orações, bilhetes, dentre outros objetos que são pregados na Bandeira, desempenham, nesse sentido, uma função de proteção e/ou cumprimento de voto, como bem aponta o jovem capitão da Folia de Reis de Lages, o folião Igor Teixeira Pessoa:

Geralmente a gente busca usar o verde, amarelo e vermelho, cada uma dessas cores representa um rei, segundo a tradição, mas algumas das vezes a gente ganha essas fitas e flores por doação, então a gente não consegue escolher a cor, mas o significado principal das fitas e flores, dessas cores vivas, está ligado a um costume antigo que gira em torno do espantar o mal olhado [...] acreditava-se que as flores e as fitas, essas cores vivas eram capazes de desviar o olhar das pessoas maldosas [...] pela sua beleza, pelas cores vivas, elas tem esse poder, chamar a atenção, desviar o olhar da pessoa que está te desejando o mal e essa energia negativa não vai nem pra você, nem para o instrumento, nem pra cantiga, nem para o grupo em si. As flores e as fitas elas têm principalmente esse significado na nossa folia (Igor Pessoa, dezembro, 2022).

Pode-se verificar que, nas companhias estudadas, ao concentrar as atenções de fé tanto no altar quanto onde ela passa, a chegada da Bandeira em uma casa “representa a visita do Menino Jesus e dos Três Reis a uma família” (Pessoa, 2005, p. 59). Sempre de frente para os moradores, é recebida com devoção e alegria.

Como reverência e proteção espiritual, beijos, preces e sinal da cruz são realizados por onde ela passa. Visitando toda a casa, pelas mãos de um morador, vai se deslocando entre os cômodos como sinal de devoção e purificação dos ambientes, “quando a bandeira está dentro da casa do morador, está acontecendo um momento de oração, para ele e sua família” (Pessoa; Pessoa; Pereira, 2018, p. 13). Em seguida,

a Bandeira passa e abençoa a casa. Após isso, ela fica repousando sobre a cama do casal ou num altar que fora preparado para recebê-la.

Encerrando a visita, antes de seguirem viagem, o morador “levanta ela pra nós, nós pedimos ele pra levantar a Bandeira pra nós, nós canta agradecendo ele com ela, aí nós canta, o capitão canta, pra ele entregar ela pra mim, aí é agradecer e despedir pra sair”⁸⁷, e o grupo segue no giro.

É possível constatar que tamanha é a fé e a devoção que, em alguns casos, as fitas, que outrora mencionado por um folião, servem como se fossem um “escudo” que também são passadas (por alguns foliões e devotos) principalmente no rosto, como se buscassem proteção por meio desse ato.

A partir das observações, constata-se que num dado momento, ofertas de dinheiro são direcionados à Bandeira para agradecimento, cumprimento de voto ou “participação dos moradores nas despesas do festejo final em homenagem aos 3 Reis e ao Menino Jesus” (Pessoa; Pessoa; Pereira, 2018, p. 37). A esse respeito, o Sr. João Batista destaca que

no caso vamos supor que você que pôs, o voto que você fez, aí você que vai falar pra mim, quantas casas que tem que estar com o dinheiro ou uma foto [...] os foliões, nós não mandamos não, nós dependemos do dono da casa. Chegou na sua casa, nós vamos depender de vocês. Se quiser que canta lá dentro, dentro do salão nós canta, se quiser que canta na área nós canta [...] os Três Reis pra mim é poderoso, primeiro é Deus, depois os Reis (Almeida, dezembro, 2022).

Percebe-se que a essência dessa cultura popular é a espiritualidade dos moradores, dos convidados, dos festeiros e dos foliões. De um ano para o outro, a Bandeira fica guardada na casa de um folião⁸⁸ ou de posse do novo festeiro⁸⁹. No entanto, o primordial é que ela fique em um local seguro, seja nos momentos de descanso, durante pousos ou no intervalo de saída de um e outro giro. Constitui-se, então, conforme Pessoa (1993, p. 108), como uma forma própria de saber popular

⁸⁷ Fala do Sr. João Batista P. de Almeida, alferes em um dos ternos na Folia de Reis de Lages, em dezembro de 2022.

⁸⁸ A Folia de Reis de Lages tem como local de descanso a casa do Vando, local de onde saiu pela 1ª vez no giro 1943/1944. (Informações cedidas pelos foliões aos quais conversei). Na Folia Beija-Flor, cujo não tem a obrigação de girar todo ano, dado que não possui a Coroa, fica sob responsabilidade do Sr. Antonio Alípio.

⁸⁹ O que acontecia com a Folia de Reis Córrego da Onça. Visto que hoje, a mesma encontra-se guardada com o pároco local, caso alguém queira levantá-la novamente.

“geradora de códigos e funções muito precisas ao longo do giro. Belém se atualiza na casa do festeiro”.

Figura 30: Folia de Reis de Lages. Chegada na casa do festeiro Sr. Valderico de Borba.



Fonte: Acervo de Claudivan Geraldo C. da Silva, 2015.

No intuito de enxergar os sentidos e significados, bem como a imagem como uma representação do real, faz-se necessário “parar, olhar, ouvir e sentir” (Barbosa, 2017, p. 182). A partir da fotografia acima, observa-se que dando significado ao que fazem, a referida companhia completava 71 anos de vivências, saberes e fé compartilhados. Essa tradição, com alegria e devoção, no dia 05 de janeiro de 2015, chegava à propriedade do Sr. Valderico para a festa. Atentando-se para o caráter discursivo, conforme no diz Meneses (2003), as imagens aqui apresentadas revelam que carregarem características próprias de seu povo, fé e devoção podem ser visualmente materializados na Bandeira e em seu protetor e guardião, o Palhaço.

Destarte, a Bandeira como símbolo de união, desempenha um papel fundamental na preservação e fortalecimento dessa tradição. Ela simboliza a continuidade da devoção, transmitida de geração em geração, e reafirma a importância de se valorizar e preservar essa expressão cultural.

2.2 Foliões e acompanhamento na Festa de Reis – Guardiões da Tradição em Itapuranga-GO

As festas, entendidas como celebração coletiva da cultura, se apresentam de forma densa, cheias de sentido e significações, definindo modos de ser e estar dos povos de todos os tempos e lugares (Barbo, Curado, 2022, p. 173-174).

2.2.1 Viagem dos Reis Magos – Foliões de hoje

Canesin e Silva (1983) discorrem que no ato de viver as pessoas criam suas festas, danças e rezas, mantendo-as vivas passando-as umas às outras. Assim, tendo a Folia de Reis, como uma festa de caráter religioso, o viajar de casa em casa, cheio de significações e circularidades, constitui-se de “sistemas simbólicos que articulam significados” (Arantes, 1988, p. 35). Por isso,

se os atuais praticantes da cultura popular deixam de ser pejorativamente tratados como atrasados, ignorantes, roceiros etc., conseguem motivar as novas gerações para o aprendizado de suas práticas e de seus legítimos saberes. São ingredientes mínimos e suficientes para que a cultura popular se renove e, portanto, se mantenha (Pessoa; Félix, 2007, p. 7).

Nessa perspectiva, o respeito e a valorização se tornam essenciais para que a cultura popular se renove constantemente para que seus legítimos saberes continuem a serem compartilhados. Yara Moreyra (1983) endossa essa questão ao entender que a razão de ser de uma Folia de Reis é a representação da jornada dos Três Reis Magos. Nesse sentido, ao rememorar a viagem dos Reis Magos e dando sentido ao que fazem, os foliões de hoje prosseguem mantendo essa tradição viva, conforme o capitão Wagner Antônio Pereira nos diz, no entendimento que: “não existe Folia melhor ou pior, cada Folia tem a sua particularidade” (Pereira, maio, 2023). O Sr. Antônio Alípio, folião e gerente da companhia Beija-Flor São Sebastião do Xixá comenta:

Nós somos todos uma irmandade só, se nós saímos com uma folia aqui. Ainda tem aquele verso: Nós vamos viajar do Oriente para Belém. Então, que seja a Folia das Lages, a de Santa Rosa, do Laranjal do Zé Lemes, a do Morro Preto, lá da Água Limpa. Água limpa é estilo goiano, nós todos somos uma irmandade só, nós todos vamos fazer essa viagem do Oriente para Belém (Santos, maio, 2023).

Os praticantes dessa cultura popular conferem sentido e propósito às ações realizadas. Para Pessoa (1993), ser folião exige dedicação ininterrupta num ato de fé e de respeito. Canesin e Silva (1983) os descrevem como fazedores do festejo. Assim, contribui-se para que essa cultura popular se mantenha viva, já que dispõem-se numa jornada com responsabilidade. Há uma responsabilidade com a tradição, pois consideram-se evangelizadores, bem como existe a responsabilidade com foliões e com os convidados em “cuidar do nosso grupo, cuidar dos nossos colegas foliões, cultivando sempre em nossas mentes pensamentos bons sobre a vida e sobre as pessoas” (Pessoa; Pessoa; Pereira, 2018, p. 15).⁹⁰

Nesse festejo, nota-se o compromisso com a natureza, como podemos perceber no trecho abaixo, retirado da Carta dos 75 anos que fora distribuída nas casas visitadas e que se encontra anexada no livro: Os tempos da estrela: 75 anos da Folia de Reis de Lages,

A Bandeira dos Três Reis traz bençãos para sua casa e sua família. Mas precisa também um alerta sobre a responsabilidade de todos nós em relação à nossa casa comum, a natureza [...] Nossos gestos concretos de proteção de nossa casa comum, a natureza, serão a melhor forma de homenagearmos nossos padroeiros. Eles se sentiam parte da natureza: interagem com as estrelas; com a noite e com a areia do deserto; e ofereceram seus presentes ao Menino Jesus no meio de animais em um abrigo de pastores (Pessoa; Silva, 2021, p. 27).

Desse modo, agir em prol da proteção e harmonia com o meio ambiente é também honrar os padroeiros e lembrar suas histórias. Evidencia-se uma preocupação, com um dos pontos que consideram essencial, o respeito. Respeito no evangelizar, com o outro, com a tradição, com o meio ambiente e o respeito à vida.

Na Folia de Reis, como em qualquer outro evento que reúna pessoas, haverá consensos e dissensos. No entanto, observa-se que com o desejo de continuidade à tradição, de evangelizar, de promoverem momentos de alegrias e descontrações, esses protagonistas, foliões e folionas, saem numa jornada de casa em casa, colocando-se a serviços dos Três Reis. Nas palavras do capitão Wagner Antônio Pereira, compreende-se um pouco da representatividade de ser folião:

⁹⁰ Aqui referindo-se especificamente a Folia de Reis de Lages, no entanto, por meio das conversas com foliões e convidados, percebe-se que esse sentimento de empatia e cuidado, pode ser observado também nas demais companhias.

Pra ser folião não precisa ser cantador, tocador de instrumentos, tem várias funções dentro da Folia de Reis que nós consideramos tão importantes quanto o embaixador. Embaixador ou capitão, que tem diferença entre embaixador e capitão, entendeu. Porque capitão é aquele que canta os versos, mas também participa da organização, da administração. O embaixador é aquele que só canta os versos, na frente. Então, mas pra nós, é o seguinte a função do capitão que seria a função maior da Folia ou a menor função que teoricamente seria o maleiro, pra nós tem o mesmo valor dentro da Folia. Então assim, pra gente considerar um folião, é que ele venha, participe, se enquadre dentro do processo da Folia, e ele tenha alguma função dentro da Folia, se ele tiver alguma função dentro da Folia que favoreça o encaminhamento da Folia, que faça com que a Folia funcione, é, ajude na Folia, ele passa ser considerado um folião (Pereira, maio, 2023).

No mesmo sentido, o folião Jadir Pessoa nos diz assim:

Primeiro ponto, ter o gosto de participar do giro, a escola é o giro [...] então esse gosto de estar conosco, escutando, vendo uma coisa, vendo outra, é imprescindível, não tem como encurtar caminho, tem que passar por esse processo, eu diria que o principal processo de formação (Pessoa, maio, 2023).

Assim se justifica as diferentes funções na Folia de Reis, ou seja, pela aptidão e gosto pela caminhada. Nesse sentido, apresenta-se alguns elementos identificados nessa manifestação cultural e religiosa, que corroboram para que essa continue sendo passada de geração a geração, sendo um testemunho vivo: “É uma grande tradição Folia de Reis aqui no município de Itapuranga, eu acho que é em todos os municípios, uma grande tradição” (Camargo, janeiro, 2023). Os foliões de hoje vão revivendo e recordando memórias, melhor dizendo, rememorando a viagem dos Três Reis Magos ao Menino Jesus.

Ao direcionar o olhar para os processos de construção do universo patrimonial, através da mediação de significados e valores, “segundo os códigos e as convenções simbólicas a que denominamos ‘cultura’” (Arantes, 1988, p. 34), foliões e convidados compartilham momentos de devoção, músicas e alegrias, carregando consigo a memória coletiva e o sentido mais profundo da festividade.

No que se refere aos momentos simbólicos, nota-se que ao longo do giro, os devotos percebem a Bandeira como um símbolo de glória e fé. Momentos específicos como o cumprimento de votos são repletos de emoções, tanto para os devotos quanto para os foliões e acompanhamento. Configura-se num sinal de recebimento de milagre. Com o sentimento de graça recebida ou pedidos de bençãos por intermédio dos Três Reis, o “entendimento da folia como vivências de fé não é só

dos foliões, mas também dos moradores que os recebem. Isso contagia todos os que dela participam” (Pessoa; Silva, 2021, p. 176).

Destarte, nesse encontro que evoca a rememoração da visita dos Três Reis Magos, a Folia de Reis, vista como um fenômeno sociocultural que envolve tradições, práticas e conhecimentos transmitidos oralmente, vem reexistindo numa experiência compartilhada de união, abarcando elementos simbólicos e rituais, como reitera Goulart (2018) a consciência social do patrimônio é resultante da história do lugar onde ele se insere.

2.2.2 Unindo Sorrisos, Emoções e Proteção: O Palhaço na Folia de Reis em Itapuranga-GO

Nessa tradição, nas companhias estudadas, o palhaço não apenas diverte, mas também desempenha um papel simbólico de união e proteção da Bandeira, ou seja, de todo o grupo. Pode ser que seja conhecido como “boneco ou Ibrahim. Por outras bandas chamam-no também como bastião, mascarado, fardado, guardião, guarda-mor, marungo, catirina e outros tantos nomes” (Pessoa; Pessoa; Pereira, 2018, p. 28). Diante o exposto, percebe-se que o palhaço na Folia de Reis desempenha um importante papel que transcende o aspecto lúdico e assume uma função de proteção e zelo.

Seguindo o costume, sentidos e significados esse personagem é o único que pode passar à frente da Bandeira. Sua missão nesse sentido é zelar pela segurança e bem-estar, resolvendo situações inconvenientes, caso surjam, possibilitando o bom andamento do giro.

Nessa mesma perspectiva, Yara Moreyra (1983) relata a importância do conhecimento dos fundamentos da tradição por parte desse personagem, enfatizando sua função como um guia nesse contexto festivo. O Sr. Geraldo Delfino de Borba⁹¹, ao desempenhar essa função a muitos anos na Companhia das Lages, trabalha como boneco como ele mesmo gosta de falar, aprendeu “olhando porque tinha um palhaço mais velho do que eu, ele foi me ensinando”. O entrevistado também enfatiza que o que mais gosta de fazer

⁹¹ Folião há mais de 50 anos, é carinhosamente conhecido por todos como Seu Geraldinho. Aos seus 69 anos, com humildade e simplicidade, trajado de Palhaço ele espalha alegria por onde passa, com orgulho.

é pegar a máscara, eu acho bom demais e o povo gosta [...] o palhaço tem muita responsabilidade, o palhaço tem que respeitar, o direito, as pessoas, as vezes chega numa casa assim, ei patrão, você quer escutar a música, se não quiser, nós vamos embora né. O palhaço pode passar na frente da Bandeira, ele tem liberdade em tudo (Borba, dezembro, 2022)

Esse indivíduo assume, então, a importante tarefa de interação. É ele quem inicia a conversa com os moradores da casa e exerce um papel de destaque “fazendo uma ‘ponte’ ou a interlocução com os da casa” (Pessoa, 2007, p. 214). Anunciada a chegada do grupo, ele pergunta se aceitam a cantoria e se desejam receber o grupo em sua casa. Pede-se licença aos moradores para entrar. Em alguns casos, trava-se um diálogo inicial como destacado a seguir:

O quadro abaixo traz algumas das perguntas que são feitas ao Palhaço:

Quadro 9: Indagações feitas ao Palhaço.

PERGUNTAS	RESPOSTAS
Quem são vocês?	Somos os Três Reis Magos.
Estão vindo de onde?	Do Oriente.
Estão indo pra onde?	Pra Belém.
Fazer o quê?	Visitar o Menino Jesus.
Pra que serve essa Toalha?	Para embrulhar o Menino Jesus.

Fonte: Elaborado pela autora em base na pesquisa de campo, 2023.

Segundo conversas com os foliões e observações, pela honra e conhecimento da tradição, deve-se responder as indagações dessa forma. Tido como um protetor do Menino Jesus, um soldado convertido do rei Herodes, em que

Ser o protetor da Bandeira, então, significa proteger todo o grupo, ou seja, significa resolver todas as situações embaraçosas, para que todo o grupo seja protegido, saia-se bem. [...] E estando a folia dentro de uma casa o palhaço é que tem a responsabilidade sobre o maior número de tarefas: o diálogo com o morador, receber as ofertas, entregá-las para o responsável, convidar o morador para a festa etc. (Pessoa; Pessoa; Pereira, 2018, p. 99, 102).⁹²

⁹² Referem-se a uma das Companhias, a de Lages, no entanto, o mesmo significado segue nas demais companhias do município, conforme constatado por meio das conversas com os foliões e observação em campo.

Logo, o palhaço é um guardião do Menino Jesus e da Bandeira. Desse modo, o Palhaço tido como um soldado convertido, passou a partir da conversão a avisar as famílias, no intuito de proteger as crianças da morte, para “não ser descoberto e classificado como traidor do rei, teve que usar um disfarce no rosto” (Pessoa; Pessoa; Pereira, 2018, p. 30) assim, compreende-se o porquê da máscara, da farda, facão e bastão que esse carrega consigo.

Figura 31: Palhaço da Folia de Reis de Lages, 05/01/2023.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Freitas (2005) ressalta que tudo que vemos na imagem é importante e específico, uma vez que essa é parte constitutiva de um contexto histórico. Ao observar a imagem abaixo percebe-se que os Palhaços⁹³, representando o soldado

⁹³ Ressalta-se que, embora na imagem haja a presença de dois palhaços, a Folia de Reis de Lages realiza seu giro com a participação de um palhaço por terno. A presença de dois palhaços no dia da Festa de Chegada justifica-se por esse motivo.

convertido do Rei Herodes, ao se deparar com o presépio levantam as máscaras⁹⁴ “um preceito ou uma regra importantíssima para as folias que seguem a primeira herança, a do bem, pela qual o palhaço é o guardião do Menino Jesus” (Pessoa; Pessoa; Pereira, 2018, p. 31).

Figura 32: Palhaço diante o Presépio, na festa. Folia de Reis de Lages, 05/01/2012.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Compreende-se, dessa forma, que levantar a máscara diante o presépio configura um gesto de profundo respeito. Nesse sentido, esse deve ser um conhecedor das profecias e fundamentos da Folia de Reis, visto que desempenha um papel crucial dentro dessa cultura popular. No mesmo sentido, José Vigilato nos apresenta que o presépio

⁹⁴ Levanta-se também a máscara ao entrar em igrejas, casas com altar e caso no decorrer do giro se faça versos ou orações por um ente da família, como reafirma o Sr. Geraldinho, isso se dá como sinal de respeito.

É a representação física do local do Nascimento de Jesus. Compõe o cenário do presépio: imagens que fazem lembrar o local e os elementos que se encontravam presentes e fizeram parte da chegada de Deus-Menino. A principal figura é a do Menino-Jesus deitado na manjedoura, iluminado por uma estrela (com cauda), sendo contemplado pela mãe, Maria Santíssima e o pai adotivo, José, encimados pelo Anjo; em segundo lugar, alguns animais, porque o lugar em que se deu a Natividade de Jesus era frequentado por eles; depois os pastores (os primeiros humanos que fizeram visita) e os Reis Magos do Oriente, reverenciando e oferecendo seus presentes (Vigilato, 2000, p. 94).

Ao fazer a animação do grupo, com suas roupas coloridas e alegre, essa figura mascarada carrega consigo um facão de madeira e um bastão que anda “junto com a Bandeira, protegendo-a e procurando solucionar todos os obstáculos para que a viagem dos Três Reis se encaminhe bem e seja bem sucedida” (Pessoa; Pessoa; Pereira, 2018, p. 31).

Nas conversas com o Sr. Antônio Alípio, referindo-se à Folia de Reis Beija-Flor São Sebastião do Xixá, fica evidente que ele tem um cuidado a preservação da tradição com a presença do Palhaço. Com orgulho, ele enfatiza que guarda zelosamente todo o fardamento, a máscara e o bastão. No entanto, também relata que a companhia tem enfrentado dificuldade em encontrar alguém pra assumir essa função e como resultado os últimos giros têm acontecido sem esse personagem.

Como nos explica Pessoa:

Girar sem um palhaço pode ter também uma razão circunstancial. Uma determinada folia pode ter girado com um ou dois palhaços, mas, com o passar do tempo, não conseguiu despertar novas pessoas para ocuparem bem essa função (Pessoa; Pessoa; Pereira, 2018, p. 95).

Percebe-se que, mesmo sendo uma tradição, a Folia de Reis pode enfrentar desafios na renovação de seus membros e manutenção de certas características específicas. A Folia de Reis Córrego da Onça vinha girando com a presença de dois palhaços, que faziam graças, brincadeiras e puxavam versos ao chegarem nas casas a serem visitadas, no entanto, o folião Edson Pessoa, um dos organizadores dessa companhia enfatiza que

Isso varia de região para região, a nossa chega a ter quatro palhaços, dois adultos e duas crianças, isso depende da disposição. Mas também não quer dizer que toda casa tenha os quatro, de repente pode ter só um, pode ter dois ou pode ter nenhum também, dependendo da situação. Isso é questão de momento né, mas o Palhaço normalmente ele é uma figura simbólica dentro da Folia de Reis, apenas na Folia de Reis, nas outras Bandeiras não tem a disponibilidade do Palhaço (Edson Pessoa, janeiro, 2023).

Logo, esse personagem configura-se como um elemento importante da dinâmica e simbolismo na Folia de Reis. Ele envolve grande responsabilidade⁹⁵ e obrigações e, sobretudo por desempenhar esse papel de guardião e de interlocutor, acaba sempre chamando para si a atenção de quem acompanha a Folia.

Figura 33: Festa da Saída da Folia de Reis Córrego da Onça 01/01/2023.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Nesse sentido, num contexto de identidades múltiplas, a Bandeira e o Palhaço, carregados de dimensões simbólicas, são representativos de uma identidade cultural construída ao longo de discursos. Assim, as identidades culturais estão constantemente em processo de mudança e transformação. Conforme discute Gonçalves (2002), a tradição deve ser pensada não como dados ahistóricos, mas

⁹⁵ “Pra mim, representa algo muito importante, pois essa função me faz ser o guardião da Bandeira, onde é uma obrigação muito importante, pois tenho que levar seriedade e diversão, sem afetar o caráter e religiosidade da folia, que carrega essa cultura a muitas décadas, por fim, me sinto privilegiado.” (Fala do folião Vander Cardoso da Silva Neto, que desempenha a função de Palhaço há 5 anos na Folia de Lages. 20-12-2022).

como produtos de ações humanas histórica e socioculturalmente situadas, por meio da qual a nação torna-se o que é, na medida em que apropria de seu patrimônio.

Percebe-se que a Folia de Reis, por meio da transmissão oral de costumes, na pluralidade de seu cotidiano, o saber-fazer é passado de geração a geração e os “sujeitos sociais que compõem e reproduzem as manifestações populares as expressam com a própria vida” (Pessoa, 2005, p. 83). Desse modo, tanto foliões e devotos como quem acompanha essa manifestação cultural, na interação, nos espaços sociais, com seus símbolos e significados, fazem da Folia de Reis um rico universo de saberes e fazeres, um Patrimônio Cultural que se configura visualmente nas relações da comunidade.

2.2.3 Abraçando a diversidade: participação feminina e infantojuvenil

Nesta jornada de descobertas, percebe-se como a Folia de Reis, em Itapuranga, marcada pela fé e devoção, tem sido enriquecida e renovada pelo protagonismo de novos atores como mulheres, jovens e crianças, reconhecendo-se a importância do respeito à pluralidade humana na preservação e compartilhamento de saberes.

Uma observação cuidadosa do que acontece na Festa da chegada,⁹⁶ bem como no decorrer do giro, a solidariedade, lembra que as pessoas, sejam festeiros, parentes, vizinhos ou conhecidos, “Vale dizer que para algumas dezenas de pessoas, entre parentes e vizinhos do festeiro, a festa começa muito antes” (Pessoa, 1993, p. 142). Assim, enaltece ainda mais a boniteza dessa manifestação cultural, homens e mulheres, independente da faixa etária se dedicam doando seus tempos e habilidades como forma de devoção e agradecimento aos Três Reis. Propicia-se, desse modo, “redes de sociabilidade e de solidariedade, de sentidos de lugar, de reprodução social e cultural (Barbo, Curado, 2022, p. 190).

Como uma cultura popular, a Folia de Reis está vinculada às celebrações festivas com música, comida, fé e muita alegria. De acordo com o Inventário Nacional de Referências Culturais, as celebrações são ocasiões diferenciadas de sociabilidade, envolvendo práticas complexas com suas regras específicas de distribuição de papéis, como a preparação e o consumo de comidas por exemplo.

⁹⁶ “um verdadeiro momento de síntese de toda a jornada” (Brandão, 1983, p. 29).

Referindo-se ao delicioso cardápio que é servido tanto na Festa de Saída, como na da Chegada, o folclorista Bariani Ortêncio inseriu na 8ª edição de seu livro *Cozinha Goiana* a receita da leitoa nos costumes da Folia de Reis de Lages. Durante os preparativos para a Festa de Reis de janeiro de 2017 a Equipe de Cozinha preparou um *banner* explicitando seu trabalho, no qual se fez pontificar que a culinária presente na Festa de Reis é distintiva, carregando consigo uma identidade. Pratos como a leitoa, o macarrão com frango e a almôndega são verdadeiras marcas registradas dessas celebrações. Na parte ilustrativa do *banner* Bariani Ortêncio revela o modo de preparo do prato mais procurado.

LEITOA DA FESTA DE REIS DAS LAGES (ITAPURANGA/GO) Modo de preparar Matar uma leitoa média, picar em pedaços e temperar com sal, alho, pimenta bode sem curtir e outros temperos a gosto. Deixar reservada no mínimo umas 3 horas. Fritar em pouca gordura, mexendo até dourar. Cozinhar com a panela tampada, acrescentando sempre que necessário, um pouco d'água e virando com cuidado para não desmanchar. Quando estiver bem cozida, parar de colocar água e deixar "apurar" na gordura. Deixar dourar novamente. Escorrer a gordura, colocar em uma travessa e servir (Ortêncio, 2014, p. 113).

Figura 34: Preparativos para a Festa da Chegada – Folia de Reis de Lages.



Fonte: Ana Júlia Viana, 2022.

Destaca-se que, conforme observação em campo, embora sejam pratos tradicionais nas Festas de Reis, eles podem ser encontrados também nos pontos de boia (almoço e jantar) durante o giro, particularmente com uma variedade de doces e uma abundância de alimentos. Esse fato justifica o ganho de peso dos foliões e aumento dos foliões de atalho. No entanto, a visita ao morador não se limita ao agrado recebido, mas sim à missão que se tem “possibilidade de ele renovar a sua fé nos Três Reis, em Nossa Senhora do Rosário e no Menino Jesus” (Pessoa, Pessoa, Pereira, 2018, p. 88).

Nesse contexto, segundo Vigilato (2000), cada um contribui com o que sabe. Mas nem sempre fora assim. Em outros tempos, o ser folião restringia-se a pessoa do sexo masculino, como bem aponta o capitão Reinaldo Divino Pessoa:

A gente vem passando por inúmeras evoluções, inúmeras. Há aproximadamente 10 anos atrás, a gente teve uma adesão das mulheres na Folia. Por exemplo, Folia era coisa de homem, era só os homens que participavam da Folia, aí aproximadamente 10 anos atrás, uma menina ou outra começou a se encantar pela Folia. E qual foi a reação nossa, nós levamos para a reunião, nós até estávamos falando, nossa, mas foi uma decisão machista que nós tivemos naquela reunião. A reunião é aquilo que eu disse, tudo é decidido na reunião. Nós tivemos uma decisão machista. Se você pegar lá, a decisão foi que nenhuma mulher ou nenhuma moça, podia passar uma noite na Folia sem um responsável, sem um homem responsável, isso é muito machismo. Hoje por exemplo, se isso chega na reunião, se você estiver lá, você pode levantar a mão e dizer: opa, eu sou responsável por mim, não preciso de um homem responsável. Mas a gente precisava de ter alguma atitude, porque as meninas começaram a andar, com esse bando de homens, e começou sair ali um, ah, mas isso está errado, mulher participando de Folia, entendeu, e a gente precisava de dar uma resposta. E a resposta foi, mas ela tem que ter um responsável. Hoje já não tem mais isso. Mesmo porque todas as pessoas já sabem, que mulher pode estar onde ela quiser né, na Folia se ela quiser estar, ela vai ser muito bem-vinda e muito respeitada, tanto quanto o homem (Reinaldo Pessoa, maio, 2023).

Em relação à participação da mulher na Folia de Reis de Lages, Marina Leite Carvalho⁹⁷, foliona desde os seus 15 anos, declara que a inserção mais efetiva das mulheres foi um desafio, quando começou:

Minha mãe não ia comigo para a folia, e aí, como eu fui um ano e gostei demais, eu falei: mãe eu vou continuar girando. Só que na minha família não tinha ninguém que gostava de folia, ninguém gostava, ninguém ia, ninguém participava, então quando vi pela primeira vez eu gostei e já quis participar e, assim, tive bastante dificuldade por causa que minha família falava que isso não era pra mim. Que folia era de homem, só tinha homem, que mulher não tinha que participar desses trem.[...]foi uma dificuldade enorme e eu querendo

⁹⁷ Através de convite de um amigo que era folião, foi para conhecer, desde então faz parte do giro da Folia de Reis de Lages.

rodar e, minha mãe não tinha tempo, por causa que tinha que trabalhar e ela não queria deixar eu sozinha dentro da folia. Até que os dois gerentes da folia, se não me engano era o Jurandir e o Dito e o Amarildo, foram lá em casa conversar com minha mãe que eram responsáveis por mim durante o giro. Em qualquer turma que eu quisesse girar eles eram responsáveis de buscar eu na minha casa e levar, e se eu desse trabalho seria comunicado para minha mãe. Então foi assim que comecei a participar (Carvalho, novembro, 2023).

Ainda sobre a participação feminina, o preconceito de alguns e a resistência de outros, a entrevistada reitera que:

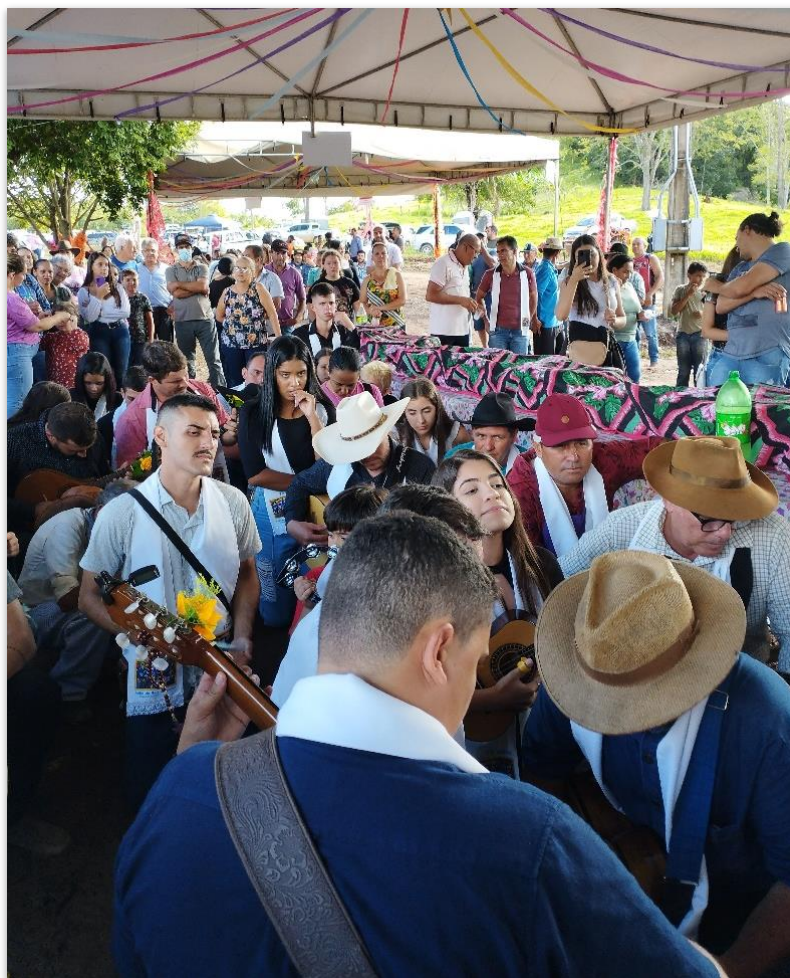
A inserção da mulher dentro da folia foi um pouco meio batalhadora pra nós, porque tinha a questão da mulher dos foliões de ficar com ciúme, além dos familiares e o povo falar o que essa menina está fazendo aí. Então assim, foi uma inserção muito difícil. Mas pelo fato de toda vez que a gente passava numa casa e ter alguma mulher, algumas meninas foram se aproximando da Folia, umas foram aprendendo a tocar outras a cantar, entrou tocando umas entrou cantando, então assim foi um pouco dolorida né, por esse fato de muito ciúme, muitas fofocas entre as mulheres do folião e a gente, mas conseguimos passar [...] Eu acho que esse cuidado que hoje os foliões tem com a gente, foi cada um, eu acho que as mulheres conquistaram o respeito dos foliões. Com a entrada feminina dentro da Folia e o respeito de cada uma né, eu sempre tratei cada folião com respeito e aí a partir do momento que você trata uma pessoa com respeito, ela volta te respeitar (Carvalho, novembro, 2023).

Percebe-se que o “conhecer” fez sentido na vida de Marina que há dez anos participa no giro e contribui na preservação e representatividade da mulher nessa cultura popular, antes majoritariamente masculina. No mesmo sentido, o folião Jadir Pessoa lembra que o cantar, o tocar e o girar eram, antigamente, uma tarefa do homem adulto, que:

da mesma forma como lá atrás, as crianças e eu fiz parte desse processo, as crianças tinham que cavar o seu espaço, ocupar a folia de Reis, eu diria que essa última etapa importantíssima para nós foi quando o feminino também cavou o seu espaço, construiu o seu espaço. São etapas, e com certeza nós ainda teremos outras mudanças que nós não sabemos por onde elas virão, mas é história (Pessoa, maio, 2023).

Evidencia-se que a participação de mulheres, jovens e crianças nessa cultura popular aqui em Itapuranga é valorizada. Assim, por meio da conjugação das reminiscências e dos sentidos de pertencimento dos indivíduos, tornam-se essenciais para a continuidade da Folia de Reis, essa prática cultural, que reúne referenciais identitários, memórias e histórias.

Figura 35: Festa da Chegada - Folia de Lages.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Conforme Pessoa (2023), atitudes dessa natureza, com ações concretas de aprendizado possibilitam o encantamento e vida longa dessa manifestação cultural e são cada dia mais incentivadas em diversos grupos de Folia de Reis:

temos tido sempre uma encorajadora presença feminina em diversos grupos participantes. A marca tradicional de ritual exclusivamente masculino já pode ser considerada relativamente superada. Em todas as funções acima descritas é possível ver mulheres de todas as idades atuando com entusiasmo. [...] Em muitos grupos de folia as crianças e adolescentes já são uma realidade, já têm atuação efetiva, especialmente na instrumentação. E muitos jovens, meninos e meninas, já estão também se iniciando no aprendizado da cantoria” (Pessoa, 2023, p. 112, 154).

Desse modo, no conviver, no observar, processos sociais de aprendizagem “típicos da reprodução popular do saber, ou seja, oralmente, por imitação direta” (Brandão, 2003, p. 46) sem nenhuma situação propriamente de ensino, também

podem ser identificados: “A criança vê, entende, imita e aprende com a sabedoria que existe no próprio gesto de fazer a coisa” (Brandão, 1995, p. 18).

Figura 36: Festa da Saída - Folia de Lages.



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Figura 37: Festa da Chegada - Folia de Lages.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Logo, através das relações interpessoais, “as crianças e adolescentes aprendem convivendo com a situação em que se faz aquilo que acabam sabendo. Aprendem fazendo, vivendo a situação” (Brandão, 2003, p. 46).

Sobre a Folia de Reis de Lages, Pessoa e Silva (2021, p. 93) destacam que ela vem se reatualizando a cada ano, incorporando novos aprendizados produzidos e reproduzidos pelos foliões e, por fim, configurando a vitalidade de uma cultura circular, “assim o que podemos aprender é que esse processo da cultura popular não pode ser emoldurado, como se o tempo estivesse parado”.

Silvia Luciana Corrêa, foliona na companhia de Lages expressa que é importante

Incentivar mais os jovens, as crianças, dar mais oportunidade. inclusive, quando eu comecei era meio que assim, ia na cara dura, ia, ficava lá berano igual todos faziam e aprendia, a cantar, a tocar algum instrumento, e, ficava lá acompanhando, hoje já se vê mais a necessidade de tá, formando, formando foliões (Corrêa, abril, 2023).

Em fase de implantação, a Folia de Reis de Lages começa a desenvolver ensaios com intuito de incentivo às novas gerações, de formação e aperfeiçoamento. A esse respeito, o folião Josué Vieira Machado⁹⁸ entende que “os mais velhos na Folia sempre preocupados com a continuação da Folia de Reis, na renovação. Sem perder a essência e também o jeito da Folia de Reis das Lages” (Machado, abril, 2023). É relevante destacar que, em relação ao estímulo e a preocupação com a valorização e integração dos jovens como um dos elementos fundamentais para a continuidade da tradição, uma das pautas discutidas durante a Reunião Geral⁹⁹ deste ano foi a aquisição de um acordeom destinado aos aprendizes. Com aprovação unânime, o instrumento de referência já foi adquirido.

Referindo-se aos ensaios,

Já teve uma turma que foi assim aprender, quem quer aprender cantar, tocar; mas já vê essa necessidade, porque os foliões experientes estão ficando cansados. Essas 24 horas, não tá mais é... eles não tão mais conseguindo, e não quer deixar isso acabar. Porque a partir do momento, assim que a gente fala na reunião, que a partir do momento que a gente tirar o turno da noite, vai cair muito (Corrêa, abril, 2023).

Logo, visualiza-se os ensaios como uma “estrutura social de transferência de saber de uma geração a outra” (Brandão, 1995, p.13), em que preocupados com a entonação, com a boniteza e leveza dos cantos, tocar-se-ão os corações dos fiéis e visitantes.

A Folia de Reis de Lages, como dito outrora, tem seu giro ininterrupto com dois ternos¹⁰⁰. Com observações em campo, percebe-se que desde ano passado tenta-se implantar um terceiro terno¹⁰¹ com o intuito de proporcionar descanso aos foliões mais idosos e zelar pelo seu bem-estar. Como nos explica o capitão Reinaldo, espera-se que a criação do terno C venha a ser um complemento:

O momento mais crítico de se andar 24h na folia, é o momento da madrugada, é ali quando o dia vai começando a clarear né, aí o sono parece que ele bate

⁹⁸ Folião da Companhia de Lages, foi batizado como capitão esse ano, hoje com 35 anos, acompanha a Folia desde seus 15 anos por incentivo do tio.

⁹⁹ Realizada em 11/11/2023.

¹⁰⁰ Sob responsabilidade dos capitães: terno A (Reinaldo Divino Pessoa e Wagner Antônio Pereira), terno B (Jadir de Moraes Pessoa e Igor Teixeira Pessoa). Ressalta-se que a denominação de A e B, se refere ao grupo que fará a Saída. Logo, têm-se que o terno A esse ano será sob a responsabilidade dos capitães Jadir e Igor, visto que esse grupo fará a saída do giro no dia 25/12/2023, na residência dos festeiros: Alaor Rodrigues Viana e Sirlene Maria Ferreira Viana.

¹⁰¹ Que seria o terno C (o da madrugada – que giraria a partir das 05h) ficando sob responsabilidade dos capitães Milton Alves Martins e José Borba da Silva.

com mais força e a gente fica mais fragilizado. Então com isso, a gente teve a ideia de criar um terno C [...] chegaria esse grupo descansado às 05h da manhã para dar um descanso maior para quem passou a madrugada, sem contar que ainda tem as pessoas que tiram leite e precisam sair um pouquinho mais cedo para poder tirar leite, algum ou outro folião que tá muito cansado, que passou a madrugada toda cantando, por esse motivo tivemos a ideia de criar o terno C [...] não é mais um turno de reveza, turno de reveza ela continua todo o almoço. O terno só troca, só vai embora né, no almoço. Só muda os ternos no almoço. Porém o terno C é para dar uma força na madrugada, no comecinho da manhã, ele não vai substituir nenhum terno, ele vai todas as manhãs ajudar o terno A e vai ajudar o terno B (Reinaldo Pessoa, novembro, 2023).

A ação de girar por 24 horas, conforme as observações coletadas, não é tarefa simples. Destaca-se que quanto a esse assunto, foi enfatizado na Reunião Geral desse ano que a Folia de Reis de Lages tem um número expressivo de foliões, o que necessita de um maior comprometimento e responsabilidade no desempenho de suas funções¹⁰².

Assim, com dedicação, fé e afetividade, no aprender-ensinar-e-aprender, foliões se doam num momento de entrega e devoção aos Três Reis Santos. Brandão (2015) nos diz que vivemos um mundo de reciprocidade de gestos e significados, em que pessoas em interação estão fazendo algo e partilhando saberes e fazeres.

Tudo que exteriorizamos a nós ou em uma comunidade, são maneiras identitárias [...] estamos dizendo a partir de nós, entre nós e pra nós – e eventualmente para outros que não-nós – quem somos, porque somos assim, e que sentidos e significados emprestamos ao que pensamos e fazemos não só para fazer o que pensamos, mas para pensar quem somos através do que fazemos (Brandão, 2015, p. 164).

O expressar-se, nesse sentido, revela-se numa reafirmação contínua da identidade. Expondo sua visão sobre a Folia de Reis, o folião Jadir Pessoa enfatiza que “a Folia de Reis ela ensina um modo de estar no mundo. Isso pra mim é muito mais profundo do ponto de vista da formação do sujeito, da formação do cidadão, da formação do humano” (Pessoa, maio, 2023).

Destaca-se, nesse sentido, a dimensão religiosa e cultural da Folia de Reis, que proporciona valores, princípios, aprendizados e reflexões sobre como se posicionar e interagir no mundo. Assim, foliões rezam, cantam e se divertem em homenagem aos Santos Reis, além de rememorarem a viagem esses fizeram em busca do Menino Jesus para adorá-lo. A passagem desses saberes, fazeres e sabores

¹⁰² Referindo-se a implantação do terceiro terno, o terno C.

que encantam são, desse modo, reafirmados e renovados como sendo essenciais à manutenção dessa tradição.

Ao promoverem significado ao que fazem, os novos sujeitos imbuídos dessa continuidade vão mantendo a tradição, ao passo que compreendem sua missão e sua responsabilidade social. Diante do exposto, percebe-se que na Folia de Reis, em Itapuranga, há um reconhecimento crescente da participação das mulheres e dos jovens na perpetuação e enriquecimento dessa manifestação cultural. Essa abertura para incluir, acolher e respeitar o outro contribui significativamente para preservação, para aprendizagem e para troca de saberes e continuação dessa tradição.

Com o objetivo de promover discussões sobre a temática patrimonial e contribuir com a disseminação dos sentidos e significados de um Patrimônio Cultural Imaterial no município no contexto escolar, por meio da promoção da capacidade dos alunos em construir suas próprias interpretações acerca desse fenômeno social, institui-se a ação de Educação Patrimonial delineada no item subsequente.

2.3 Dois dedos de prosa – A Folia de Reis na perspectiva patrimonial

Pretende-se, aqui, demonstrar como se deu uma ação educativa sob uma perspectiva de educação como um processo constante de criação de conhecimentos, visualizando Patrimônio Cultural como um elemento social inserido nos espaços de vida das pessoas, aquele transmitido de geração em geração e constantemente recriado e ressignificado. De acordo com Britto (2014), atribuindo significados culturais através de um processo de formação identitária.

A partir da consulta à Portaria nº 137/2016, a qual delineia as diretrizes da Educação Patrimonial no âmbito do IPHAN e das Casas do Patrimônio, torna-se evidente que

Art. 2º Para os efeitos desta Portaria, entende-se por Educação Patrimonial os processos educativos formais e não formais, construídos de forma coletiva e dialógica, que têm como foco o patrimônio cultural socialmente apropriado como recurso para a compreensão sociohistórica das referências culturais, a fim de colaborar para seu reconhecimento, valorização e preservação. Parágrafo único. Os processos educativos deverão primar pelo diálogo permanente entre os agentes sociais e pela participação efetiva das comunidades.

Destaca-se que, dentre as diretrizes da referida Portaria, o patrimônio cultural deve ser considerado como tema transversal e interdisciplinar, que integra as práticas educativas ao cotidiano e associa os bens culturais aos espaços de vida das pessoas. Nesse sentido, propicia uma educação ativa, criativa, curiosa e insurgente, conforme aponta Tolentino (2022).

Desse modo, ainda segundo Tolentino, partiu-se do pressuposto de que a Educação Patrimonial envolve processos educativos formais e não formais, e que o patrimônio cultural consiste numa construção e apropriação social, com consensos e conflitos. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde a sua criação, em 1937, tem manifestado em documentos, iniciativas e projetos, a importância da realização de ações educativas como estratégia de proteção e preservação do patrimônio, dos bens culturais.¹⁰³

Nesse sentido, visualizando bem cultural como o patrimônio coletivo representativo para vários grupos ou comunidade (Pelegriani; Funari, 2008), a proposta de aplicação do projeto intitulado “Dois dedos de prosa – A Folia de Reis como Patrimônio Imaterial no Município de Itapuranga-GO” se relacionou aos detentores de saberes e suas múltiplas aprendizagens, tendo como bem cultural a Folia de Reis que enxerga os referenciais culturais a partir do olhar e da escuta, como nos coloca Simone Scifoni (2019). Propôs-se, nesse sentido, ações que favorecessem a apreensão da importância da preservação dos bens culturais, eminentemente ligada ou entrelaçada com sentidos e significados.

Ao visualizar a Folia de Reis como Patrimônio Cultural Imaterial e as práticas que são construídas no próprio cotidiano, a partir da oralidade, os conhecimentos tradicionais são tomados como expressões fundamentais na identificação e preservação cultural, a partir do ser humano e do ponto de vista da comunidade. Como nos coloca Paulo Freire (1996), “no respeito aos saberes socialmente construídos na prática comunitária”, propôs-se ações educativas que viabilizassem o cruzamento de saberes como estratégia de proteção e preservação, pois como nos enfatiza Nora (2012), memória é a vida, e por estar em permanente evolução, está aberta à dialética da lembrança e do esquecimento.

¹⁰³ Entendido como aqueles bens que devem ser protegidos, em virtude de seu valor e de sua representatividade para sociedade; como nos traz o IPHAN o conceito de bem cultural foi bastante ampliado pela Constituição Federal de 1988 “sendo resultado de um longo processo de resignificação que inclui as inúmeras áreas do conhecimento” (<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/79>).

A partir da proposta de pesquisa e a luz das reflexões de autores como Simone Scifoni (2015; 2019), Tolentino (2016, 2022) e Pelegrini (2008; 2009) sobre o repensar da Educação Patrimonial, valorização da cultura e proteção do Patrimônio Cultural, propôs-se como público participante: detentores de saberes das Folias de Reis de Itapuranga-GO e, a princípio¹⁰⁴, uma turma de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal Coronel Virgílio José de Barros, município de Itapuranga.

Prima-se pela construção coletiva e democrática do conhecimento, ações de educação patrimonial em ambiente escolar por meio de uma abordagem dinâmica e criativa para que a escola estabeleça uma conexão mais significativa com o patrimônio cultural de sua região. E a partir dessa ação, amplia-se a compreensão dos diversos aspectos que compõem nosso patrimônio cultural (Iphan, 2012). Nesse contexto, o aluno tende a se demonstrar mais interessado em compreender o universo cultural de sua localidade.

Com o objetivo de compreender a efetivação de práticas de educação patrimonial no ambiente escolar, procedeu-se à análise do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Escola Municipal Coronel Virgílio José de Barros, na qual fora desenvolvido a ação aqui referenciada.

Embora o texto do PPP não delineie explicitamente as ações de Educação Patrimonial a serem desenvolvidas na escola, é possível inferir, com base nos trechos analisados e em outros elementos considerados, que há uma preocupação em orientar os alunos no desenvolvimento de suas potencialidades, buscando realizar seus anseios e inspirações. Elenca-se, dentre seus objetivos a necessidade do aluno, “Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial de culturas diversas em especial a brasileira” (PPP, 2022, p. 99). Além disso, destaca-se o reconhecimento e a valorização da cultura local e regional como parte integrante desse processo.

Logo, por motivação da equipe gestora e professores regentes, o convite fora realizado as duas turmas de 5º ano vespertino. Nesse convite, os pais/responsáveis puderam ter contato com a temática do referido projeto, o que oportunizou que eles autorizarem ou não seus filhos/as participarem¹⁰⁵.

¹⁰⁴ Utiliza-se o termo a princípio, pois com a apresentação do projeto aos professores, esses propuseram que fosse também estendido o convite a outra turma de 5º ano vespertino.

¹⁰⁵ Embora a apresentação do projeto tenha sido realizada aos pais/responsáveis dos alunos das duas turmas de 5º ano vespertino, o total de alunos que foram autorizados a serem convidados foi de 30

Tendo em vista ações educativas que oportunizassem o registro, a interação e a visibilidade dos conhecimentos proveniente dos saberes, das práticas e experiências de indivíduos, vivos através da memória, por meio de um processo dialógico e reflexivo, envolveram-se 9 integrantes de Folias de Reis do município, alunos dos 5º anos com idade entre 9 a 12 anos – em média 30 alunos e os respectivos professores, sensibilizando-os à reflexões sobre os saberes locais, o diálogo e fortalecimento de laços.

Com a execução do projeto, discussões sobre Patrimônio Cultural em âmbito escolar foram fortalecidas, sensibilizou-se, nesse sentido, para a valorização, o conhecimento e a preservação de Patrimônios Culturais locais, atentando-se para a diversidade sociocultural e competências socioemocionais.¹⁰⁶

Conforme podemos visualizar no quadro abaixo, o projeto se dividiu em quatro etapas:

Quadro 10: Etapas da ação educativa.

1ª etapa	<p><u>Planejamento e apoio</u> – Nessa etapa, efetivada no dia 12/12/2022, fora realizado a apresentação do projeto de Educação Patrimonial a equipe gestora. Diante do aceite da proposta de ação educacional e por solicitação da gestora escolar, marcamos uma nova data para apresentação do referido projeto aos professores que ministrarão aula na respectiva turma: 5º ano. Viabilizando que as ações propostas fossem executadas, no dia 24/01/2023, aconteceu a reunião com os professores regentes. Sensibilizando pra importância de se trabalhar a temática Patrimônio Cultural em sala de aula, auxiliando na construção da cidadania em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais, propondo nesse sentido uma educação comprometida com a cidadania, com os aspectos socioculturais, enfatizando as diversas heranças culturais, o reconhecimento e valorização de características específicas.</p>
-----------------	---

alunos, em sua maioria a justificativa foi de serem evangélicos e não gostaria que os filhos participassem.

¹⁰⁶ Como por exemplo, a autoconsciência, envolvendo o conhecimento de cada pessoa; a consciência social, sensibilizando ao exercício da empatia, do colocar-se “no lugar dos outros”, respeitando a diversidade; habilidades de relacionamento, exercitando o ouvir com empatia, falando clara e objetivamente, cooperando com os demais de modo construtivo e respeitoso; a criatividade, a autonomia e o pensamento crítico. (<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>)

2ª etapa	<u>Bate-Papo</u> – Essa etapa que aconteceu dia 31/01/2023 de 13h30 min às 15h, teve por objetivo compreender as percepções que os alunos possuíam da temática Patrimônio Cultural, através de desenho, escrita ou oralmente, fomentando discussões sobre um Patrimônio Cultural Imaterial do município, a Folia de Reis. Desenvolvendo habilidades e incentivando o aprendizado sobre Patrimônio Cultural, sem perder de vista a autonomia intelectual e moral do aluno, conceitos de memória e identidade foram discutidos, em que o público participante teve liberdade de fazer perguntas, expor seu ponto de vista, compartilhando ideias e questionamentos, com uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social nas singularidades da população local.
3ª etapa	<u>Roda de conversa</u> – Dia 08/02/2023 de 13h30min às 15h, fora realizado a oficina “Dois dedos de prosa” na qual a comunidade envolvida teve contato com experiências, vivências e formas de expressões, a partir do olhar dos detentores de saberes, os foliões, possibilitando por meio do diálogo, uma reflexão crítica sobre essa manifestação cultural. Na oportunidade os alunos puderam também assistir uma apresentação da catira. Nesse sentido, com essa ação, favoreceu-se o desenvolvimento da empatia e respeito entre os participantes, onde se sentiram seguros e confortáveis para falar, possibilitando desse modo, a compreensão de como os participantes envolvidos visualizam esse Patrimônio Cultural local.
4ª etapa	<u>Roda de memórias e avaliação</u> – Essa etapa, realizada dia 16/02/2023 de 13h às 15h15min, contribuiu para o compartilhamento das memórias sobre as Folias de Reis. Buscou-se diferentes maneiras: oralmente, fotografias, objetos, desenhos, escritos, etc, de dialogar com a temática. Sistematizando a avaliação, os alunos foram convidados a preencherem o formulário de apreciação, oportunizando uma análise das ações desenvolvidas, possibilitando uma reflexão de acompanhamento desse projeto e das percepções que os alunos têm sobre esse Patrimônio Cultural Imaterial local e a representatividade da temática trabalhada em suas vidas.

Como se percebe, cumpre-se com os requisitos desse relatório uma descrição de cada uma das etapas supracitadas, além de detalhar como foram realizadas na ação de Educação Patrimonial desenvolvida. No afã de realizar uma prática educativa democrática¹⁰⁷, os alunos foram convidados a participarem e, com seus aceites, deu-se sequência ao projeto. Ao considerar, conforme Tolentino (2022, p. 109), tanto o saber e os olhares de professores sobre patrimônios culturais, dos estudantes e das pessoas envolvidas “seja um agente cultural local ou qualquer outra pessoa considerada uma referência cultural na comunidade, por conta do ofício (saber) que desenvolve, das celebrações que promove ou de qualquer outra manifestação cultural que pratica ou impulsiona”.

O diálogo se iniciou com os alunos compartilhando suas percepções sobre a nossa escola, além de destacarem áreas de melhoria e de apontarem maneiras pelas quais poderiam contribuir para a sua preservação.

Figuras 38 e 39: “Bate-Papo” realizado dia 31/01/2023.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

¹⁰⁷ Em consonância com o que nos traz a Portaria 137/2017 nas diretrizes para educação patrimonial. Tolentino (2022, p. 109) referindo ao art. 3º, inciso I, nos diz que “A primeira diretriz foca na participação social, que deve ser a tônica de todos os projetos educativos que tenham como suporte o patrimônio cultural, inclusive aqueles desenvolvidos na e pela escola”.

A participação efetiva foi surpreendente. Os alunos enfatizaram a qualidade da merenda, destacando seu sabor delicioso, mas também apontaram áreas que precisam de aprimoramento, como cadeiras mais confortáveis e melhorias nos banheiros. Houve a expressão significativa de suas concepções críticas sobre a escola e suas próprias responsabilidades.

Partem, assim, do que lhes é familiar no ambiente da escola. E com a noção de que uma escola bem cuidada, é importante para os que dela fazem parte, entendendo que vamos passar e outros virão, que iniciamos nossa conversa sobre a preservação dos patrimônios e sua importância na nossa história.

Com a compreensão de que patrimônio é tudo que tem significado e valor cultural e histórico, fora trabalhado 2 vídeos: “Turma da Mônica Defesa do Patrimônio Cultural”, “Patrimônio Cultural – Educação Infantil”. Assim, deu-se a conversa sobre os momentos especiais em que eles conviviam com seus familiares, amigos e comunidade, com o objetivo de promover uma reflexão sobre valores, sentidos e significados “modo de vestir, modo de pensar, modo de falar, modo de ser” foram algumas de suas colocações sobre o que vem a ser cultura.

Figura 40: “Bate-Papo” realizado dia 31/01/2023.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Na tentativa de compreender a relevância dos patrimônios culturais locais e o que consideram importante, alguns alunos foram convidados a se expressarem por meio de desenho ou oralmente, atentando-se ao:

dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (Freire, 1996, p. 33).

Figura 41 e 42: Algumas das produções artísticas da etapa “Bate-Papo”.



Fonte: Maria Eduarda Morais Batista; Valentina G. G. dos Santos Sousa, 2023.

Segundo Meneses (2003), por meio da aproximação do campo visual como fonte informação, explora-se a imagem no interior da vida social e infere-se o potencial cognitivo nas representações acima produzidas pelos discentes. Com a atividade proposta, os alunos expressaram seus sentimentos e desenvolvem a discursividade sobre a questão cultural e patrimonial. Como se constata, a ilustração aponta para um crescimento urbano que respeita um elemento que ali já existia, além do que destaca a representatividade para a aluna que a desenhou, para os moradores da região, bem como para os itapuranguenses, pois essa é uma referência de localidade.

Com a figura 42, percebe-se como uma brincadeira tradicional se faz presente nos dias atuais, no qual espontaneamente a aprendizagem pode se tornar divertida que oportuniza o desenvolvimento de valores como a solidariedade. Já no terceiro desenho, percebe-se, assim como nos anteriores, parte-se daquilo que lhes é comum. Ao representar a escola como uma referência, um patrimônio, possibilita-nos a compreensão da imagem “como parte viva de nossa realidade social. Vivemos

a imagem em nosso cotidiano, em várias dimensões, usos e funções” (Meneses, 2003, p. 29).

Além disso, eles compartilharam seus sentimentos em relação ao contato com foliões, bem como sobre a experiência de assistir a catira e do aprendizado sobre as vivências das Folias de Reis. Em forma de desenho propicia que os participantes expressassem seus sentimentos em relação ao que mais chamou-lhes a atenção nessa cultura popular. A seguir, destacamos algumas produções artísticas dos discentes. Ressaltam-se que, em sua maioria, os instrumentos, a Bandeira e o Palhaço estiveram nas representações:

Figura 43 e 44: Algumas das produções artísticas da etapa “Roda de memórias e avaliação”.



Fonte: Isah Sousa Silva; Pamela Gabrielle C. Silva, 2023.

Dessa maneira, trabalhou-se conceitos sobre memória e identidade com o objetivo de sensibilizar os discentes a refletirem sobre patrimônio cultural local, bem como sobre e a importância de sua preservação e salvaguarda. Buscou-se, também, integrar o patrimônio em uma perspectiva que ele está em nosso cotidiano e interligado a vida de todos:

está no nosso chão, nos nossos quintais, no meu bairro, na minha comunidade, nas pessoas com quem convivo ou que são referências para mim [...] eles podem perceber que toda comunidade e qualquer bairro ou lugar também têm sua própria história e referências culturais, que podem inclusive se relacionar ou não com os bens e lugares já consagrados como históricos ou patrimonializados oficialmente pelo poder público (Tolentino, 2022, p. 110).

Através do encontro intitulado “Dois dedos de prosa” entre integrantes das Folias de Reis e o público escolar, saberes, fazeres e formas de expressões inerentes às Folias de Reis foram identificados. No objetivo de atuar por uma educação transformadora, dialógica e reflexiva, tem-se na Educação Patrimonial um processo de mediação, compreendendo que ela “pode conter momentos de divulgação, mas não pode se reduzir à difusão de informações sobre um patrimônio” (Iphan, 2016, p. 51).

Figuras 45 e 46: Roda de conversa realizada dia 08/02/2023.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

Dessa forma, sob essa perspectiva que se deu as ações desenvolvidas na escola. Compreende-se, então, que esse processo de mediação se faz necessário

para a apropriação do conhecimento e conformação do patrimônio cultural, reconhecendo e respeitando a existência dos saberes locais, o olhar da vivência das comunidades onde esse patrimônio cultural é construído e a participação efetiva dos sujeitos sociais na conformação e apropriação do seu patrimônio cultural (nessa perspectiva que se promoveu os diálogos, que se oportunizou que um pouquinho dos fundamentos e sentidos dessa cultura popular fosse discutido em âmbito escolar) [...] deve ter o compromisso com a diversidade cultural. Ao ter esse compromisso, complementa, de estimular o conhecimento e a valorização das referências culturais e identitárias das

comunidades, propicia o sentimento de tolerância para diversidade cultural e a sensibilidade para admirar a cultura dos outros povos, grupos e segmentos sociais (Iphan, 2016, p. 45).

Destaca-se a importância de se ter a educação patrimonial de forma cada vez mais efetiva, tanto como uma abordagem educacional quanto como uma prática que permeia o aspecto social, as histórias e memórias das tradições locais. Isso pode ser percebido também nas falas dos foliões Júnior e do senhor Miguel Potijo,¹⁰⁸

Para mim é um momento muito gratificante, em poder retribuir um pouquinho no conhecimento das culturas do nosso país. Mesmo sendo uma passagem rápida, mas creio que serviu para aqueles que ali estavam conhecer um pouquinho do nosso catira, isso é o que mim motiva mais, é levar para aquele que as vezes não faz parte não por não gostar, mas sim por não conhecer (o Sr. Miguel relatando como foi esse exercício de estar com os alunos, de conversar, demonstrar um pouquinho da catira, nos diz assim): é uma experiência que a gente tem, pela idade que a gente tem, é uma experiência que a gente pode passar para os alunos, porque tem muitas crianças que gostam e tem muitas que não, então se nós ficar parado sobre isso aí, acaba, então nós temos que mostrar aquilo que nós gosta, talvez as crianças também gostam, não é isso [...] eu acho assim, os alunos muitas das vezes vai aprender o que vocês estão ensinando, agora, talvez, conhecer mais aquela parte da Folia, creio que seja importante, né [...] muitas das vezes a criança de hoje vê, mas não sabe a importância, o que é uma Folia, muitas das vezes né (Nascimento; Porfiro, maio, 2023).

Figuras 47 e 48: Roda de conversa realizada dia 08/02/2023.



Fonte: Acervo da autora, 2023.

¹⁰⁸ Foliões estiveram presente na escola nessa interação com os alunos e na oportunidade nos apresentaram com apresentação da catira juntamente com os demais. Valeriano Camilo do Nascimento, conhecido como Júnior, nos conta que já ajudou o Sr. Antônio Alípio no giro da Folia, participou muitos anos na Folia de Santa Rosa (Guaraíta) e como essa deixou de girar, esse ano girou pela primeira vez na Folia de Lages, reforça que pela acolhida e com fé em Deus, primeiro giro de muitos que virão. O Sr. Miguel Antônio Porfiro, conhecido como Miguel Potijo, nos conta que é folião a mais de 40 anos.

Assim, a presença dos foliões foi marcada por momentos de conversas e memorização, distanciando-se de uma espetacularização. Ressalta-se que as interações com o público partícipe, possibilitaram a valorização de práticas e de saberes populares inerentes à Folia de Reis enxergando-a como uma Patrimônio Cultural.

Conforme descrito por Pessoa (2023, p. 160-161),

Os foliões precisam estar focados naquilo que é a essência da tradição, que é a espiritualidade. É preciso ter a consciência de que os grupos de Folia de Reis não existem para dar espetáculos, existem para manter uma tradição religiosa [...] mantemo-nos naquilo que é nossa natureza – sentido de lugar, religiosidade, solidariedade, folclore, cultura popular.

Foi nesse propósito que se oportunizou no contexto escolar o conhecimento ou (re)encontro com as vivências, com os sentidos e significados de uma manifestação reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do município, com “dinâmicas criativas para os alunos e toda a comunidade escolar se relacionarem com o patrimônio de sua região” (Tolentino, 2022, p. 113).

A última etapa fora marcada por momentos de reflexões. Os alunos compartilharam suas avaliações do projeto e expressaram suas percepções sobre o Patrimônio Cultural e uma tradição cultural específica no município.

Figuras 49 e 50: Roda de memórias e avaliação, realizada dia 16/02/2023.



De forma análoga ao que pensa Tolentino (2022, p. 111), os alunos e os docentes, enquanto sujeitos históricos, são afetados pelos patrimônios culturais e

Essa afetação pode ser de formas variadas, inclusive de indignação ou objeção ao patrimônio. Mas o favorecimento de relações afetivas é também essencial como um ato de apropriação do patrimônio cultural, na medida em que as referências culturais estão ligadas à conformação de nossas identidades e permeiam as relações que construímos com o lugar onde vivemos (Tolentino, 2022, p. 111).

Considera-se dessa forma os diversos pontos de vista na apropriação dos patrimônios culturais. As atitudes e receptividade dos alunos com as ações e uma fala: “Professora, mas hoje já acaba?” serve-nos para refletirmos sobre a importância de a temática patrimonial estar mais presente no contexto escolar. Sob a ótica de Educação Patrimonial, intentou-se proporcionar momentos de reflexões sobre pertencimento, cultura e patrimônio num processo de valorização, conhecimento e preservação de um patrimônio cultural Imaterial do município – Folia de Reis – fortalecendo essas discussões em âmbito escolar. Procurou-se sensibilizar, desse modo, os partícipes a refletirem sobre a temática que envolve patrimônio cultural “e os laços de pertencimento que cada um de nós temos com os patrimônios que nos afetam, sejam eles coletivos ou individuais” (Iphan, 2015).

Nesse sentido, fora oportunizado que os alunos compartilhassem seus conhecimentos e percepções sobre Patrimônio Cultural e sobre Folia de Reis. Logo, pode-se dizer que os objetivos pensados e propostos com o desenvolvimento do projeto foram alcançados, o que evidencia a relevância de se pensar Educação Patrimonial como uma finalidade educativa, que leva a uma educação cidadã.

3. LIVRO PARADIDÁTICO: ESTRELA-GUIA: UMA JORNADA DE DESCOBERTAS

Esse item destina-se à apresentação do produto educacional. Destaca-se que, as pesquisas realizadas no âmbito do Mestrado Profissional¹⁰⁹ devem cooperar na formação dos sujeitos, resultando na elaboração de um produto que auxilie no processo de ensino-aprendizagem. O trabalho final do curso deve ser sempre vinculado a problemas reais da área de atuação do profissional-aluno e de acordo com a natureza da área e a finalidade do curso, podendo ser apresentado em diversos formatos.¹¹⁰

Conforme nos traz Brandão (1995), não há uma forma única de educação, tendo em vista que todos nós envolvemos pedaços da vida com ela e ninguém escapa, seja em casa, na rua, na igreja ou na escola. Nesse sentido, “para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações” (Brandão, 1995, p.7). Assim, trata-se de uma prática social e um direito de todos. Por meio dessa proposta, intentar-se-á contribuir com o processo ensino-aprendizagem em uma ação mediadora e reflexiva, para que temas envolvendo o Patrimônio Cultural possam ser cada vez mais inseridos no cotidiano escolar. Destaca-se que a motivação dessa pesquisa, o desenvolvimento do projeto na Escola e o produto que aqui se refere, floresceu a partir de um questionamento do aluno em sala de aula sobre o que vinha a ser Folia de Reis.

Parte-se do princípio de Educação Patrimonial, além do conhecer para preservar, é entendida, como bem explica Scifoni (2019, p. 29), um direito social, com formação crítica e humanística e “como lugar de construção de um novo conhecimento a partir do diálogo e, portanto, de uma relação horizontal que valoriza os saberes populares e o outro”.

Nessa perspectiva, como uma abordagem para promover a discussão sobre a diversidade cultural e fomentar o respeito às diferenças, o paradidático intitulado “Estrela-guia: uma jornada de descobertas” é apresentado como o Produto

¹⁰⁹ Estando o PROMEP/UEG regido pela Portaria Ministerial nº 2.290 de 23 de dezembro de 1997, regulamentado pela Portaria MEC Nº 389, de 23 de março de 2017 e Portaria CAPES Nº 131, de 28 de junho de 2017; e reconhecido pela Portaria MEC Nº 485, de 14 de maio de 2020.

¹¹⁰ Fonte: <https://www.gov.br/capes/pt-br>

Final do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP/UEG).

Figuras 51: Capa do livro paradidático.



Fonte: Livro paradidático (produto), 2023.

Ressalta-se que a escolha do título do referido livro foi pensando levando em consideração os públicos aos quais ele é destinado. Utiliza-se Estrela-guia, compreendendo que os três Reis Magos foram norteados por essa, e ao utilizar “uma jornada de descobertas” indica que a história envolve um percurso repleto de descobertas e aprendizados, envolvendo exploração e autoconhecimento ao longo desse caminho.

Ao reconhecer que “as pessoas compreendem quais os sentimentos e as intenções das outras porque conhecem as regras culturais de comportamento” (Silva; Silva, 2021, p. 86), o material proposto se apresenta como uma estratégia viável para explorar os elementos culturais da Folia de Reis e seus significados, que pode promover uma discussão enriquecedora no ambiente escolar.

3.1 Apresentação e formato definido

Durante o processo construtivo dessa dissertação em formato de relatório técnico, a oportunidade de observar e dialogar com detentores de saberes da Folia de Reis em Itapuranga e estabelecer um diálogo próximo à comunidade escolar demonstrando um pouco dos sentidos e significados dessa manifestação enquanto patrimônio cultural, corroboraram com a materialização do produto. Assim sendo, o material aqui apresentado é fruto de uma pesquisa de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP).

Nesse íterim, e em consonância com proposta estabelecida pela Capes, como trabalho final do Mestrado Profissional, optou-se pela elaboração de um livro paradidático, no formato de e-book, intitulado “Estrela-guia: uma jornada de descobertas”. O E-book se divide em três unidades.

Na primeira unidade, intitulada *Patrimônio e Cultura: uma caça ao tesouro cultural*, busca-se evidenciar o fascínio intrínseco à temática patrimonial. Ao longo dessa unidade, por meio das narrativas dos personagens, pretende-se ilustrar o quão valioso é a nossa cultura, ressaltando que cabe a cada indivíduo valorizar e preservar as referências culturais, nosso patrimônio cultural. A exploração e compreensão das riquezas culturais específicas da herança de uma sociedade, como as tradições, os saberes, os objetos e a arte, revelam-se tão emocionantes quanto uma verdadeira caça ao tesouro.

Na segunda unidade, intitulada *História de Itapuranga*, o diálogo estabelecido busca explorar um pouco a história de Itapuranga-GO, de povoado à município. Comenta-se sobre algumas construções históricas que ainda fazem parte do patrimônio da cidade como: a Paróquia Nossa Senhora de Fátima, a Pensão da Dona Maria Camilo, a Escola Estadual Coronel Virgílio José de Barros e o Cristo Redentor, que exerceram influência econômica, política e social no município. Assim, história desse lugar está intimamente ligada às tradições, aos costumes e à cultura de seu povo, formando as raízes que nutrem a sua identidade.

O diálogo proposto na terceira unidade, intitulada *Explorando os Sentidos e Significados na Folia de Reis*, baseia-se na história dos magos que visitaram o Menino Jesus. Demonstra-se, como essa celebração que é considerada uma das mais belas manifestações populares do Brasil e que acontece em Itapuranga-GO, uma herança coletiva pelos foliões que está presente nas práticas da vida social desde

1943 com a Folia de Reis de Lages. Esse patrimônio cultural transmitido de geração em geração é constantemente recriado pelas comunidades e pelos grupos em razão de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história. Conforme ressalta Ecléa Bosi (1994), se lembramos é porque os outros, a situação presente nos faz lembrar. Assim, por se tratar de um bem cultural de valor comunitário, essa tradição contribui para fortalecer a identidade local, nutrindo as espiritualidades.

3.2 Público-alvo

Diante da crescente demanda por dinamização das práticas pedagógicas, esta proposta apresenta uma ferramenta midiática, na forma de um e-book, integrando a tecnologia de maneira eficaz ao processo educacional. Embasado nos resultados da pesquisa, visa atender à necessidade didática de materiais que abordem a história local e patrimônio cultural, bem como contribuir para a disseminação dos sentidos e significados da Folia de Reis enquanto Patrimônio Cultural no município de Itapuranga.

Por conseguinte, o e-book referenciado foi criado como uma sugestão de apoio didático, para ser utilizado nas escolas da rede pública municipal de Itapuranga-GO, em especial, para ser trabalhado em turmas de 4^o e 5^o anos do ensino fundamental – anos iniciais¹¹¹, bem como aos que se interessarem pela temática. Entende-se, nesse sentido, que “o patrimônio cultural é transversal e interdisciplinar, podendo ser abordado nas diferentes disciplinas e nos diferentes níveis de ensino, respeitando as especificidades de cada faixa etária e as distintas realidades locais” (Tolentino, 2022, p. 114). Diante o exposto, apresenta-se propostas que possam ser desenvolvidas pela comunidade escolar, atendendo à demanda tanto de professores como de alunos.

Dentre os objetivos da obra, pretende-se fortalecer discussões sobre o Patrimônio Cultural, compreendendo-o como um tema transversal e interdisciplinar; sensibilizar em relação à importância de conhecermos a história da nossa cidade e da sua formação; bem como contribuir para a disseminação dos sentidos e significados inerentes à Folia de Reis e o reconhecimento de saberes locais. Assim, espera-se

¹¹¹ Haja vista que nos programas curriculares destas turmas, têm-se conteúdos como História Local, e valorização e preservação do Patrimônio Cultural.

que seja uma ferramenta a ser utilizada no ensino-aprendizagem na rede de ensino do município de Itapuranga.

O livro será disponibilizado no sítio eletrônico do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio, promovido pela Universidade Estadual de Goiás – PROMEP/UEG, por meio do link <http://www.promep.ueg.br/>.

3.3 O impacto esperado

Espera-se que o livro paradidático “Estrela-guia: uma jornada de descobertas” incentive o conhecimento sobre a origem e expansão histórica local, bem como o reconhecimento de suas referências culturais. Certos de que as orientações práticas específicas sobre a temática patrimonial e sobre manifestações culturais e, aqui, Folia de Reis, podem suscitar o desenvolvimento de projetos interessantes e evocar o conhecimento de costumes tradicionais, espera-se que

A difusão desses conhecimentos adquiridos pelos alunos e o planejamento de atividades que ofereçam visibilidade aos trabalhos realizados favorecem a aproximação entre a escola e as comunidades locais e, ainda, pode aglutiná-las ao redor de programas ou projetos comuns de preservação de seus bens culturais, da proteção das tradições orais e populares (Pelegriani, 2009, p.97).

Logo, um processo de aprendizagem a partir da construção coletiva oportuniza os alunos ao compartilhamento de projetos cujo foco sejam bens culturais. Objetiva-se dessa forma, promover uma abordagem mais abrangente e significativa da Folia de Reis e suas práticas, visando preencher uma lacuna: contribuir tanto para que alunos conheçam a história e memória de seu povo, quanto os sentidos e significados da Folia de Reis a partir do olhar dos detentores desses saberes, foliões e folionas, ou seja, os produtores dessa cultura popular. Diante disso, percebemos a importância de contar com um material de estudo que aborde a temática patrimonial e a história local.

Dessa maneira, pensa-se numa ação educativa sob a perspectiva de educação como um processo, uma construção coletiva de conhecimentos, tendo como uma das premissas essenciais o respeito para com o outro e pela diversidade cultural. Recorre-se a Brandão (2015), ao enfatizar que mais que o respeito pelo outro,

deveria estar centrado ideais de criação solidária, num ambiente ao qual somos ou fazemos parte, ou seja, “Um mundo afinal solidário, justo, fraterno e não excludente de pessoas, de povos, de modos pessoais de ser e de viver a vida, de diferenças étnicas e culturais, que venha a ser o lugar de uma amorosa convergência entre pessoas, povos e cultura” (Brandão, 2015, p. 176).

Nesse contexto, o paradidático em formato de e-book, busca explorar os sentidos e significados da Folia de Reis considerada uma das mais belas manifestações populares do Brasil (Iphan) e uma rica manifestação cultural transmitida ao longo de gerações. Contudo, é notável que essa expressão cultural é pouco explorada e compreendida no contexto educacional. Portanto, a expectativa é que esse material, abordando a Folia de Reis possa contribuir significativamente para a ampliação do entendimento dessa cultura popular, fortalecendo, por conseguinte, a salvaguarda e preservação desse patrimônio cultural.

4. PROPOSTA DE APLICAÇÃO DO PRODUTO

Esta pesquisa gerou como produto educacional um livro paradidático no formato de e-book intitulado “Estrela-guia: uma jornada de descobertas”. A obra em questão apresenta informações sobre a formação histórica de Itapuranga-GO, que promove uma abordagem sobre a temática patrimonial e referências culturais, bem como explora os sentidos e significados da Folia de Reis e ressalta sua relevância como patrimônio cultural em Itapuranga. Além disso, apresenta-se sugestões de atividades para serem trabalhadas com enfoque na temática patrimonial. Conforme Pelegrini (2009, p. 118):

Nós, educadores, precisamos difundir a ideia de que a sociedade que não respeita o patrimônio cultural e natural em toda a sua diversidade corre o risco de perder a identidade e enfraquecer seus valores mais singulares, inviabilizando o exercício da cidadania [...] A incorporação desses valores certamente se multiplicará e trará perspectivas para um futuro melhor.

Ressalta-se a importância da educação na formação de cidadãos comprometidos com a preservação e valorização do patrimônio cultural e natural. Embasada em teóricos como Pelegrini (2009), Scifoni (2019), Tolentino (2022), dentre outros, o referido produto educacional se fundamenta na compreensão de que a inserção da temática patrimonial no ambiente escolar contribui na percepção do conhecimento como uma ação mediadora, resultante de uma construção coletiva e dialógica, com o reconhecimento do outro como produtor e protagonista de sua própria cultura.

4.1 Manual de uso do livro paradidático: Estrela-guia: uma jornada de descobertas

A concepção do livro “Estrela-guia: uma jornada de descobertas” propõe uma abordagem eficaz para servir como material didático complementar. Assim, visa-se fornecer uma contribuição significativa para que os estudantes do Ensino Fundamental – anos iniciais, possam refletir a realidade histórica e cultural a qual pertencem. No formato de e-book e uma aplicação descomplicada e lúdica, abrange-se a possibilidade de maior disseminação e popularização do Livro Paradidático junto ao público em geral.

Ele busca compreender a educação como transformação social, pressupõe desafiar o educando com quem se comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado num processo dialógico e não polêmico (Freire, 1996). Nesse sentido, as relações entre professores e alunos, na perspectiva Freiriana, devem pressupor o reconhecimento das condições sociais, culturais e econômicas dos alunos e suas famílias.

Diante disso, os conteúdos e atividades propostos podem ser integrados de maneira transversal ao currículo escolar, adotando estratégias direcionadas para atender aos desafios da educação. Embora cada atividade trate de um tema específico para fins didáticos, sugere-se que professores identifiquem e abordem os temas mais pertinentes à realidade de suas turmas, promovendo assim uma experiência educativa mais conectada e significativa.

Para acessar o produto educacional referenciado, faz-se necessário um dispositivo como computador, tablet ou smartphone com conexão à internet e que se visite a página do PROMEP¹¹², onde o livro paradidático estará disponível para download.

O livro está dividido em três unidades, introduzindo assuntos e discussões acerca da temática patrimonial e história local. A leitura é simples, com linguagem acessível ao público destinado e as atividades sugeridas foram pensadas de forma a facilitar a impressão, caso optem por realizá-las.

Destarte, são apresentados e discutidos alguns conceitos essenciais no que se refere aos conteúdos abordados, como cultura, identidade, memória, patrimônio cultural e referências culturais. Ao se trabalhar, principalmente a história local e patrimônio cultural, os alunos entram em contato com uma variedade de culturas, sendo assim, motivados a desenvolverem noções de respeito e empatia, a partir de uma perspectiva inclusiva em relação aos outros, entendendo conforme Kalina e Maciel (2021) que cultura engloba todas expressões que designam conceitos específicos para a produção intelectual de grupos sociais.

¹¹² <http://www.promep.ueg.br/>

4.2 Proposta de aplicação na comunidade escolar

A abordagem de aplicação deste material destina-se às turmas de 4º e 5º do Ensino Fundamental nos anos iniciais da rede municipal de educação de Itapuranga-GO. Visto que, explorar a história local, conhecer e valorizar o patrimônio cultural material e imaterial de culturas diversas está dentre os objetivos propostos para essas séries/anos. No entanto, considerando o conteúdo abordado e as atividades sugeridas, salienta-se que a utilidade desse produto como apoio didático não se limita apenas a essas turmas, podendo ser estendidas a outros níveis de ensino, bem como aos que manifestarem interesse pela temática.

Coelho e Silva (2023) que escreveram sobre a importância do ensino de história local no ensino fundamental, num estudo de caso em Itapuranga pontuam que:

o ensino de história local ganha significado e importância no ensino fundamental, exatamente pela possibilidade de introduzir a formação de um raciocínio de história que contemple não só indivíduo, mas a coletividade, apresentando as relações sociais que ali se estabelecem na realidade mais próxima. O ensino de história local apresenta-se como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre educador / educando / sociedade e o meio em que vivem e atuam (Coelho; Silva, 2023, p. 57).

Logo, torna-se imprescindível o conhecimento do local onde vivem e sua formação histórica. A relevância da elaboração e utilização desse material decorre da constatação de que, na prática do ensino na rede pública municipal de Itapuranga-GO, os professores enfrentam desafios ao abordar temas como patrimônio cultural e história local. Corroborando com essa afirmativa, Coelho e Silva (2023, p. 74) destacam que os conteúdos dos livros didáticos são distantes da realidade local. Logo, os “professores reconhecem que não possuem um livro que aborda a história regional, o que torna mais difícil cumprir os direcionamentos”.

No mesmo sentido, a relevância de se trabalhar a temática patrimonial e especificadamente conhecer os sentidos e significados de uma manifestação cultural, contribui no entendimento que o

O patrimônio cultural é o conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo. Ele está presente em todos os lugares e atividades: nas ruas, em nossas casas, em nossas danças e músicas, nas

artes, nos museus, escolas, igrejas e praças. Nos nossos modos de fazer, criar e trabalhar. Nos livros que escrevemos, na poesia que declamamos, nas brincadeiras que fazemos, nos cultos que professamos. Ele faz parte de nosso cotidiano, forma as identidades e determina os valores de uma sociedade. É ele que nos faz ser o que somos (Iphan, 2012, p. 3).

Assim, ressalta-se a relevância da realização de uma Prática Pedagógica que “inclua gentes”. Compreende-se que a Educação como uma prática social é um direito de todos e é capaz de reconectar as pessoas ao seu patrimônio cultural e histórico, o que pode motivá-las a desenvolver ações de proteção e salvaguarda.

Logo, os conteúdos propostos e as atividades sugeridas no livro paradidático “Estrela-guia: uma jornada de descobertas”, visa-se sensibilizar para a valorização dos conhecimentos locais, fortalecimento de laços e afetividade. Dessa forma, compreende-se que:

O reconhecimento e o respeito às heranças culturais também se dão de forma reflexiva, que podem, inclusive, implicar um esforço de mudança, de transformação social, com respeito ao outro, diferente identitariamente de mim, mas não permitindo que minha(s) identidade(s) seja(m) inferiorizada(s) (Tolentino, 2022, p. 110).

Implica-se assim, respeito as diferentes identidades. Portanto, a intenção é que, a partir desse entendimento, os alunos possam desenvolver uma capacidade de se posicionar socialmente, fazer escolhas ponderadas e agir de maneira criteriosa nas comunidades em que estão inseridos, garantindo, desse modo, uma formação para a cidadania.

4.3 Devolutiva para a comunidade

O livro paradidático intitulado “Estrela-guia: uma jornada de descobertas” configura-se num material fruto de uma pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP). A inquietação para trabalhar com essa temática ganhou visibilidade a partir de questionamentos de meus alunos¹¹³ sobre a Folia de Reis. Esses questionamentos me sensibilizaram quanto à dimensão da distância entre uma cultura tradicional local e o interesse/conhecimento dos alunos. Logo, no decorrer do processo de estudo da Folia

¹¹³ Visto que sou professora regente na rede municipal de educação em Itapuranga-GO.

de Reis enquanto patrimônio cultural desenvolvemos um projeto de educação patrimonial junto ao público escolar.

Em uma das etapas, oportunizando uma análise das ações desenvolvidas por meio do preenchimento do formulário de apreciação e falas, tais como “professora que dia vamos estudar mais sobre essas coisas”, corroboraram no entendimento do papel indissociável da escola na formação da cidadania sob um viés crítico e reflexivo. Desse modo, conhecer e ou lembrar os sentidos da Folia de Reis contribuiu com o desenvolvimento do respeito ao outro e as diferenças. Conforme Candau (2021), a conservação coletiva dos saberes, de referenciais, de recordações, bem como a responsabilidade pela transmissão das heranças são dimensões essenciais do sentimento de pertencimento.

Dessa forma, o estudo sobre a Folia de Reis e o projeto de educação patrimonial desenvolvido na Escola Municipal Coronel Virgílio José de Barros possibilitaram a concretização do produto final neste formato específico. Ao sensibilizar os alunos para a investigação da formação histórica do município, o conhecimento dos sentidos e significados de um patrimônio cultural local contribui para que esses ajuízem os “bens culturais de suas próprias famílias, de seus bairros, de sua cidade. Daí a necessidade de difundirmos a legislação que trata as questões do patrimônio” (Pelegri, 2009, p. 117).

Tendo a educação como um processo que é feito em conjunto, de forma democrática, e entendendo que a identidade nacional é marcada pela pluralidade e diversidade, sugere-se conversas sobre a Memória e o Patrimônio Cultural. Assim, aos detentores de saberes da Folia de Reis, espera-se que o referido produto venha contribuir para a disseminação dos sentidos e significados inerentes à Folia de Reis e o reconhecimento de saberes locais.

Aos alunos, espera-se que o e-book “Estrela-guia: uma jornada de descobertas” faça parte do seu processo de aprendizagem, podendo ser utilizado como uma fonte de pesquisa e informação. Auxiliando-o na compreensão de que o Patrimônio Cultural é algo que construímos e, por esse motivo, deve ser conhecido, protegido e transmitido às gerações futuras.

Aos colegas professores, por se tratar de um material paradidático, espera-se que venha ser incorporado às práticas metodológicas em sala de aula. As atividades sugeridas envolvem relações de pertencimento com respeito aos olhares e

saberes distintos. Recorrendo a Tolentino (2022), entende-se que podemos alcançar o reconhecimento, a valorização e a preservação das referências culturais.

A devolutiva para a comunidade na qual o bem cultural pesquisado está inserido será realizada a partir do produto final, o e-book “Estrela-guia: uma jornada de descobertas” apresentado e aprovado pela banca examinadora. Esta será realizada com a participação da comunidade participante, no dia 25 de dezembro de 2023, na Festa de Saída da Folia de Reis de Lages na residência dos festeiros: Alaor Rodrigues Viana e Sirlene Maria Ferreira Viana, localizada na Rua das Palmeiras, nº 309, Setor Bela Vista, Itapuranga-GO. Ressalta-se que a devolutiva com a comunidade escolar acontecerá em janeiro de 2023. O formato definido para realização da devolutiva será uma roda de conversa na qual a pesquisadora por meio de retroprojeter apresentará o Produto Final.

Destarte, projetado como uma sugestão de apoio didático, tanto para as atividades educativas formais quanto para as não formais, o livro paradidático “Estrela-guia: uma jornada de descobertas” apresenta propostas que possam ser desenvolvidas pela comunidade escolar. Assim, busca-se sensibilizar os alunos quanto à relevância do conhecimento da história de nossa cidade e seu processo de formação, intensificar os debates sobre o Patrimônio Cultural, abordando-o como um tema que permeia diversas disciplinas de maneira transversal e interdisciplinar, e, ao mesmo tempo visa contribuir para difundir os sentidos e significados intrínsecos à Folia de Reis, promovendo assim, o reconhecimento dos saberes de um patrimônio cultural local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, no decorrer desse trabalho, apresentar os desdobramentos do estudo da Folia de Reis como Patrimônio Cultural em Itapuranga-GO, por meio da diversidade do campo patrimonial. Tal abordagem enfatizou os conceitos de identidade e memória e sua contribuição no processo de transmissão dos sentidos e significados dessa celebração como uma categoria do patrimônio cultural.

Pessoa (1993, 2005, 2007, 2018, 2021 e 2023), Canesin e Silva (1983), Moreyra (1983), que abordam os sentidos da Folia de Reis, nos auxiliaram na compreensão da importância dos saberes construídos e passados de geração em geração na continuidade dessa tradição. Assim, sob a ótica patrimonial, o foco dessa pesquisa foi apresentar como a Folia de Reis em Itapuranga-GO se mantém viva. Diante do exposto, observam-se cenários diferentes entre as companhias analisadas, em que essa celebração se manifesta como uma herança, um patrimônio, mantendo-se viva “porque uns foliões passam a sua sabedoria para os outros que continuam a festejar os Santos Reis” (Canesin; Silva, 1983, p. 20).

A Folia de Reis de Lages, uma companhia democrática que tem seu processo de decisão pautado pela horizontalidade, completa 80 anos de existência neste ano de 2023. Por outro lado, a Folia de Reis Córrego da Onça encerra suas atividades em 2023, entregando sua Bandeira ao pároco da cidade. Essa companhia, originada de uma dissidência, tinha seu processo de decisão centralizado em duas pessoas e era caracterizada pela participação de foliões de outros municípios. Já a Folia de Reis Beija-Flor São Sebastião do Xixá, conhecida popularmente como a Folia do Sr. Antônio Alípio, é centralizada na figura desse indivíduo. Ele conta com a colaboração de amigos foliões de outras companhias, justificando, assim, o caráter extemporâneo de seu giro, que tem contribuído para o cumprimento de votos.

Dessa forma, investigando o cotidiano da Folia de Reis no município de Itapuranga com essas três companhias, percebe-se características distintas no processo de reconstrução das experiências do passado. Por meio de análises das entrevistas e nas observações como instrumentos importantes para um melhor entendimento da realidade estudada, constatou-se que a continuidade dessa celebração está iminentemente relacionada com os laços de pertencimento que são reforçados por meio de solidariedade e identidade entre os detentores desses saberes – foliões e folionas. Esses laços possibilitam que essa celebração tenha

representatividade na cultura local, evidenciando a importância da memória na preservação e construção dos saberes, trocados e transmitidos no próprio cotidiano de vida e nas maneiras diversas de enxergar o mundo,

Nessa perspectiva, entende-se que a Folia de Reis em Itapuranga, com suas particularidades e identidades construídas, homens e mulheres, por meio da memória, tecem suas histórias de vida e de sua comunidade, existindo, de fato, uma relação do patrimônio com a sociedade ao incluir noções de identidade, reconhecimento, respeito e proteção.

Numa articulação entre conceitos como Memória e Patrimônio Cultural no contexto escolar, elaboramos e desenvolvemos um projeto de Educação Patrimonial, com ações como rodas de conversas, bem como possibilidades de constantes aprendizados no intuito de contribuir pra que mais pessoas conhecessem saberes e formas de expressões inerentes a essa celebração. Nesse sentido, os foliões dialogaram com os alunos e compartilharam um pouco de suas vivências na Folia de Reis no município, a partir do pressuposto de que as práticas educativas devem ser capazes de transpor os muros da escola.

Cabe enfatizar, ainda, que essa iniciativa se apresenta como um exercício de cidadania, em que se contempla o papel fundamental da escola no conhecimento e valorização da cultura, na formação do ser humano como agente social, com uma educação de qualidade, que garanta aprendizagens essenciais na formação de cidadãos conscientes e participativos, que interajam criticamente na realidade para transformá-la.

Os desdobramentos resultantes dessa ação desenvolvida na Escola Municipal Coronel Virgílio José de Barros, que inclui reflexões sobre a Folia de Reis como patrimônio cultural imaterial, foram motivados pela minha interação com os alunos. Essa experiência possibilitou a compreensão de como a Educação Patrimonial, enquanto ferramenta, permite enxergar a dinamicidade do patrimônio cultural. Visualiza-se assim, a educação como um processo participativo e democrático e a escola como um local de descobertas, de conhecimentos, de críticas e de diálogo “do aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural” (Cardioli, 1999, p. 15).

Constata-se, dessa forma, a relevância do produto educacional desenvolvido, visto que o mesmo foi pautado nas discussões teóricas e metodológicas nas quais a história oral se relaciona com a história de vida. Com isso,

espera-se fortalecer discussões sobre Patrimônio Cultural, compreendendo-o como tema transversal e interdisciplinar que contribui na disseminação dos sentidos e significados inerentes à Folia de Reis como patrimônio cultural local. Desse modo, o livro paradidático “Estrela-guia: uma jornada de descobertas” se apresenta como uma sugestão de apoio didático relacionando a temática patrimonial e a história local. Além disso, os resultados apontam que ações de educação patrimonial em contexto escolar oportunizam espaços de diálogos entre comunidade escolar e detentores de saberes. Eles apontam, ainda, para a constante necessidade de evidenciar a pluralidade cultural e dinamicidade do campo patrimonial.

Assim, a educação como uma prática social é um direito de todos, além do que ela pode reconectar as pessoas ao seu patrimônio cultural e histórico, o que pode motivá-las a desenvolver ações de proteção e salvaguarda.

REFERÊNCIAS

1. Listagem dos acervos e fontes

Documentos e legislação

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Art. 215, 216, Capítulo III Da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção II Da Cultura. Brasília/DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 25. 30 de novembro de 1937**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Acesso em ago. de 2022.

BRASIL. **Decreto-lei nº 3.551, de 04 de agosto de 2000**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm. Acesso em maio de 2022.

BRASIL, **Lei no 378, de 13 de janeiro de 1937**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/l0378.htm. Acesso em ago. de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **(BNCC) Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998

ITAPURANGA. Goiás. **Decreto-lei Estadual n.º 8.305**, de 31-12-1943. Criação do Distrito Xixá. Acervo do Cartório 2º Ofício de Itapuranga.

ITAPURANGA. Goiás. **Decreto-lei Estadual n.º 132**, de 28/11/1952. Mudança do nome Distrito Xixá para Distrito de Itapuranga. Acervo Cartório 2º Ofício de Itapuranga.

ITAPURANGA. Goiás. **Lei Estadual n.º 748**, de 03-07-1953. D.O. de 09-07-1953. Disponível em: https://legisla.casacivil.go.gov.br/pesquisa_legislacao/90335/lei-748. Acesso em dez. de 2022.

ITAPURANGA. Goiás. **Lei Orgânica de Itapuranga**. 05 de abril de 1990. Itapuranga-GO. 1990. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/lei-organica-itapuranga-go>. Acesso em set. de 2023.

ITAPURANGA. Goiás. **Lei Estadual n.º 11.700, de 29-04-1992**. Criação do município de Guaraíta. Disponível em: <https://legisla.casacivil.go.gov.br/api/v2/pesquisa/legislacoes/83976/pdf>. Acesso em set. de 2023.

ITAPURANGA. Goiás. **Lei Municipal Nº 1032**. 05 de novembro de 1993. Delimita o perímetro urbano e dá outras providências. Disponível no arquivo da Câmara Municipal de Vereadores de Itapuranga.

ITAPURANGA. Goiás. **Lei Municipal Nº 1014/93**, de 21 de junho de 1993. Dispõe sobre a elevação de Vilas a Distritos e dá outras providências. Disponível no arquivo da Câmara Municipal de Vereadores de Itapuranga.

TAPURANGA, Goiás. **Lei Municipal Nº 2.058**, de 05 de janeiro de 2019. Declara a Folia de Reis de Lages Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Itapuranga. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/prefeitura/go/itapuranga>. Acesso fev. de 2022.

GOIÁS, Secretaria de Estado da Casa Civil. **Lei Nº 20.545**, de 11 de setembro de 2019. Inclui, no Calendário Cívico, Cultural e Turístico do Estado de Goiás, a Festa de Folia de Reis de Lages, comemorada no Distrito de Lages no Município de Itapuranga-GO. Disponível em: <https://legisla.casacivil.go.gov.br/api/v2/pesquisa/legislacoes/100749/pdf>. Acesso em fev. de 2022.

ITAPURANGA, Goiás. **Lei Municipal Nº 2.217**, de 05 de setembro de 2023. Autoriza o poder executivo municipal a conceder apoio destinado a fomentar manifestações artísticos-culturais de interesse público e dá outras providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/prefeitura/go/itapuranga>. Acesso em out. de 2023.

PPP. **Projeto Político Pedagógico**. Escola Municipal Coronel Virgílio José de Barros. Itapuranga-GO. 2023.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a diversidade cultural**, 2002. Disponível em: <https://www.oas.org/dil/port/2001%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20sobre%20a%20Diversidade%20Cultural%20da%20UNESCO.pdf>. Acesso em dez. de 2022.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Iphan. 2003. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Convencao_Salvaguarda_Patrimonio_Imaterial.pdf. Acesso em dez. de 2022.

Fontes estatísticas

IBGE. Brasil/ Goiás/ Itapuranga. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/itapuranga/panorama>. Acesso em dez. de 2022.

IMB. Instituto Mauro Borges. Perfil Socioeconômico Dos Municípios Goianos. Disponível em: https://www.imb.go.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=14&Itemid=218. Acesso em dez. de 2022.

Fontes iconográficas

AMAX: Associação dos Moradores do Xixazão. Disponível em:

<https://www.facebook.com/xixazao.amax/photos>

Claudivan Geraldo C. da Silva

Edson Pessoa

Folia de Reis de Lages. Disponível em:

<https://www.instagram.com/foliadereisdelagesoficial/>

João Alberto Rabelo Costa

Laís Naiara Gonçalves dos Reis

Museu de História da Universidade Estadual de Goiás: Uni Itapuranga

Tátilla Roberta Sousa Santos Silva

Fontes orais

Entrevistas realizadas por conversas em aplicativos

Antônio Carrinho da Cruz

Josué Vieira Machado

Marina Leite Carvalho

Miguel Antônio Porfiro

Reinaldo Divino Pessoa

Vander Cardoso da Silva Neto

Valeriano Camilo do Nascimento

Lista de pessoas entrevistadas pessoalmente

Antônio Ferreira dos Santos

Edson Pessoa

Geraldo Delfino de Borba

Igor Teixeira Pessoa

Jadir de Moraes Pessoa

João Batista Pires de Almeida

João Alberto Rabelo Costa

Joerme Rodrigues Coelho

Jurandir Pires Camargo

Silvia Luciane Corrêa

Wagner Antônio Pereira

Sites

Câmara Municipal de Itapuranga-GO. Disponível em: <https://itapuranga.go.leg.br/>.

Acesso em fev. de 2022.

Prefeitura Municipal de Itapuranga-GO. Disponível em: <https://itapuranga.go.gov.br/>.

Acesso em fev. de 2022.

UFG. Universidade Federal de Goiás. **Mestrado Profissional: o que é?** Portal UFG, 2021, p.1. Disponível em: <https://ppgep.fct.ufg.br/p/26980-mestrado-profissional-o-que-e>. Acesso em maio de 2022.

AMAX, Associação dos Moradores do Xixazão. Disponível em: <https://www.facebook.com/search/top/?q=amax%20xixazao>. Acesso em out. de 2023.

2. Bibliográfica

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: SBB, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BARBO, Lenora de Castro; CURADO, João Guilherme da Trindade (Org.). **Memória e Patrimônio**. Goiânia: Edições Goiás + 300, 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Folia de Reis de Mossâmedes: etnografia de um ritual camponês**. Revista Goiana de Artes, vol.4, n. 1, p. 1-58, jan./jun. 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BRASIL. **Decreto-Lei 25/1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Acesso em out. de 2023.

BRASIL. **Decreto 3.551 de 04 de agosto de 2000. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial**. Diário Oficial da União, 07/08/2000.

CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de; LANARI, Raul Amaro de Oliveira; SOARES, Inês Virgínia Prado (orgs.). **Patrimônio Imaterial e Políticas Públicas no Brasil: trajetórias e desafios**. Belo Horizonte: Ed. Letramento, 2021.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. 1. ed., 8ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

CANESIN, Maria Tereza; SILVA, Telma Camargo de. **A folia de reis de Jaraguá**. Goiânia: Centro de Estudos da Cultura Popular, 1983.

CARDIOLLI, Marcos. **Para entender os PCNs: os temas transversais**. Curitiba: Módulo, 1999.

COELHO, Jeruza Cunha; SILVA, Wildinara Karlane Luiz da. **A importância do ensino de História local no fundamental (anos iniciais): um estudo de caso em Itapuranga**. In: Cultura, Identidade e Região, Revista Building the way, v. 13 n. 1, 2023, p. 56-77. Disponível em:

<https://www.revista.ueg.br/index.php/buildingtheway/article/view/13776>. Acesso em out. de 2023.

COSTA, M. L.; CASTRO R.V. **Patrimônio Imaterial Nacional: preservando memórias ou construindo histórias?** Estudos de Psicologia 2008, 13(2), 125- 131.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO) – Conferência de Abertura. Dossiê História Oral, 6, 2003, p. 9-25. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62/54>. Acesso em set. de 2023.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Eric Hobsbawm & Terence Ranger (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Referências culturais: bases para novas políticas de patrimônio**. In INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Políticas sociais: acompanhamento e análise. Nº 02, pp. 111-120, 2001.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: Abreu, Regina e Chagas, Mário (Orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FLORÊNCIO, Sônia Rampim; CLEROT, Pedro; BEZERRA, Juliana; RAMASSOTE, Rodrigo. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. 2. ed. rev. ampl. – Brasília, DF: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2014. p 5-27.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Artur. **As Três Dimensões da Imagem Artística: Uma Proposta Metodológica em História da Arte**. III FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE. Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba, p. 174- 185, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio Cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Iphan, 2002.

GOULART, Rafaela Sales. Sentidos da folia de reis: um estudo da memória e da identidade da celebração popular em Florínea/SP. 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2018.

HALBWACHS, M.A. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaer. São Paulo Vêrce, 1990.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, v. 22, n.2, 1997, p.15 – 46. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação. Brasília: Iphan, 2000.

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). **Educação Patrimonial no Programa Mais Educação**. Fascículo 1. Brasília: Iphan, 2012. Disponível em: [Educação Patrimonial no Programa Mais Educação - Fascículo 1](#). Acesso em: jun. de 2022.

LEMOS, F Thomás. **Terra Xixá: Histórico de Itapuranga**. 1990.

LIVRO TOMBO número 3 da Paróquia Nossa Senhora de Fátima de Itapuranga. Acervo da Igreja Católica Cristo Redentor.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. **O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas**. In: I FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL, Vol. 1, p. 25-39. Brasília, DF: Iphan, 2012.

MENESES, Ulpiano B. de. **Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual. Balanço Provisório, Propostas Cautelares**. Revista Brasileira de História. vol. 23, nº 45, São Paulo, 2003, p. 11-36.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Os usos culturais da Cultura: Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: E. Yazigi (Org). **Turismo, espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 88-99.

MOREYRA, Yara. **De Folia, de Reis e de Folias de Reis**. Revista Goiana de Artes. Goiânia: vol. 04 n. 02 p. 135-172, jan./jun. 1983.

ORTÊNCIO, Bariani. Cozinha Goiana: histórico e receituário. 8ª ed. Goiânia: Editora Kelps, 2014, p. 113.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio cultural: consciência e preservação**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PELEGRINI, Sandra C. A; FUNARI, Pedro Paulo A. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Temas e Sentidos - no encontro de Folias de Reis em Goiânia**. Goiânia: Kelps, 2023.

PESSOA, Jadir de Moraes; SILVA, Valtuir Moreira da (orgs.). **Os tempos da estrela: 75 anos da Folia de Reis de Lages**. Goiânia: Kelps, 2021.

PESSOA, Jadir de Moraes; PESSOA, Reinaldo Divino; PEREIRA, Wagner Antônio. **Varal do retiro**. Goiânia: Kelps, 2018.

PESSOA, Jadir de Moraes; FÉLIX, Madeleine. **As viagens do Reis Magos**. Goiânia: Ed. da UCG, 2007.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Mestres de caixa e viola**. Cedes, Campinas, v. 27, n. 71, p. 63-83, jan./abr. 2007.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em festa**: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: Editora da UCG/Editora Kelps, 2005.

PESSOA, Jadir de Moraes; PESSOA, Edson; VIANÊS, Edson Alves. **Meu Senhor Dono da Casa**: Os 50 anos da folia de Reis das Lages. Goiânia: 1993.

PINHEIRO, Claudio Tavares. **O processo de educação popular**: a diocese de Goiás e as práticas sociais dos trabalhadores rurais de Itapuranga nas décadas de 1970 e 1980. (Dissertação de Mestrado). Anápolis: UEG, 2015.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

REIS, Carmen Sílvia Ferreira da Silva. **História e memória do Xixá**: os olhares se voltam ao Xixazão. Universidade Estadual de Goiás, UnU Itapuranga, 2017.

RIBEIRO, Luzilene da Silva; LEMOS Maria Mendes de Sousa. **O Sagrado e o Profano: Um Reflexo do Desenvolvimento**. Itapuranga: UEG, 2005.

SANTOS, Andressa Rodrigues; LIMA, Luana Nunes Martins de. **Memórias do Xixá: Itapuranga na lembrança e na voz das artesãs do Conviver**. In.: Anais do XVIII Encontro Nacional de Geógrafos. São Luis: UFMA, 2016; Disponível em: <https://www.agb.org.br/wp-content/uploads/2018/06/Andressa-Rodrigues-Santos.pdf>. Acesso em: 20.10.2023.

SCIFONI, Simone. **Conhecer para Preservar: uma ideia fora do tempo**. Revista CPC, São Paulo, n. 27 especial, p. 14 – 31, jan/jul 2019.

SCIFONI, Simone. Para repensar a Educação Patrimonial. In: PINHEIRO, Adson R. S. (Org.). **Cadernos do patrimônio cultural**: Educação Patrimonial. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015, p. 195 – 206.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 3ª ed., 10ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

SILVA, Maria Olga E.; TOLENTINO, Átila. Narrativas de educação patrimonial: A experiência da Casa do Patrimônio da Paraíba. In: PINHEIRO, Adson R. S. (Org.). **Cadernos do patrimônio cultural**: Educação Patrimonial. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015, p.61-70.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, Washington Maciel da. **Representação e Memória cultural da folia de reis no município de Rio Verde-Go**. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012.

SILVA, Valtuir Moreira da. **Trabalhadores Rurais de Itapuranga: Experiências da Resistência e Organização – 1970-80**. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) - Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal De Goiás, 2001.

TOLENTINO, Átila. **Educação patrimonial na escola, com a escola e para além da escola: uma conversa com professoras e professores em diálogo com Paulo Freire**. Edições Universitárias Lusófonas: Cadernos de Sociomuseologia, Nº 19-2022 (vol. 63)

TOLENTINO, Átila B.; BRAGA, Emanuel O. (Org.). **Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas**. Iphan-PB: Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016.

TOLENTINO, Átila (org.). **Educação patrimonial: reflexões e práticas**. Caderno Temático 2. João Pessoa/PB: Iphan-PB, 2012.

VIGILATO, José. **Folia de Reis: do Oriente para Belém**. Goiânia: Kelps, 2000.

ANEXOS

TEMÁTICA DA PESQUISA DE CAMPO

A Folia de Reis em Itapuranga-Go enquanto Patrimônio Cultural.

Entrevistados: Detentores de saberes da Folia de Reis em Itapuranga, ou seja, foliões e folionas. Bem como residentes do município com intuito de entender como se deu a formação desse.

Período das entrevistas: agosto de 2022 a novembro de 2023. Destaca-se que a entrevista aconteceu de forma semiestruturada, tendo como questões norteadoras o roteiro abaixo. Quanto os moradores de Itapuranga entrevistados, a entrevista caracteriza-se como uma conversa espontânea.

Roteiro semiestruturado de entrevistas¹¹⁴

As perguntas a serem realizadas nas entrevistas aos foliões e folionas atenderam as seguintes questões norteadoras:

➤ **Identificação do participante**

- Qual seu nome?
- Onde você/Sr./Sra. nasceu? Sua família é daqui? Se não, de onde?
- Você/Sr./Sra. mora aqui no município de Itapuranga? Se sim, a quanto tempo?
- Como veio pra cá e com quem?
- Fale um pouco sobre a história de Itapuranga, quem foram os primeiros moradores daqui? Quais as principais fazendas existiam aqui no passado?
- Aqui tinha escola?
- A cidade já tinha esse nome, se não, ela era conhecida como?
- Tinha muitas festas, como era?
- Que tipo de festas costumava reunir mais pessoas?
- As pessoas se reúnem com frequência pra marcar festas, ou rezas/cultos, como era?

➤ **Lembranças que possuem dessa tradição**

- Quais são as principais festividades do município?
- Quais são as principais tradições do município?

¹¹⁴ Esse é um roteiro base, ao qual servirá como suporte/norte para realização das entrevistas, no qual adaptações far-se-ão se necessárias ao sabor dos relatos dos participantes, nesse sentido, encaixar-se-á perguntas a respeito da história de vida das pessoas.

- Que tradição você/Sr./Sra. mais gosta?
- Fale um pouco sobre a Folia de Reis: como começou seu contato com essa celebração? Há pessoas na sua família envolvidas com ela? Com quem aprendeu?
- Sabe quem trouxe a Folia de Reis pra Itapuranga?
- Que lembrança tem da Folia de Reis lá quando começou a frequentar ou acompanhar os grupos locais?
- Qual a ligação das Foliias de Reis com a Igreja Católica?
- Quais são as principais datas festivas para as Foliias de Reis?
- Você/Sr./Sra. considera que existe alguma relação na fundação de Itapuranga e a Folia de Reis?

Relevância dessa tradição

- Quais são os pontos positivos e negativos da Folia de Reis?
- Ela tem sofrido modificações, ou continua da mesma forma que era?
- O que você/Sr./Sra. acha que precisa melhorar?
- O número de foliões tem aumentado ou não nos últimos tempos? E o que acha que vem provocado isso?
- Quantas companhias tem atualmente aqui em Itapuranga?
- A importância dessa tradição em sua vida.

➤ Avaliação do atual modelo de festa

- Quantos integrantes têm a Companhia a qual está fazendo parte?
- Como é a hierarquia do grupo? Quais são as funções de cada participante?
- A Bandeira tem um nome específico?
- Quando surgiu essa Companhia a qual faz parte?
- O porquê desse nome?
- Vocês se organizam como?
- Qual o cronograma de atividades das Foliias de Reis locais? Quando começa a se preparar a saída de vocês?
- Como vocês se organizam? Há reuniões? Há Ensaios? Caso haja, onde acontecem e qual sua periodicidade?
- De quais festas religiosas vocês participam no município?
- Vocês se apresentam em outros municípios?
- Essa Companhia formou alguma associação registrada?

- Existe documentação sobre essa Companhia? Quais documentos?
- Quem trouxe ou fundou essa Companhia?

➤ **Saberes e formas de expressão**

- Como é feito o giro na Companhia da qual faz parte?
- Os grupos se encontram em algum momento?
- Qual a estratégia pra traçar a rota que vocês farão?
- Quais são os principais objetos/instrumentos/vestimentas associados à prática do grupo?
- Como são passados os conhecimentos, como os novatos aprendem?
- Qual a participação da mulher na Folia de Reis?
- O que um folião precisa saber?
- Existe algum integrante que se veste de forma diferente? Se sim qual sua função?
- Durante a festa vocês praticam alguma dança?
- Quais são os públicos do seu grupo de Folia de Reis?
- (Vocês se apresentam na sede do município, no meio rural, onde acontece as apresentações?)
- A saída das Folias de Reis em Itapuranga-Go recebe muitos visitantes?

➤ **Perspectivas de futuro para essa forma de expressão;**

- Qual a importância da participação dos visitantes nas saídas dos grupos?
- Quais são os principais desafios para a sobrevivência das Folias de Reis em sua opinião?
- Quais ações a prefeitura já propôs para facilitar o giro, ou a manutenção da Folia de Reis?
- A Companhia a qual você faz parte e ajuda organizar, recebe alguma ajuda financeira do poder público?
- A Folia de Reis, especificamente a que você/Sr./Sra. participa, arrecada donativos, ou tem lucro com a venda de produtos?
- Existe alguma participação da paróquia local na arrecadação de fundos para as Folias de Reis?
- Como é a relação entre os grupos e especificamente o seu e o padre/paróquia?
- Qual a destinação dos recursos arrecadados?
- Como é a tratativa referente a bebida alcoólica?

- Como você vê a Folia de Reis no futuro?
- Quais ações são propostas para fortalecimento das relações entre as pessoas dos grupos e dos grupos entre si?
- Sabe se existe alguma lei municipal que ampara ou apoia os grupos de Folia?
- Quais medidas poderiam ser tomadas para promover a continuidade dessa manifestação cultural aqui em Itapuranga-GO?

FOLIA DE REIS DE LAGES (Itapuranga-GO)

Resolução Interna de novembro de 2023

Institui a Comenda Lindolfo Joaquim de Borba, com as providências decorrentes.

Objetivo Geral: Formar em todos os integrantes de nossa tradição a consciência de que temos uma história; de que recebemos uma herança preciosa e precisamos levá-la às próximas gerações; de que só quem olha com zelo para o presente e o passado, é capaz de fazer bons projetos para o futuro.

Objetivo Específico: Homenagear pessoas que reconhecidamente prestam relevantes serviços ao desenvolvimento de nossa missão evangelizadora, colaborando conosco em nossas atividades de casa em casa e em nossos festejos.

Art. 1º - Do Patrono da Comenda. Lindolfo Joaquim de Borba trouxe a Folia de Reis para a Fazenda Lages e, durante as primeiras décadas, empenhou esforços junto a toda sua família e aos amigos da região para que aquela criação de 1943/1944 se prolongasse no tempo. Por isso, homenagear o fundador é, por extensão, uma forma de homenagear também as centenas de pessoas que depois dele tornaram efetiva a devoção aos Reis Magos dos dois lados do Ribeirão das Lages.

Art. 2º - Do período da Homenagem. A distribuição da Comenda acontecerá sempre e somente ao final de cada década de nossa história, devendo ser contemplada, representativamente, uma pessoa por década. Fica prevista uma exceção para os casos em que vierem a ser homenageados ex-festeiros, ocasião em que será homenageado um casal (com uma única medalha), que é a forma como compreendemos os festeiros da saída e da chegada.

Art. 3º - Quem pode receber a Comenda. A Comenda será oferecida exclusivamente a pessoas vivas, compreendendo-se, prioritariamente foliões e folionas, mas, complementarmente cozinheiros e cozinheiras, ex-festeiros e ex-festeiras, devotas e devotos moradores e outras pessoas que contribuem diretamente para a manutenção de nosso Giro e de nossas festas.

Art. 4º - A escolha dos homenageados. A escolha dos homenageados, mediante propostas abertas, ocorrerá na Reunião dos Foliões ao final do ano de véspera da Festa de Chegada que completa cada década a ser comemorada com a homenagem (reuniões de 2023, 2033, 2043...).

Art. 5º - Da entrega da Comenda. Sendo um dos componentes da comemoração de cada década completada, a **Comenda Lindolfo Joaquim de Borba** será entregue durante a realização da Festa de Chegada daquele ano (5 de janeiro de 2024, de 2034, de 2044...).

Com aprovação por unanimidade, na Reunião dos Foliões.

FOLIA DE REIS DE LAGES

(Itapuranga-GO – Reunião dos Foliões)

Os foliões de Reis de Lages, acompanhados de festeiros, cozinheiros e demais pessoas associados aos festejos anuais, reuniram-se na Capela de Lages, dedicada a Nossa Senhora do Rosário e Santos Reis, no dia 3 de dezembro de 2022, quando trataram dos seguintes assuntos:

Ensaio de novos cantadores

Em um passado recente a experiência dos ensaios com pretendentes à cantiga da Folia foi realizada, tendo gerado bons frutos. Por isso os foliões reunidos acataram a proposta de retomada dessa experiência, ficando assim decidido: Primeira sessão – dia 18 de fevereiro de 2023, no final da tarde, na Capela de Lages; Coordenação do ensaio – Milton Martins, Josué Vieira, José Vieira, Ozires de Borba e Antonio Eugênio. Na primeira sessão de ensaio o grupo definirá a periodicidade (se é mensal ou bimestral), o local e horário e outras questões que aparecerem.

Sobre a Covid - 19

Foi lançada na reunião a pergunta se o Giro e as festas mereceriam algum cuidado especial em relação à Covid-19, especialmente em face do aumento do número de casos de contaminação, e ficou decidido que: Todos ficarão atentos aos noticiários e, na reunião de marcação do Giro de cada ano, que acontece durante a Saída da Folia, se voltará a esta mesma questão.

Reassumindo decisões anteriores

Como passamos dois anos sem a realização de nosso Giro anual, achou-se por bem fazer uma retomada das decisões anteriores, com uma pergunta aos participantes: ESTA DECISÃO TOMADA ANTERIORMENTE, FICA MANTIDA OU CANCELADA? Todas as decisões apresentadas a seguir, com os respectivos anos em que foram assumidas, foram confirmadas por unanimidade, como sendo ainda importantes para o bom andamento de nossas atividades.

- 1) Continuar com o respeito de foliões e acompanhantes em relação à família e à casa dos moradores, não entrando em cômodos ou quintal da casa sem ser chamado pelo morador (2000).
- 2) Sobre a bebida: regrar na quantidade; não servir bebida dentro da casa do morador. Se o dono da casa oferecer bebida alcoólica, servir aos foliões e acompanhantes, depois devolver o que sobrou para o dono da casa guardar (2002).
- 3) Devemos respeitar os horários de chegada nos pontos de boia para não prejudicarmos a rotina da família. Regra básica: só se marca o ponto do almoço quando o dia amanhece; só se marca o ponto da janta no “quilo do almoço” (2009).
- 4) Nas chegadas noturnas, carros e motos devem ficar a uma certa distância da casa, o suficiente para que a família seja acordada pela cantiga e não por outro tipo de barulho (2009).
- 5) Na cidade e no patrimônio os foliões não devem beber em botecos (2010).
- 6) Todos que estão no giro têm responsabilidade sobre os donativos recebidos (2013).
- 7) Aprendizes da cantoria. Crianças, adolescentes e mesmo pessoas de outras idades que já acompanham a Folia há mais tempo, têm se interessado em aprender a cantar uma das vozes. Isso é sinal da providência dos Três Reis, para que nossa Folia se renove e sobreviva por muito tempo. Mas devemos cuidar para que a existência de aprendizes da cantoria não resulte em uma perda de qualidade da cantoria. Regras básicas: A) respeito ao dono da casa, que durante todo o ano fica à espera de que a Folia cante bonito em sua casa. A oração do morador depende de uma cantiga bonita, sentida; B) a cantiga na Folia não é tão fácil como parece ter sido difundido entre nós – ela supõe aprendizado. Por isso decidimos: a) A aprendizagem da cantoria se dará, prioritariamente, nos ensaios com os novos cantadores. Para os aprendizes cantarem na casa de

um morador, há duas condições: b) só um aprendiz de cada vez; c) isso se fará sob a responsabilidade de um folião já experiente (significa dizer: experimenta um verso, se não deu certo o folião responsável retoma o seu posto) (2015).

8) Ainda sobre zelar pela qualidade da cantoria, somente um pandeiro deve ser tocado de cada vez e que ele esteja sempre junto da caixa (5/11/2022). A caixa e o pandeiro devem estar no mesmo espaço/cômodo em que estiver acontecendo a cantoria, ou seja, não devem ficar do lado de fora, se a cantoria estiver acontecendo dentro da casa.

9) Quando estamos DENTRO DA CASA DE UM MORADOR, ele está cumprindo sua devoção com o Padroeiro. Por isso: - Não ficar de conversa com o morador na hora da cantoria; Não promover piadinhas, brincadeiras e risos (o morador pode pensar que é dele que estamos rindo); - Não atender celular no meio da cantoria; - Não gritar o nome de um folião que está lá fora; - Não fazer comentários sobre ofertas e sobre alimentos; - Não fazer comentários ou reclamar de altares e de presépios (dizer que eles atrasam o giro); - Não entrar fumando ou com bebidas na casa do morador (2016).

10) Já sabemos que a Bandeira sempre anda em nossa frente. Isso vale também quando estamos dentro da casa do morador. Quando a folia para de cantar, quem está tocando e cantando deve permanecer dentro da casa, esperando o palhaço ou o alferes fazer o convite para festa. Ai, terminada toda a nossa tarefa dentro da casa, a Bandeira sai e os foliões seguem acompanhando-a (2016).

11) Quando o morador oferece café ou agrado, ele está dizendo que é de gosto que a folia permaneça por mais tempo em sua casa. Recusar o seu gesto significa falta de atenção a essa vontade do morador (2016).

12) Conforme a reflexão que foi feita durante o Segundo Retiro (agosto 2016), a religiosidade popular não separa o sagrado e o profano. Tudo é vida, tudo é de Deus, desde que seja em vista da alegria e da boa convivência dos foliões com a família do morador. Por isso o morador pode servir uma bebida, em algumas folias se dança a catira e podemos cantar uma moda. Então, principalmente quando o morador pede para cantar uma moda, esse pedido faz parte de sua oração. Ele está querendo expressar alegria pela bênção do padroeiro a sua casa e a sua família. Nesse caso, ninguém pode ficar apressando os cantadores no meio de uma música, mesmo se a Bandeira já tiver voltado para o local da cantoria (2016).

13) Contabilização das Ofertas: Em todos os almoços, os capitães que passaram a noite, em presença de outros foliões que quiserem acompanhar, farão a entrega das ofertas em dinheiro ao festeiro ou a outra pessoa por ele designada (2018).

14) A Toalha é o Distintivo do Folião, por isso, recomenda-se que todos os foliões girem com ela. E, também, que, se a toalha for usada por outras pessoas, ela deixa de ter esse sentido (2018).

15) Sobre o Serviço da Gerência na Folia: Nossa Folia não tem cargos, poderes, autoridades. Ela é feita de serviços voluntários, inúmeros serviços e cada um com a sua importância. No dia 25 de dezembro de 2017, saída da Folia em Lages, o último Gerente em exercício, Benedito Vieira, alegando dificuldades pessoais e familiares, apresentou desistência desse serviço. Com isso, a partir do Giro 2017/2018 estamos cumprindo nossa missão sem esse serviço, com a coordenação dos capitães e a colaboração de vários foliões nos dois grupos. Decisão: Vamos continuar assim, sem uma pessoa específica para esse serviço. Quando algum fato novo justificar, tornamos a avaliar a necessidade ou não do seu retorno (2018).

Participaram da reunião: Lindomárcio, Amarildo, Jair Barroso, Ronaldo, Leda, Luciana, José Jorge e Divina, Toizinho, Maria e Cátia, Igor Teixeira, Carol, Claudinei, Valtuir Moreira, José Vieira, João Goló, Wagner, Reinaldo, Milton Martins, Antonio Ordonis e Tininha, Jadir Pessoa, Olímpio Filho, Odair Vieira, João Eugênio Vander Cardoso, Eder e Aline, Ozires de Borba, Hélio e Nilvani, Darci Ribeiro, Zé Zabela, Vilmar de Borba, Antonio do Peti e Kátia, Valnoir e Cláudia, Jessé de Borba, Tátilla Silva.

Projeto Cultural / Plano de Trabalho
(Nos termos da Lei Municipal 2.217/2023)

Folia de Reis de Lages (Itapuranga-GO)
80 Anos



FOLIA DE REIS DE LAGES
Itapuranga-GO

Na festa dos 80 Anos

Exmo. Sr.
Geraldo Paulo Fernandes
DD. Prefeito Municipal
Itapuranga-GO

Senhor Prefeito,

Dirigimo-nos mui respeitosamente à presença de V.Sa. para, nos termos da **LEI MUNICIPAL Nº 2.217 de 05 de setembro de 2023**, que autoriza o poder executivo municipal a conceder apoio destinado a fomentar manifestações artístico-culturais de interesse público, apresentar o “**Projeto Cultural / Plano de Trabalho**” da Folia de Reis de Lages para os festejos da passagem de ano 2023-2024, período em que estaremos celebrando com muito entusiasmo nossos 80 anos de existência.

Em atendimento ao Inciso V, letra c, do Art. 7º da lei aludida, informamos que o “representante responsável” pelo projeto ora apresentado é o Sr. Lindomárcio Eustáquio Pessoa.

Esperamos que nossa Demanda seja cuidadosamente avaliada e que nosso pleito seja prontamente atendido.

Ao ensejo renovamos nossa mais sincera estima e consideração.

Itapuranga (GO), 13 de novembro de 2023.

LINDOMÁRCIO EUSTÁQUIO PESSOA
(RG: 3466671 / CPF: 759.948.521-04)

IGOR TEIXEIRA PESSOA
(RG: 6355887 / CPF: 064.120.231-86)

SAMUEL ALVES PARREIRA
(RG:6298462 / CPF: 032.187.311-43)

FOLIA DE REIS DE LAGES

Na festa dos 80 Anos
Itapuranga-GO

Projeto Cultural / Plano de Trabalho

Sob o amparo da **LEI MUNICIPAL Nº 2.217 de 05 de setembro de 2023**, que autoriza o poder executivo municipal a conceder apoio destinado a fomentar manifestações artístico-culturais de interesse público, apresentamos a seguir o Plano de Demandas do ano de 2023/2024 da Folia de Reis de Lages, que compreende três momentos com atividades e demandas específicas: Festa da Saída (25 de dezembro); Giro de casa em casa (de 25 de dezembro a 04 de janeiro); e Festa da Chegada (dia 05 de janeiro).

Para fundamentar e justificar nossas demandas apresentamos de início um histórico do “Grupo Informal” (Art. 2º) solicitante, a Folia de Reis de Lages, que teve suas atividades iniciadas no dia 25 de dezembro de 1943.

HISTÓRICO DA FOLIA DE REIS DE LAGES

Em havendo maior curiosidade sobre essa história, lembramos que ela está ampla e profundamente documentada, descrita e analisada em dois livros – *Meu senhor dono da casa*: Os 50 anos da Folia de Reis das Lages; e *Os tempos da estrela*: 75 anos da Folia de Reis de Lages.



Entretanto, no que consideramos essencial nessa história para fundamentar nossa postulação perante a Municipalidade, vamos nos ater aos seus pontos mais relevantes e, ainda assim, explicitados o mais concisamente possível.

Nossa história mais remota. A partir de 1941, com a aquisição da Fazenda Lages, antes pertencente aos herdeiros de Virgílio José de Barros, a família Borba se instalou nas margens direita e esquerda do Ribeirão das Lages, município de Goiás. Com a vinda desta importante linhagem das regiões de Matutina, Espinha do Peixe, Tiros e São Gotardo, em Minas Gerais, vários grupos de agricultores se sentiram estimulados a fazerem o mesmo deslocamento de Minas para Goiás, em busca de novas terras agricultáveis, as famosas “roças de toco”, tão cobiçadas por agricultores mineiros da época.

Com a chegada dos mineiros para se juntarem aos goianos nativos da região, as matas de terras férteis deram lugar às plantações viçosas, principalmente dos produtos básicos da sobrevivência rural de então, especialmente milho, arroz, feijão e mandioca. E, além desses cultivares ainda de rudimentar manejo, a mineirada trouxe também a tiracolo as tradições religiosas e os costumes da sociabilidade aprendida no além-Paranaíba. Foi assim que chegaram imediatamente a esta região as novenas, as benzeções, a Congada, a Coroação de Nossa Senhora, os mutirões, o jogo de truco, os pagodes em dias de “treição”. Cumpre-nos destacar aqui que, agora, a Coroação de Nossa Senhora do Rosário é, também, Patrimônio Cultural Imaterial do Município, por força da LEI Nº 2.223, DE 06 DE OUTUBRO DE 2023.

A primeira destas manifestações culturais a se instalar às margens do Ribeirão, e que é marca fundamental do folclore e da religiosidade mineiro-goiana, foi a Folia de Reis. Um dos herdeiros de Joaquim David, **Lindolfo Joaquim de Borba**, com o suporte da fé das muitas famílias espalhadas pelos diferentes espigões da Fazenda Lages e adjacências, foi quem empunhou com determinação nossa Bandeira que permanece viva até os dias de hoje. Tendo como primeira Festeira da Saída sua jovem filha **Zamita de Borba**, Lindolfo Joaquim de Borba desencadeou o Giro de nossa Folia no dia 25 de dezembro de 1943. E no dia 5 de janeiro de 1944, em sua residência onde é hoje a propriedade de Vander Cardoso, “Vêi-Lindor”, como familiares e amigos o chamavam em suas últimas décadas de vida, realizou nossa primeira Festa de Reis.

E assim, com a exceção dos dois anos de interrupção por causa da pandemia da Covid-19 (2020/2021 e 2021/2022), nossa Folia de Reis segue realizando seu Giro de casa em casa, cumprindo em cada uma delas sua nobre missão, com a qual nos identificamos com humildade e dedicação, que é o anúncio a todos os moradores de que em Belém nasceu Jesus. Nos dez dias e noites de Giro já chegamos a visitar cerca de 313 residências. Hoje, em um

ritmo um pouco mais comedido, visitamos em média 270, sendo, por alto, 60% desse total na zona rural e no Distrito de Lages e cerca de 40% na sede do Município. O público frequentador de nossa Festa de Encerramento já chegou a ser estimado em 3.000 pessoas, mas, uma estimativa média mais sensata é de que de 1.500 a 2.000 pessoas passam por nossa festa ao logo do dia 5 de janeiro.

Reconhecimentos institucionais. O reconhecimento que nós foliões consideramos mais importante para a conservação de nossa tradição de Reis em Lages é o reconhecimento de cada devoto morador que recebe com fé nossa Bandeira em sua casa. Nada supera para nós o brilho nos olhos de cada morador naquele momento. Mas, como constituímos um grupo que tem uma representação social, somos gratos também ao reconhecimento dispensado pela sociedade, expresso, principalmente em uma Lei Municipal, uma Lei Estadual e uma Medalha que vem do âmbito das entidades culturais de abrangência estadual.

Ao longo do ano de 2018, mediante proposição dos vereadores José Pinto Vieira e Geraldo Paulo Fernandes, com assinatura de todos os 11 integrantes do legislativo municipal, foi construído um projeto de lei visando tornar a Folia de Reis de Lages Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Itapuranga, o que se consolidou com a **Lei Municipal Nº 2.058**, de 05 de janeiro de 2019.

Nossa Festa de Reis já faz parte também do Calendário Cívico Cultural do Estado de Goiás. No dia 12 de março de 2019 o Deputado Estadual Wagner Camargo Neto apresentou um projeto na Assembleia Legislativa, pelo qual “Fica incluída, no calendário cívico cultural do Estado de Goiás, a Festa de Folia de Reis de Lages, comemorada, anualmente, no Distrito de Lages, município de Itapuranga, no dia 05 do mês de janeiro”. A propositura do parlamentar itapuranguense ganha materialidade na **Lei Estadual Nº 20.545**, de 12 de março de 2019.

Por último, no dia 9 de dezembro de 2003 a Folia de Reis de Lages foi homenageada pela União Brasileira de Escritores – Regional Goiás, com a Medalha Tiokô – Categoria Folclore, pelos 60 anos de Giro. A Categoria Folclore tem como patronesse nossa folclorista maior, Regina Lacerda e a Medalha Tiokô é o mais importante reconhecimento anual em Goiás para o campo cultural. A solenidade teve lugar no auditório da Caixa Econômica Federal em Goiânia e a medalha nos foi entregue pelo vereador Hélio de Brito Jr.

PROJETO CULTURAL / PLANO DE TRABALHO

Sob a guarda dos Art. 4º e 5º da Lei invocada no preâmbulo deste requerimento, apresentamos a seguir as demandas que compõem nosso Projeto.

Festa de Saída – 25 de janeiro de 2023

Festeiros: Alaor Rodrigues Viana e Sirlene Maria Ferreira Viana
Endereço: Rua das Palmeiras, nº 309, Setor Bela Vista, Itapuranga-GO

Solicitação: Uma tenda média para o terreno dos fundos, Sistema de som, 200 cadeiras, 4 banheiros químicos (2 M e 2 F) e bloqueio da rua em frente à residência.

Giro de casa em casa – de 25 de dezembro a 05 de janeiro

Responsáveis: Lindomárcio Eustáquio Pessoa, Igor Teixeira Pessoa e Samuel Alves Parreira.

Trajetos: Distrito de Lages e comunidades do seu entorno, mais Xixazão e Xixazinho, na Sede do Município.

Solicitação: Veículo fechado (van ou micro-ônibus), com motorista e combustível, para o transporte dos foliões e folionas, dia e noite.

Festa da Chegada – 05 de janeiro de 2024

Festeiros: Hélio Antônio de Sousa e Nilvani Guimarães de Oliveira
Localização: Fazenda Córrego da Onça

Solicitação: - Serviço de máquinas a combinar com o festeiro
- 4 tendas grandes – armação duas a duas
- 8 banheiros químicos (4 M e 4 F)
- 800 cadeiras
- Serviço de som
- Lixeiras

CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO/QUADRO RESUMO

**PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAPURANGA
À SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E TURISMO**

PROJETO CULTURAL/PLANO DE TRABALHO

PROJETO CULTURAL:

Festa de Reis de Lages – 80 Anos

DATA E HORÁRIO DA REALIZAÇÃO:

Dia 25 de dezembro de 2023, durante todo o dia; de 25 de dezembro a 05 de janeiro, dia e noite; dia 05 de janeiro de 2024, durante todo o dia.

SEGMENTO:

Grupo Informal

1 – DADOS CADASTRAIS DO CONCEDENTE

ÓRGÃO CONCEDENTE: SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E TURISMO		CNPJ:
ENDEREÇO: RUA PREFEITO JOÃO BATISTA DA TRINDADE, Nº 90 CENTRO		
BAIRRO: CENTRO	CIDADE: ITAPURANGA	CEP: 76680-000
E-MAIL:		TELEFONE:
NOME DO RESPONSÁVEL GESTOR(A)/SECRETÁRIO(A) DA PASTA:		CPF:

2 – DADOS CADASTRAIS DO PROPONENTE

PROponente:	CPF:
Folia de Reis de Lages	

SEGUIMENTO: [] PESSOA FÍSICA, [] PESSOA JURÍDICA, [] ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL [X] GRUPO INFORMAL [] OUTRO		
ENDEREÇO DO REPRESENTANTE LEGAL: Rua 46, Q. 01, L. 38, S/N		
BAIRRO: Setor Canastra	CIDADE: Itapuranga	CEP: 76.680-000
E-MAIL:		TELEFONE:
NOME DO RESPONSÁVEL: Lindomárcio Eustáquio Pessoa		CPF: 759.948.521-04

3 - HISTÓRICO DA MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICO CULTURAL (COM REGISTRO FOTOGRÁFICO)

Com a chegada dos mineiros para se juntarem aos goianos nativos da região, as matas de terras férteis deram lugar às plantações viçosas, principalmente dos produtos básicos da sobrevivência rural de então, especialmente milho, arroz, feijão e mandioca. E, além desses cultivos ainda de rudimentar manejo, a mineirada trouxe também a tiracolo as tradições religiosas e os costumes da sociabilidade aprendida no além-Paranaíba. Foi assim que chegaram imediatamente a esta região as novenas, as benzeções, a Congada, a Coroação de Nossa Senhora, os mutirões, o jogo de truco, os pagodes em dias de “treição”. Cumpre-nos destacar aqui que, agora, a Coroação de Nossa Senhora do Rosário é, também, Patrimônio Cultural Imaterial do Município, por força da LEI Nº 2.223, DE 06 DE OUTUBRO DE 2023.

A primeira destas manifestações culturais a se instalar às margens do Ribeirão, e que é marca fundamental do folclore e da religiosidade mineiro-goiana, foi a Folia de Reis. Um dos herdeiros de Joaquim David, **Lindolfo Joaquim de Borba**, com o suporte da fé das muitas famílias espalhadas pelos diferentes espigões da Fazenda Lages e adjacências, foi quem empunhou com determinação nossa Bandeira que permanece viva até os dias de hoje. Tendo como primeira Festeira da Saída sua jovem filha **Zamita de Borba**, Lindolfo Joaquim de Borba desencadeou o Giro de nossa Folia no dia 25 de dezembro de 1943. E no dia 5 de janeiro de 1944, em sua residência onde é hoje a propriedade de Vander Cardoso, “Véi-Lindor”, como familiares e amigos o chamavam em suas últimas décadas de vida, realizou nossa primeira Festa de Reis.

E assim, com a exceção dos dois anos de interrupção por causa da pandemia da Covid-19 (2020/2021 e 2021/2022), nossa Folia de Reis segue realizando seu Giro de casa em casa, cumprindo em cada uma delas sua nobre missão, com a qual nos identificamos com humildade e dedicação, que é o anúncio a todos os moradores de que em Belém nasceu Jesus. Nos dez dias e noites de Giro já chegamos a visitar cerca de 313 residências. Hoje, em um ritmo

um pouco mais comedido, visitamos em média 270, sendo, por alto, 60% desse total na zona rural e no Distrito de Lages e cerca de 40% na sede do Município. O público frequentador de nossa Festa de Encerramento já chegou a ser estimado em 3.000 pessoas, mas, uma estimativa média mais sensata seja de que de 1.500 a 2.000 pessoas passam por nossa festa ao logo do dia 5 de janeiro.



4 - APOIO SOLICITADO:

Festa de Saída – 25 de janeiro de 2023

Festeiros: Alaor Rodrigues Viana e Sirlene Maria Ferreira Viana
Endereço: Rua das Palmeiras, nº 309, Setor Bela Vista, Itapuranga-GO

Solicitação: Uma tenda média para o terreno dos fundos, Sistema de som, 200 cadeiras, 4 banheiros químicos (2 M e 2 F), lixeiras e bloqueio da rua em frente à residência.

Giro de casa em casa – de 25 de dezembro a 05 de janeiro

Responsáveis: Lindomárcio Eustáquio Pessoa, Igor Teixeira Pessoa e Samuel Alves Parreira.

Trajeto: Distrito de Lages e comunidades do seu entorno, mais Xixazão e Xixazinho, na Sede do Município.

Solicitação: Veículo fechado (van ou micro-ônibus), com motorista e combustível, para o transporte dos foliões e folionas, dia e noite.

Festa da Chegada – 05 de janeiro de 2024

Festeiros: Hélio Antônio de Sousa e Nilvani Guimarães de Oliveira

Localização: Fazenda Córrego da Onça

Solicitação: - Serviço de máquinas a combinar com o festeiro

- 4 tendas grandes – armação duas a duas
- Uma tenda média para o bar
- 8 banheiros químicos (4 M e 4 F)
- 800 cadeiras
- Serviço de som
- Lixeiras

5 - OBJETIVO COM O APOIO:

Criar as condições objetivas para a realização de nosso Giro e das festas em louvor a Santos Reis, especialmente nesta passagem de ano (2023-2034), período em que festejaremos os 80 anos de nossa existência. Do público estimado constam cerca de 270 famílias que serão visitadas, mais, de 2.000 a 3.000 pessoas que comparecerão a nossas duas festas (25 de dezembro e 5 de janeiro).

6 - BENEFÍCIOS DE INTERESSE PÚBLICO SERÃO PRODUZIDOS:

Manter e renovar uma tradição folclórico-religiosa que é mais antiga que a criação do Município de Itapuranga, consolidando-se, assim, a condição do Distrito de Lages como referência cultural de nossa municipalidade. Em termos sociais as duas festas e o Giro possibilitarão encontros em diversos níveis: entre pessoas e famílias, entre a população local e moradores de outras regiões que nos visitam, entre os sujeitos sociais e o passado de suas famílias dentre outros. Tradicionalmente nossa Festa de Reis é um acontecimento local, para os moradores de Lages e região. Ocorre que, a partir de 2019, quando nossa Folia e nossa Festa de Reis se tornaram, respectivamente, Patrimônio Cultural Imaterial do Município e referência no calendário cultural do Estado de Goiás (Cf. Leis

assinaladas acima, no histórico da Folia de Reis), gradativamente passaram a ganhar destaque fora dos seus raios de abrangência, podendo com isso, começar a ser percebida como evento de importância também para o turismo e para o comércio municipal.

PEDE-SE APROVAÇÃO.

ITAPURANGA-GO, 13 de novembro de 2023.

Lindomárcio Eustáquio Pessoa
SOLICITANTE

APROVADO:

**SECRETÁRIO(A)/GESTOR(A) DA SECRETARIA MUNICIPAL DE
CULTURA E TURISMO**

REPROVADO/JUSTIFICATIVA DA REPROVAÇÃO:

**SECRETÁRIO(A)/GESTOR(A) DA SECRETARIA MUNICIPAL DE
CULTURA E TURISMO**

**RELATÓRIO DE REUNIÃO – PROJETO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL:
DOIS DEDOS DE PROSA – A FOLIA DE REIS COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL
NO MUNICÍPIO DE ITAPURANGA-GO**

MESTRANDA	Tátilla Roberta Sousa Santos Silva
LOCALIZAÇÃO	Escola Municipal Coronel Virgílio José de Barros
DATA	24/01/2023
HORÁRIO	07h as 09h

PAUTA

Apresentação do projeto de Educação Patrimonial: **DOIS DEDOS DE PROSA – A FOLIA DE REIS COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL NO MUNICÍPIO DE ITAPURANGA-GO** como uma ação educativa, sob uma perspectiva de educação como processo constante de criação de conhecimentos e valorização da diversidade cultural. Análise das atividades que serão desenvolvidas, bem como suas respectivas datas e horários. Indicação por parte dos professores regentes e equipe gestora, da turma de 5º ano que irá participar do projeto de Educação Patrimonial. Visualizando patrimônio como um elemento social inserido nos espaços de vida das pessoas, proporcionar-se-á momentos de reflexões e interação entre os partícipes. Enfatizando nesse sentido, que com a execução do referido projeto, objetiva-se sensibilizar os partícipes a refletirem sobre a temática que envolve Patrimônio Cultural, tendo como foco, a Folia de reis no município, fortalecendo essas discussões em âmbito escolar.

ACOMPANHAMENTOS

Com a apresentação do referido projeto ficou acordado que as atividades de Educação Patrimonial associadas à pesquisa “FIOS QUE SE CRUZAM – DOIS DEDOS DE PROSA VISUALIZANDO A FOLIA DE REIS COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL NO MUNICÍPIO DE ITAPURANGA-GO”, que está sendo realizada por Tátilla Roberta Sousa Santos Silva, no âmbito do Mestrado Profissional em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio – PROMEP/UEG, acontecerão na Escola Municipal Coronel Virgílio José de Barros, envolvendo os alunos dos 5º anos. A pedido dos professores ter-se-á como partícipes da pesquisa, às duas turmas de 5º ano vespertino. Nesse sentido, passa-se de 25 para 50 alunos, que serão convidados a participarem da referida ação de Educação Patrimonial, mediante autorização de seus respectivos responsáveis. As atividades que serão desenvolvidas, bem como as demais etapas, serão realizadas em consonâncias com normativas e resoluções do CEP/CONEP, tendo como premissa o respeito a cada participante voluntário nesse estudo. Em atendimento as colocações dos professores regentes, as datas ficam alteradas, sendo definido os seguintes dias e horários para as atividades:

Atividade 1: BATE-PAPO, dia 31/01/2023 de 13h30 às 15h.

Atividade 2: RODA DE CONVERSA, dia 08/02/2023 de 13h30min às 15h
 Atividade 3: RODA DE MEMÓRIA E AVALIAÇÃO, dia 16/02/2023 de 13h às 15h15min.

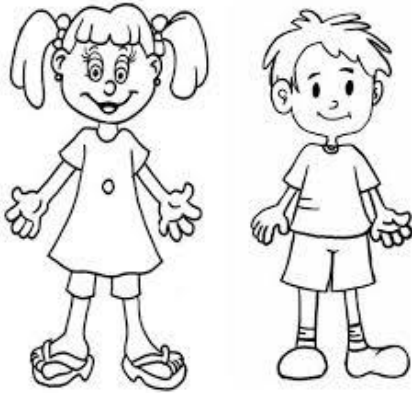
Por motivação dos professores regentes, acrescentou-se uma pergunta no formulário de apreciação ao qual os alunos partícipes serão convidados a responderem, durante a atividade 3: “Qual sua música favorita?”. Alterou-se também a forma de resposta de outras duas questões: “Você já tinha trabalhado sobre Patrimônio Cultural antes?”, “Você tem o costume de frequentar festas?”, passando a ter como respostas a marcação de sim ou não no parêntese correspondente, ao invés da orientação por emojis.





PARTICIPANTES	FUNÇÃO	ASSINATURA
Cleide Aparecida da Silva Lores	Professora regente (Língua Portuguesa/ Ensino Religioso / Geografia)	
Daniela Pereira da Silva Nascimento	Coordenadora pedagógica	
Flávia Cristina Rosa Pires	Gestora escolar	
Leidianne Naier da Silva	Professora regente (Matemática)	
Marcelaine Cristina Correia Silva	Professora regente (Língua Inglesa / Arte)	
Renato Naves Pessoa	Professor regente (Ed. Física / História / Ciências)	
Tátilla Sousa Silva Roberta Santos	Pesquisadora responsável	













Itapuranga, 24 de janeiro de 2023

FORMULÁRIO DE APRECIÇÃO¹¹⁵

Pinte a imagem que te representa, em seguida responda as questões ao lado. Para pintar os emojis se oriente pelo “Conceito de avaliação”, ok!



Conceito de avaliação	
	Não gostei
	Neutro
	Gostei
	Gostei muito

Qual sua idade?				
Qual sua brincadeira favorita?				
Qual sua música favorita?				
O que você mais gosta de fazer?				
Qual o nome do seu município?				
Qual sua comida favorita?				
Gostou de participar desse estudo?				
O que você achou de conversar sobre esse Tema?				
Gostou de conhecer esses integrantes das Folias de Reis?				
Você já foi na Folia de Reis?	Sim ()		Não ()	
Você já tinha trabalhado sobre Patrimônio Cultural antes?	Sim ()		Não ()	
Você tem o costume de frequentar festas?	Sim ()		Não ()	

¹¹⁵ Esse formulário fora aprovado pela equipe gestora, bem como pelos professores das respectivas turmas trabalhadas; estando também em consonâncias com normativas e resoluções do CEP/CONEP, tendo como premissa o respeito a cada participante voluntário nesse estudo. O intuito de se trabalhar com imagens na identificação, é para que através dessas se obtenha resultados de quantos meninos e meninas participaram, visto que o formulário não será identificado por nome, para que os alunos se sintam mais à vontade ao se expressarem.